

**Ecoturismo em Portugal:
Práticas sustentáveis no Alentejo**

Kelli Machado Queiroz Tonon

**Dissertação de Mestrado em Ecologia Humana
e Problemas Sociais Contemporâneos**

Setembro, 2012

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos, realizada sob a orientação científica de Prof. Doutor Jorge Ricardo da Costa Ferreira.

*Dedico ao Luís, pelo apoio incondicional
e por me fazer acreditar que, no fim, valeria à pena.*

AGRADECIMENTOS

Os primeiros agradecimentos vão para a Aline e para a Léia por me terem apresentado o universo académico com tanta paixão e dedicação. Inspirada nelas, vi neste Mestrado a possibilidade de agregar uma mais valia à minha formação de jornalista e, no final, poder levar para o mundo corporativo práticas e conhecimentos discutidos na academia, tão necessários no actual contexto de uma sociedade mais sustentável.

Agradeço aos meus colegas da turma de 2009/2011. Sem dúvida, a multidisciplinaridade da turma foi um contributo que enriqueceu as aulas com a partilha de experiências e interpretações com diferentes pontos de vista. Agradeço pelas partilhas também fora da sala de aula, pelo apoio mútuo e rede de solidariedade uns com os outros que se formava a cada véspera de entrega de trabalhos e, sobretudo, agradeço pelos laços de amizade que se formaram e permanecem.

Agradeço aos professores do Mestrado, que a cada aula me apresentaram assuntos de relevância para lidar com os problemas sociais contemporâneos e novas formas de pensar o nosso papel mundo. Em especial, agradeço ao professor Doutor Jorge Ferreira por me aceitar como orientanda e contribuir para que este trabalho fosse concluído dentro dos rigores académicos.

Agradeço aos meus amigos e à minha família por compreender os meus momentos de ausência em virtude dos estudos e principalmente pelo apoio constante.

Agradeço ao senhor Fernando Moreira, da Biblioteca-Museu República e Resistência, pelas sugestões de leitura durante o processo de pesquisa e por ter me apresentado uma série de iniciativas de boas práticas desenvolvidas no Alentejo, entre as quais os dois empreendimentos que vieram a se tornar os objectos de estudo deste trabalho.

Por último, agradeço ao Luís pelo suporte emocional, pelas boleias até o Alentejo, pelas noites em claro, pelas ajudas com os gráficos, cálculos e folhas de cálculo, por me motivar nos momentos em que cogitei desistir. Enfim, por estar sempre presente em cada etapa deste processo desde o dia um.

**ECOTURISMO EM PORTUGAL:
PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS NO ALENTEJO**

KELLI MACHADO QUEIROZ TONON

RESUMO

O ecoturismo consiste na realização de uma viagem responsável para áreas naturais que preserve o meio ambiente e promova o bem-estar da comunidade visitada, com a preocupação de minimizar os impactos, promover uma experiência positiva para quem visita e para quem recebe, e utilizando os proveitos financeiros directos para a conservação da localidade. Por outras palavras, promover o turismo aliado à conservação, troca de experiências e sustentabilidade.

Entretanto, muitas vezes o termo ecoturismo acaba por ser utilizado sem qualquer relação com o seu real significado, que é de contribuir para a valorização dos diversos ecossistemas existentes no planeta, permitindo que estes sejam visitados e desfrutados, mas sempre com o objectivo de os proteger, para que as gerações futuras também deles possam usufruir, além de gerar benefícios para os agentes locais e, consequentemente, contribuir para a economia local.

Portanto, o principal objectivo desse trabalho é contrapor as práticas de turismo promovidas na região do Alentejo, em Portugal, com o conceito de ecoturismo e verificar se as mesmas são sustentáveis, respeitam o património, os moradores e contribuem com o desenvolvimento cultural e financeiro da localidade.

O Alentejo foi escolhido como estudo de caso por se tratar de uma região com grande potencial turístico, com um rico património natural. Entretanto, a cada levantamento oficial comprova-se que a sua população tem diminuído, trocando o campo pelos grandes centros urbanos.

PALAVRAS-CHAVE: Ecoturismo, Turismo Sustentável, Alentejo, Odemira, Tamera, Zmar

ABSTRACT

Ecotourism consists in the realization of a responsible trip to natural zones that preserves the environment and promotes the well-being of the local community. The ecotourism minimizes its own impact in the environment, promotes a positive experience for guests and hosts. It promotes financial benefits for the environment preservation and protects the ecosystem as a legacy to next generations. In other words the practice of tourism with the ideal of environmental preservation, experience exchange and sustainability.

However, sometimes the true definition of ecotourism is used without any relationship to its own meaning. The main objective of this work is to evaluate the current tourism practices in Alentejo in comparison with ecotourism definition. To confirm if the current local practices are sustainable and if the respect for heritage and the local community contribute to the local culture and economics development.

Alentejo has been chosen as a case study because its great tourism potential, and its rich natural heritage. Although over the last few years the region is suffering with the migration of local citizens to urban centres.

Keywords: Ecotourism, Sustainable Tourism, Alentejo, Odemira, Tamera, Zmar

ÍNDICE

Introdução.....	1
Capítulo I: Enquadramento teórico.....	3
I. 1. Formulação do problema	3
I. 2. Objectivo do estudo.....	4
Capítulo II: Conceitos e Definições	6
Capítulo III: Do global para o local	22
III. 1. O turismo em Portugal	23
III. 1.1. Breve enquadramento da legislação nacional	24
III. 1.2. Plano Estratégico Nacional do Turismo – PENT	27
III. 1.3. O Alentejo	32
III. 1.3.1. Retrato demográfico, económico, social, histórico e cultural	33
III. 1.4. O sector turístico	42
Capítulo IV: Estudos de caso	45
IV. 1. Contextualização	45
IV. 1.1. Odemira	46
IV. 1.2. Indicadores	47
IV. 1.3. Cultura e Património	49
IV. 1.4. Paisagem natural	50
IV. 2. Tamera	51
IV. 3. Zmar Eco Campo Resort & Spa	58
IV. 4. Entrevistas e Inquéritos	63
IV. 4.1. Análise das entrevistas	64
IV. 4.2. Análise dos inquéritos aos hóspedes	67

IV. 4.3. Correlação entre a teoria e a prática	75
Conclusão	79
Bibliografia	85
Recursos electrónicos	89
Anexos	91
Anexo I: Transcrição entrevista Tamera	i
Anexo II: Transcrição entrevista Zmar	xiv
Anexo III: Inquérito utilizadores – português	xxiii
Anexo IV: Inquérito utilizadores – inglês	xxvi
Anexo V: Respostas aos inquéritos consolidadas	xxix
Anexo VI: Dados brutos de respostas aos inquéritos – Tamera	xxxi
Anexo VII: Dados brutos de respostas aos inquéritos – Zmar	xxxiii
Anexo VIII: Imagens Tamera	CD
Anexo IX: Imagens Zmar	CD

INTRODUÇÃO

O ecoturismo tem como princípios minimizar o impacto, construir e preservar o ambiente e a cultura com qualidade e respeito, promover uma experiência positiva para quem visita e para quem recebe, proporcionar benefícios financeiros directos para a conservação da localidade, contribuir financeiramente para o desenvolvimento da comunidade local, promover sensitivamente a melhoria das políticas de meio ambiente, sociais e de clima das localidades visitadas.

A Sociedade Internacional de Ecoturismo (Em inglês TIES: The International Ecotourism Society) define o ecoturismo como “a realização de uma viagem responsável para áreas naturais que preserve o meio ambiente e promova o bem-estar da localidade visitada. Por outras palavras, fazer turismo aliando conservação, troca de experiências e sustentabilidade”.

No Dicionário Técnico de Turismo (Domingues, 1990: 311), o termo é definido como “Designação que se dá à exploração de actividades turísticas que têm por objectivo conservar e preservar os recursos da Natureza e contribuir para a fixação das populações, em regiões rurais, mediante a implementação de medidas adequadas”.

Embora o ecoturismo esteja directamente relacionado com o meio ambiente, tal como é verificado na sua definição, ele vai além do chamado turismo de natureza ou turismo rural. Os dois últimos têm a natureza como principal cenário, entretanto não têm a preocupação com a preservação do meio arraigada à sua prática, tal como o ecoturismo.

Entretanto nota-se um hiato entre o que a definição estabelece e como o conceito é compreendido pelo censo comum. Em muitos casos, operadores turísticos e mesmo os próprios turistas têm uma visão limitada do que o ecoturismo significa, quais as suas potencialidades, de que forma e onde pode ser praticado, o que o diferencia do turismo tradicional e quais benefícios ele proporciona tanto para quem o pratica, quanto para quem o promove.

Essa é a principal razão para a escolha desse tema para a dissertação do Mestrado em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos, uma vez que o

ecoturismo pode ser um instrumento valioso na promoção do desenvolvimento sustentável e, uma das melhores formas de levar determinado assunto ao conhecimento de mais pessoas, é estudando-o.

A presente dissertação está estruturada de acordo com os seguintes capítulos: I Enquadramento teórico; II Conceitos e Definições; III Do global para o local; IV Estudos de caso; seguido da Conclusão, Bibliografia e Anexos.

O capítulo I, *Enquadramento teórico*, apresenta a formulação do problema a ser estudado, os objectivos que se pretende alcançar expondo-se de maneira sucinta a metodologia utilizada.

O capítulo II, *Conceitos e Definições*, faz-se o Estado da Arte, onde é feita a revisão de literatura nacional e internacional sobre ecoturismo e sustentabilidade. O capítulo III, *Do Global para o local*, apresenta a evolução da prática do turismo em Portugal.

No capítulo IV, *Estudos de Caso*, faz-se a contextualização do Concelho de Odemira, seguida da apresentação dos dois estudos de caso seleccionados para serem objectos de estudo da presente dissertação, bem como são apresentados os dados levantados durante o trabalho de campo e uma discussão sobre os mesmos.

O trabalho é encerrado com a Conclusão e respectiva Bibliografia e Anexos.

Do trabalho desenvolvido na presente dissertação, surgiu a participação no painel *Local-global encounters and the making of place and nature: environmental ethnography in the age of conservation and eco-tourism*, promovido durante a conferência internacional *SIEF 2001 - People Make Places - Ways of Feeling the World*, em Abril de 2011, em Lisboa, Portugal.

CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

I. 1. Formulação do problema

A região escolhida para ser o objecto de estudo do presente trabalho foi a Alentejana em virtude de ser uma zona de Portugal com grande biodiversidade, cujas atrações turísticas estão muito relacionadas com o campo e o contacto com uma natureza mais selvagem, sendo assim cenário ideal para a prática de ecoturismo que, em regra, é feito onde o chamado “turismo de massa¹” ainda não chegou.

As principais motivações que levaram à escolha do Alentejo como objecto de estudo em detrimento de outra região portuguesa surgiram durante o primeiro ano do Mestrado, nas aulas de Ecoturismo, dadas pelo professor Dr. Jorge Ferreira. A temática do ecoturismo se mostrou instigante e ia ao encontro dos interesses pessoais da autora, que tem muito gosto por actividades em meio à natureza.

A eleição do Alentejo nada tem a ver com vínculos emocionais ou pessoais da autora. O interesse em explorar essa região do país surgiu após assistir ao documentário “Regresso ao Campo”, exibido pela RTP 2², que reúne diferentes iniciativas de indivíduos – portugueses e estrangeiros – que escolheram o Alentejo como ponto de partida para seus empreendimentos pessoais, sempre tendo a natureza como principal aliado. Os principais pontos fortes da região exibidos foram nomeadamente o facto do Alentejo ser (i) uma localidade com grande potencial turístico, (ii) tem um rico património natural, (iii) alguns empreendedores que apostam nessas duas qualidades e promovem o ecoturismo. Entretanto, apesar desse potencial, estudos apontam que a região tem sofrido com a (iv) evasão dos seus moradores para os grandes centros urbanos e acaba por (v) receber menos incentivos públicos. Além

¹ O conceito turismo de massa refere-se ao turismo organizado para grandes fluxos de veraneantes, praticado em zonas amplamente desenvolvidas e onde existem estruturas adequadas para o efeito. O turismo de massa é um fenómeno moderno, posterior ao último conflito mundial. Os grandes fluxos correm de Norte para Sul, sendo motivações principais o baixo custo das estadias e serviços, assim como as temperaturas amenas de Verão e Inverno (Domingues, 1990).

² “Regresso ao Campo”, programa especial transmitido pela RTP 2, em agosto de 2010. Está também disponível no link: http://tv1.rtp.pt/programas-rtp/index.php?p_id=18374&e_id=&c_id=1&dif=tv. Consultado em 03/06/2011.

disso, o Alentejo é uma região que pode vir a ser prejudicada em virtude das alterações climáticas, com o risco de desertificação dos seus solos.

O presente trabalho foi realizado em duas etapas, seguindo a seguinte metodologia: a primeira fase é composta pela revisão bibliográfica da literatura pertinente – substancialmente internacional – revisão da legislação vigente em Portugal sobre Turismo, a evolução da actividade no país, os impactos económico e ambiental, o ecoturismo em Portugal e análise de indicadores económicos, turísticos e sociais do Alentejo. Já a segunda parte da dissertação apresenta um trabalho empírico, realizado no município de Odemira cuja pergunta de partida foi: é possível praticar ecoturismo e turismo sustentável no Alentejo? Para responder a essa questão, foram estudados dois estabelecimentos cujas propostas apresentadas aos seus clientes remetem a práticas sustentáveis e ecológicas. São eles:

Estudo de caso 1: Guest House do Tamera.

Estudo de caso 2: Zmar Eco Campo Resort & Spa.

Ambos estabelecimentos estão instalados no concelho de Odemira, no distrito de Beja, no Alentejo Litoral.

Como poderá ser verificado no capítulo IV, durante o estudo no terreno foram realizadas entrevistas com os representantes dos dois estudos de caso e aplicados inquéritos a uma amostra de seus respectivos clientes. A partir da análise dos dados obtidos foi possível apurar se tais iniciativas contribuem para o desenvolvimento sustentável, gerando algum impacto positivo sobre a vida dos moradores da localidade, constatar se as práticas são – ou não – sustentáveis e de ecoturismo.

I. 2. Objetivo do estudo

O objectivo do presente trabalho é verificar se o que é praticado por alguns “operadores” condiz com o conceito de ecoturismo e turismo sustentável e, a partir do resultado alcançado, apresentar sugestões de possíveis pontos que podem ser aprimorados para contribuir com o desenvolvimento sustentável da localidade.

Para alcançar tal objectivo, foram estabelecidos tópicos intermédios, tais como tentar compreender a motivação dos turistas ao optarem pelos respectivos estabelecimentos para passar férias; e descobrir o impacto que os dois estudos de caso exercem sobre as localidades onde estão inseridos, de que forma contribuem económica, social e culturalmente para o desenvolvimento local, promovendo a integração entre as suas actividades e a rotina da comunidade, etc.

As hipóteses que se busca comprovar são:

1. Se ambos os estabelecimentos – cada qual dentro das suas especificidades e distintas estruturas – exercem alguma influência sobre a mentalidade de seus clientes, ou seja, se as práticas que exercem geram sobre os seus frequentadores uma nova atitude frente ao turismo.
2. As preocupações ambientais em destaque nos meios de comunicação social estimulam/ interferem/ forçam os operadores turísticos a adoptarem novas maneiras de actuar? Ou ainda: são factores determinantes para os turistas na hora de eleger o destino de férias.
3. De alguma maneira as práticas ecológicas e/ou sustentáveis isoladas de determinados operadores turísticos podem interferir ao seu redor em termos de modificar a rotina da localidade onde estão instalados, inclusive a nível da administração pública.

Em termos práticos, com a metodologia utilizada anteriormente descrita foi possível traçar um perfil da localidade, do turista que a frequenta, com qual estrutura esse turista se depara ao chegar no Alentejo, a motivação que levou os proprietários dos respectivos estudos de caso a investir em actividades sustentáveis naquela região e a motivação que levou turistas a essa região de Portugal. Esses resultados estão apresentados detalhadamente no capítulo IV.

CAPÍTULO II: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Devido à vasta bibliografia existente sobre a temática aqui estudada foi necessário estabelecer critérios e optar pelas definições de conceitos que mais se adequam ao propósito deste trabalho. Portanto, para definição de conceitos recorreu-se maioritariamente a autores internacionais, devido ao facto de haver mais estudos publicados sobre a matéria no estrangeiro.

Já no que diz respeito ao Alentejo especificamente, nada melhor do que recorrer a autores nacionais, no que concerne os aspectos técnicos, geográficos, sociais e económicos da localidade, uma vez que estão familiarizados e a par da evolução das intervenções no Alentejo.

Portanto, ao longo dos próximos capítulos, sempre que forem utilizados termos como turismo e as suas variantes – de massas, rural, de natureza, ecoturismo ou turismo sustentável –, os seus significados estão em conformidade com as definições a seguir.

O turismo é, actualmente, um grande gerador de receitas, sendo classificado como uma das “indústrias” mais importantes do mundo, responsável pela geração de milhares de postos de trabalho tanto nos ramos directamente ligados à prática, como a hotelaria e o serviços de guias, por exemplo, mas também interfere de forma indirecta na restauração e nos comércios locais. Inicialmente elitista, hoje em dia, ao contrário, com a globalização e o aprimoramento dos meios de transporte a um custo acessível, o turismo está cada vez mais ao alcance de pessoas pertencentes a diferentes classes sociais.

O Dicionário Língua Portuguesa³, define turismo como (i) gosto por viagens, (ii) realização de viagens de prazer ou recreio e desporto. Para a Organização Mundial do Turismo (OMT), turismo é toda actividade que as pessoas realizam durante suas viagens, com permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo superior a um dia e inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios

³ Porto Editora, versão online: <http://www.portoeditora.pt/espacolinguaportuguesa/dol/dicionarios-online/>

ou outros propósitos, desde que estes não estejam relacionados com o exercício de uma actividade remunerada no local visitado. Já o turista é aquele que permanece pelo menos uma noite num alojamento colectivo ou particular no local visitado, no próprio país ou no estrangeiro (Careto e Lima, 2006: 23).

“O turismo é um fenómeno humano e social que constituirá no deslocamento de pessoas, provisório e limitado no tempo, de forma a que tal não implique a transferência do local habitual de vivência, tendo como causa fundamental motivações diversas (que poderão ir do simples lazer aos aspectos de ordem profissional) e que tem subjacente, ao aproveitamento dessa deslocação, um misto de evasão do ser humano do seu próprio etno-ecossistema em que está inserido, por um lado, e, por outro, a resultante descoberta de elementos novos de outros meios e culturas, que de forma mais ou menos vincada não deixarão de produzir efeitos de aculturação e/ou enculturação no campo dos costumes e mesmo de ideias” (Baptista, 1997, em Neves, 2005).

O termo turismo tem origem do inglês *tour* e passou a ser utilizado no final do século XVIII, quando famílias da aristocracia inglesa começaram a mandar os seus jovens a um *Grand Tour* pela Europa acompanhados por tutores. A viagem tinha o propósito de complementar a formação desses jovens e costumava durar de três a cinco anos.

A partir da Revolução Industrial, com o desenvolvimento dos meios de locomoção, o turismo ganhou mais adeptos. Entretanto, foi após a Segunda Guerra Mundial, com o desenvolvimento económico sobretudo dos países desenvolvidos que a prática chegou a mais camadas da população. Mais tarde, com o direito ao descanso remunerado, viajar a lazer passou a ser uma das aspirações também da classe trabalhadora. Surge, assim, uma nova categoria de turistas, não tão abastada e que, por esse motivo, exige do mercado a criação de novas modalidades de destinos, acessíveis a pessoas com diferentes expectativas, motivações e poderes aquisitivos.

Em pouco tempo, o turismo ganhou maturidade para se tornar aquilo que é hoje um dos mais importantes ramos económicos mundial, responsável pela geração de enormes receitas e de muitos postos de trabalho. Como definem Guimarães *et al* (2001), um novo sector de competição, de negócios e desafios, atingindo todos os

países em movimento de globalização de mercados. Essa tendência natural da actividade turística despertou a atenção dos governos, que passaram a ver, nela, factor de reequilíbrio orçamentário e de grande rentabilidade.

Entre as décadas de 1950 e 1960, ganhou visibilidade o chamado turismo de massa, que intensifica a ida de um grande número de pessoas aos mesmos lugares, nomeadamente a destinos com “sol, praia e mar”⁴. Nessa altura, operadores turísticos passaram a oferecer pacotes fechados para grandes grupos, com preços reduzidos. A proposta era tornar o turismo acessível ao maior número de clientes, para ser assim mais lucrativo. Os principais destinos oferecidos nesses pacotes com tudo incluído (hospedagem, alimentação e passeios) eram os que possuíam sol e praia.

Num primeiro instante, o turismo de massas passou a ser praticado, maioritariamente pela população dos países industrializados que buscavam o exotismo anunciado pelas paisagens paradisíacas existentes nos países em desenvolvimento. Entretanto, conforme refere Neves (2005), os primeiros sinais de congestionamento e de declínio da actividade turística surgem na década de 1980, quando são reconhecidos os impactos ambientais negativos resultantes da massificação da actividade. A progressiva degradação dos recursos naturais, a urbanização e a consequente descaracterização paisagística e cultural de vastas zonas litorais da Europa Mediterrânea (ex: Algarve) conduzem a uma tomada de consciência, por parte dos governos nacionais e de algumas organizações internacionais, dos impactos negativos do turismo e da sua lógica de curto prazo, sazonal, desequilibrada e de especialização territorial.

Segundo dados da Organização Mundial do Turismo, em 1948 existiam 14 milhões de turistas internacionais; em 1955 eles eram 49 milhões; em 1965, 144 milhões; e, em 1989, 403 milhões (Shaw & Williams, 1994: 22). Um recente barómetro realizado pela organização apurou que em 2011 o número de turistas em chegadas internacionais foi de 980 milhões (UNWTO, 2012), ou seja, nas últimas duas décadas, o volume de turistas ao redor do planeta mais do que duplicou. As previsões da organização são optimistas e estima-se que em 2012 seja alcançada a marca de 1 mil milhão de turistas.

⁴ Termo derivado da expressão 3S, em inglês: sea, sand, sun.

Num mercado que se tornou tão competitivo ao longo dos anos, um grande aliado dos operadores de turismo para atrair novos clientes foi o marketing, como forma de tentar persuadir os turistas a irem para determinados destinos em detrimento de outros. “O novo mercado de turismo, com seu marketing revolucionário, envolve situações não cogitadas no tempo em que os deslocamentos de pessoas eram envolvidos em auréola de coragem, aventura e mitos” (Guimarães *et al*, 2001).

Outro factor que impulsionou foi o que pode ser classificado como a “diminuição das distâncias”, uma vez que, face aos avanços tecnológicos no sector dos transportes e das comunicações, trajectos mais longos passaram a ser percorridos com cada vez maior facilidade e rapidez. “A evolução dos modos de transportes, dos poderes de compra, dos géneros de vida, favoreceu este processo de mobilidade, levando cada geração a fazer deslocações cada vez mais frequentes e longínquas, no quadro de migrações impensáveis há cinquenta anos atrás (...). O que no passado era excepção, tornou-se possível e habitual na vida quotidiana actual” (Bailly *et al*, 2009: 45-46).

Em termos económicos, o advento das companhias aéreas chamadas de “baixo custo” (*low cost*), que oferecem bilhetes para viagens de curta duração a preços reduzidos e sem qualquer espécie de serviço agregado ao cliente, como servir alguma refeição, como é comum nas companhias convencionais, faz com que a possibilidade de comprar uma passagem esteja acessível a cada vez mais pessoas. Colocando isso em números, em 2010, os aeroportos de Portugal registaram uma movimentação de 11,2 milhões de passageiros dos quais 4,4 milhões foram transportados por companhias de baixo custo⁵, o que representa 39% de todas as chegadas no país.

Entretanto, enquanto os números do turismo crescem ano após ano – em 2010, o sector movimentou 5% do PIB mundial (UNWTO, 2012) – os efeitos negativos sobre o meio ambiente começaram a dar os primeiros sinais logo nos anos seguintes à sua massificação. Nomeadamente com a geração de resíduos, a poluição ambiental, atmosférica e sonora, o desenvolvimento sem planeamento de complexos turísticos, a

⁵ Fontes: INE, 2011; Turismo de Portugal, 2011; Aeroportos de Portugal (ANA): http://www.ana.pt/Relatorios/Relatorios_de_Trafego/LISBOA/files/assets/downloads/publication.pdf. Consultado em 11/03/2012.

interferência no modo de vida dos moradores das localidades onde esses empreendimentos foram instalados e a perda da cultura desses povos. “Em diversos países, existem exemplos que apontam o desenvolvimento do turismo como sendo a principal causa da degradação ambiental” (Neves, 2005: 40).

Em paralelo, as questões das alterações climáticas passaram a ganhar voz nos meios de comunicação e a mobilizar cada vez mais pessoas que ao invés de um pacote turístico fechado, quase “industrializado”, buscavam algo selvagem, *in natura* e alternativo, que permitisse apreciar a natureza, deixando sobre o local visitado o menor impacto possível, em outras palavras, algo mais sustentável e menos explorado. São pessoas predominantemente provenientes de centros urbanos que procuram por descanso e tranquilidade longe do stress e do ritmo acelerado da vida moderna na cidade, que passam a ver o turismo rural⁶ e o turismo de natureza⁷, o contacto com a natureza como a melhor opção para se desligarem da vida urbana.

Surge, então, o ecoturismo, com princípios que visam minimizar o impacto, construir/ preservar o ambiente e a cultura com qualidade e respeito, promover uma experiência positiva para quem visita e para quem recebe, prover benefícios financeiros directos para a conservação da localidade, contribuir financeiramente para o desenvolvimento da comunidade local, promover sensitivamente a melhoria das políticas de meio ambiente, sociais e de clima das localidades visitadas.

O conceito de ecoturismo foi usado pela primeira vez na década de 1980, sendo atribuído ao arquitecto mexicano Hector Ceballos-Lascurain, que apresentou o termo como a ideia de “viajar a áreas naturais relativamente pouco perturbadas ou contaminadas, com o objectivo específico de estudar, admirar, gozar as paisagens, a sua fauna e flora silvestre, assim como qualquer manifestação cultural (tanto passada como presente) que se encontre nessas áreas. O turismo ecológico implica uma

⁶ Conceito de turismo praticado em zonas do ‘hinterland’ ou rurais. O turismo rural tem registado expressivo desenvolvimento nos últimos anos, resultante quer dos excessos de urbanização de muitas áreas do litoral e do correspondente congestionamento, quer dos anseios de fruição da Natureza (Domingues, 1990: 312).

⁷ Produto turístico composto por estabelecimentos, actividades e serviços de alojamento e animação turística e ambiental realizados e prestados em zonas integradas na rede nacional de áreas protegidas (Cristovão e Simões, 2003: 18).

apreciação científica, estética, artística, filosófica ou profissional” (Neves, 2005: 75; Dowling e Page, 2002: 23-25).

Conforme a definição, o principal objectivo da prática de ecoturismo era propiciar uma imersão do ecoturista na natureza de uma forma que regularmente ele não estava habituado a fazer em sua rotina urbana. Ceballos-Lascurain traçou ainda algumas características do praticante de ecoturismo como sendo uma pessoa que busca adquirir conhecimento do meio ambiente junto com os aspectos culturais da localidade, o que vai contribuir para que ela seja ainda mais envolvida com as questões da preservação do meio. Nas palavras do autor: “will eventually acquire a consciousness and knowledge of the natural environment, together with its cultural aspects, that will convert him/her into somebody keenly involved in conservation issues” (Dowling e Page, 2002). Isto é, o ecoturista assume o compromisso de preservar o meio que visitará, bem como de contribuir para a sua manutenção. Para além das atraentes paisagens, a sua viagem é motivada por experiências de imersão, nas quais ele se integra à comunidade a qual visita e deixa um contributo para o seu desenvolvimento, quer seja financeiro, social ou cultural.

Krüger (2005) completou esse perfil, afirmando que os ecoturistas também costumam possuir elevado nível de educação e que entre as suas características, está preocupado com a ética ambiental e se esforça para não degradar a fonte de recursos naturais. Além disso, o ecoturismo tem um grande potencial para atrair novos adeptos à preservação dos ambientes naturais visitados depois que participam de uma actividade relacionada com o ecoturismo. Isso é, “their psychographic characteristics include the possession of an environmental ethic and a willingness not to degrade the resource. This indicates the large potential ecotourism might have in raising not only revenues for conservation but also awareness among people who often support conservation schemes after an ecotourism experience”.

Ceballos-Lascurain actualizou o conceito de ecoturismo em 1993, adicionando em sua definição a preocupação que a prática fosse, para as regiões que recebem os ecoturistas, economicamente viável. De outra maneira, dentro de pouco tempo correriam o risco de se tornar zonas turísticas degradadas como muitas outras. Assim sendo, o conceito passou a ser compreendido como “Ecotourism is environmentally

responsible travel and visitation to relatively undisturbed natural areas, in order to enjoy and appreciate nature (and any accompanying cultural features – both past and present) that promotes conservation, has low negative visitor impact, and provides for beneficially active socio-economic involvement of local population” (Dowling e Page, 2002: 23-25). De facto constatou-se que o ecoturista está disposto a gastar mais dinheiro em hospedagem, transporte, alimentação e actividades turísticas, desde que as mesmas se mostrem comprometidas com a preservação da localidade e o seu desenvolvimento.

O termo foi adaptado ao longo dos anos. Actualmente, a Sociedade Internacional de Ecoturismo o define como “uma prática cujos princípios são minimizar o impacto, construir/ preservar o ambiente e a cultura com qualidade e respeito, promover uma experiência positiva para quem visita e para quem recebe, prover benefícios financeiros directos para a conservação da localidade, contribuir financeiramente para o desenvolvimento da comunidade local, promover sensitivamente a melhoria das políticas de meio ambiente, sociais e de clima das localidades visitadas” (TIES⁸, 2010).

Embora o ecoturismo esteja directamente relacionado com o meio ambiente, como sua definição deixa claro, ele vai além do chamado turismo de natureza ou turismo rural. Os dois últimos têm a natureza como principal cenário, entretanto não têm a preocupação com a preservação do meio bem como a contribuição para o desenvolvimento financeiro do local visitado enraizados à sua prática, tal como o ecoturismo, por definição, o tem.

Para o ecoturismo existir é preciso que sectores distintos da sociedade passem a trabalhar de maneira integrada para assim possibilitar a gestão dos recursos naturais, a preservação do meio ambiente, a capacitação da localidade para estar apta para receber os turistas sem que para isso abra mão de suas tradições. Nas palavras de Neves (2005: 77), o ecoturismo “representa, assim, uma actividade económica, ambiental e cultural que combate o flagelo da pobreza, da exclusão social e do êxodo, que utiliza as tradições e culturas dos habitantes de uma determinada localidade e que permite o arranque de um desenvolvimento nacional e local, integral e sustentável”.

⁸ Fonte: <http://www.ecotourism.org/what-is-ecotourism>. Consultado em 18/10/2010.

Portanto, pode-se dizer que o ecoturismo é uma prática que visa, para além da prática do turismo, contribuir ou, pelo menos, minimizar, os impactos sobre o meio ambiente. Assim como sugere o turismo sustentável, é uma prática que leva em consideração preservar hoje o património natural disponível, respeitando os diversos ecossistemas existentes no planeta, com o propósito de os deixar em condições de serem desfrutados pelas gerações futuras.

Para Nunes (2008: 79), o turismo sustentável é um investimento para sempre, uma vez que busca um trabalho em conjunto – e transdisciplinar – entre diversos sectores da sociedade. “Planear o turismo sustentável é valorizar os recursos do território, é contribuir para preservar o ambiente, é mobilizar atitudes de cidadania, é promover o espírito de cooperação e de parceria, é melhorar a qualidade de vida das comunidades”.

Para além disso, há a ideia de que no campo, a vida é mais saudável, portanto deve-se para lá ir sempre que há a oportunidade. Como afirmam Shaw e Williams (1994: 223-239), “Rural areas have long played an important role in tourism and leisure within the developed world. Rural areas are perceived variously; as idylls to which to escape from the pressures of modern urban-industrial society, as untamed wildernesses which can rekindle the human spirit, or simply as large reserves of open areas suitable for space-intensive recreational pursuits. (...) The country has come to be defined in terms of qualities which are absent from urban life”.

O turista que pratica essa modalidade evita grandes redes de hotelaria e está disposto a pagar mais pelo alojamento, uma vez que as unidades locais às quais dá preferência, geralmente dispõem de pequena capacidade de quartos. Também são pessoas que movimentam o comércio, tem as refeições em restaurantes e adquirem produtos manufacturados localmente (Pedro, 1999: 86-94). São pessoas que buscam novas experiências, num ambiente diferente, sem que para isso tenham que mudar substancialmente de costumes, ou reduzir o seu nível de vida (Pedro, 1999: 10; Shaw e Williams, 1994: 83).

Nesse ponto sobre manter o mesmo padrão de vida há um risco, no turismo tradicional, de cada vez haver menos descobertas num destino turístico. Isso em virtude da generalização do inglês, das redes de hotelaria internacionais, do pequeno

almoço padronizado, do cartão de crédito como moeda internacional, das mesmas grifes em todas as cidades e até do estilo dos centros urbanos das cidades, que não importa o país, possuem estruturas semelhantes: ruas exclusivas para peões e redes de *fast-food* à disposição dos turistas. Com tantas similaridades, Bailly *et al* (2009) veem num turismo que pode ser o ecoturismo uma das poucas maneiras ainda disponíveis de se vivenciar experiências novas e diferentes. “A verdadeira viagem estará provavelmente cada vez mais reservada às raras pessoas que terão a possibilidade de se aventurar em espaços «extremos», apesar desta noção já ter sido recuperada pelos nossos modos de consumo (turismo, vestuário, alimentação). Ficará então o sonho puro, a viagem imaginária, pelo espírito apoiado nos seus mediadores que são os relatos ou a arte em geral. Ficará também o horizonte, à frente do qual será sempre possível alimentar a ilusão de lugares fabulosos. Ficará o mar, o céu e as nuvens. E, quando tivermos balizado e banalizado todos os lugares do planeta, a viagem fictícia será talvez a viagem mais real” (2009: 168-170).

Na óptica da Organização Mundial do Turismo, o conceito de turismo sustentável “designa, sobretudo, uma gestão de todos os recursos de tal forma que as necessidades económicas, sociais e estéticas sejam reencontradas no respeito pela integridade cultural e ambiental dos territórios receptores, da sua diversidade biológica e do seu quadro de vida. Essa noção veicula, pois, os princípios que deveriam ser aplicados a todas as formas de actividade, serviços e infra-estruturas turísticas. Para tal, é necessário um planeamento e um desenvolvimento das infra-estruturas turísticas, que veiculem a sustentabilidade ambiental, social e económica” (UNWTO, 2010).

Mas como bem apuraram Dowling e Page (2002), embora haja muitas e diferentes definições para ecoturismo, turismo de natureza, turismo rural, turismo sustentável e tantas outras modalidades, na prática, os termos são utilizados conforme o interesse dos operadores turísticos e nem sempre da forma mais apropriada. Os autores explicam: “the true is there is considerable confusion among the terms ‘sustainable tourism’, ‘nature-based tourism’ and ‘ecotourism’. All three terms are neither synonymous nor mutually exclusive. All tourism comprises either mass tourism or alternative tourism. The former is characterised by large numbers of people seeking

replication of their own culture in institutionalised settings with little cultural and environmental interaction in authentic settings”.

Kiss (2004) faz uma crítica sobre a forma como o ecoturismo é promovido pelo seguinte argumento: apesar de ser efectivamente uma grande ferramenta que pode contribuir para o desenvolvimento sustentável de diversas localidades espalhadas pelo planeta, a autora afirma que se deparou muitas vezes com projectos de ecoturismo vagos, com indicadores pouco concisos acerca do número de pessoas ou o tamanho de uma reserva que será beneficiada por meio de investimentos de sectores privados. E esse é um ponto fraco do sector, conforme aponta.

O artigo da autora foi feito no sentido de alertar as organizações que promovem o ecoturismo e necessitam de financiamentos para o facto de que empresas privadas, geralmente, investirem em programas/ projectos que representarão algum retorno para a companhia. Para além disso, a autora enfatiza que embora o ecoturismo tenha como princípio minimizar impactos, não se pode deixar de lado o facto de que algum impacto sempre é causado no meio ambiente. “For biodiversity conservation, ecotourism is a fairly good land use, but not as good as (effective) pure protection”, enfatiza.

Numa análise feita a 251 estudos de caso de ecoturismo, realizados entre 1969 e 2001, verificou-se que em apenas 17% dos empreendimentos em questão o ecoturismo contribuiu efectivamente para o desenvolvimento local e para a preservação da área explorada (Krüger, 2005).

Em contrapartida, 70 dos casos foram classificados como insustentáveis, isso devido a factores como alteração no habitat, erosão do solo, poluição, uso abusivo do solo, a representar uma ameaça para as espécies locais – fauna e flora –, ao invés de promover a cultura local, provocam mudanças no comportamento da comunidade, falta de controle sobre o número de acesso de turistas e ausência de estudos sobre o impacto que a actividade gera sobre o local. “The results emphasise the need for effective control and management of tourist numbers and distribution which came out as one of the most important reasons for unsustainable case studies” (Krüger, 2005).

O estudo levou a concluir que quanto mais as comunidades locais são envolvidas no projecto, desde a sua criação, tem voz activa nas decisões, recebem educação ambiental e permanecem envolvidas durante a actuação do empreendimento, maiores as chances do projecto se manter sustentável e ter sucesso. “(...) ecotourism can only be an effective conservation tool under certain conditions. If these are met, the evidence indicates that ecotourism can make a contribution to conservation. (...) To make ecotourism work for conservation, very careful planning and management is needed before and during development and parallel to the running of any ecotourism project” (Krüger, 2005).

Nesse sentido de protecção, o ecoturismo vai ao encontro do turismo sustentável e é inclusive colocado debaixo do grande chapéu do Desenvolvimento Sustentável, uma vez que entre as principais considerações do conceito está o respeito pelo meio ambiente e pelas pessoas, o respeito às comunidades que recebem, o incentivo para que as mesmas se desenvolvam e preservem o seu património, utilizem os recursos naturais disponíveis de maneira controlada e racional para que as futuras gerações também usufruam dos mesmo. “Podemos, assim, considerar o Ecoturismo como uma ferramenta do Desenvolvimento Sustentável, na medida em que este visa a satisfação das necessidades dos turistas e das regiões de acolhimento e, ao mesmo tempo, procura proteger e valorizar os recursos de amanhã, através do ordenamento e de uma gestão equilibrada dos recursos existentes, por forma a responder, quer às necessidades económicas e sociais, quer assegurando a identidade cultural, os mecanismos ecológicos essenciais, a diversidade biológica e os sistemas essenciais à vida. Desta forma, o Ecoturismo poderá proporcionar o desenvolvimento das populações locais de forma equilibrada, igualitária e sustentável” (Neves, 2005).

O conceito Desenvolvimento Sustentável surgiu em 1987, na altura em que a Comissão das Nações Unidas para o Ambiente e Desenvolvimento publicou o relatório Brundtland – *O nosso futuro comum*, mas foi durante a Cimeira da Terra, no Rio de Janeiro, no Brasil, em 1992, que ele passou a ser utilizado e conhecido.

Segundo o relatório, Desenvolvimento Sustentável consiste em:

- Responder às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades.
- Um processo de mudança em que a exploração dos recursos, a direcção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a transformação institucional se ajustem às necessidades presentes e futuras.
- Não existe um modelo ideal de Desenvolvimento Sustentável, já que os sistemas político-económicos e os dados ecológicos variam de um local para outro. O que se mantém constante é a procura pelo equilíbrio entre os seres humanos e o património natural do planeta (Careto e Lima, 2006: 47-49).

O conceito estendeu-se mais tarde para o sector do turismo, surgindo, então, o turismo sustentável, que consiste em conseguir combinar o número adequado de visitantes, bem como o efeito da actividade por eles gerada no destino e dos serviços oferecidos pelas empresas locais, de forma a que se possa manter no futuro a qualidade do ambiente em que aquelas actividades se baseiam (Careto e Lima, 2006: 50). Tudo isso tendo em consideração o respeito e a preservação a longo prazo dos recursos naturais, culturais e sociais e contribuindo de forma positiva e equitativa para o desenvolvimento económico e para o conforto das pessoas que vivem, trabalham e permanecem em determinadas regiões. Numa palavra: equilíbrio. O turismo sustentável significa manter o equilíbrio entre os interesses do gestor que deseja explorar uma localidade, o que essa localidade tem a ganhar e, principalmente, o que ela tem perder com tal exploração.

Nesse sentido, é preciso manter os objectivos claros, inclusive para os moradores locais, que podem interpretar a abertura de uma nova exploração turística como uma “alavanca” e uma promessa para o desenvolvimento da sua localidade e criar expectativas elevadas a esse respeito. “The opportunities for the development of tourism have been evaluated differently by the respondents interviewed as second part of sustainable development. 64% view an increased level of tourism with positive tendencies, 28% are neutral and only 8% view the development with negative feelings.

Those supporting an extension of tourism want a slow development in the form of nature-oriented tourism with small accommodation establishments and holiday apartments adapted to the rural architectural style. The population hopes for new jobs and expects an economic up-turn of the location by the attraction of retail trades and high quality catering. The attractiveness of the village could be enhanced by increased tourism. Therefore, the village would gain greater value in terms of leisure” (Maier e Menchen, 2000).

A geração de emprego é uma das consequências do turismo sustentável. Entretanto é preciso que o equilíbrio entre os interesses dos dois lados estejam em constante sintonia, do contrário a população pode virar-se contra a iniciativa, caso não atenda às expectativas criadas. Como afirma Partidário (*et al*, 2000), os benefícios tem que ser mútuos. “Both the tourism activity and the environment have mutual benefits in establishing a strong compromise, in line with its actual relationship. Tourism will ensure that the stock base of natural resources on which it depends will be ensured, maintained and even improved. The environment will ensure a strong ally in protecting its sensitive structure and in using its services in a proper and balanced way”.

Nos parâmetros da definição do conceito de Desenvolvimento Sustentável, o estímulo às potencialidades nessas localidades receptoras é a única maneira de proporcionar às pessoas que ali vivem melhoria das suas condições de vida em simultâneo com a protecção dos recursos naturais. Nesse cenário, o ecoturismo executa um papel fundamental, uma vez que promove a protecção ambiental e o desenvolvimento económico para a localidade.

O património cultural e histórico também entra na relação de itens a serem preservados, uma vez que são eles que contam a história da localidade, os seus hábitos, a maneira como evoluiu no tempo e como transmitiu as suas tradições de geração em geração. Com a globalização, é fácil as comunidades adoptarem hábitos importados ou mesmo recriar culturas que não são suas, algo que mistura a vontade de preservar o passado e, ao mesmo tempo, abrir espaço para novas vivências. “O passadismo está muitas vezes em contacto com o desejo de renovação, o medo de ver os lugares que amámos desaparecerem para sempre é indissociável da necessidade

sentida simultaneamente de os destruir, para podermos, finalmente, viver outra coisa, algo de novo, ‘lugares novos’” (Bailly, 2009).

A herança cultural é um património que não deve ter o seu valor subestimado pelos operadores turísticos. Da mesma maneira, não convém que façam uso exclusivamente comercial, com o único propósito de atrair turistas, o que pode representar um gasto de investimento sem o retorno esperado, pois tem grandes possibilidades de não criar um apelo suficientemente forte a ponto de tornar-se uma atração de sucesso. “Quando tratada pela indústria da herança, a herança é a tradição refeita em termos de espectáculo. Os edifícios reconstruídos em locais de interesse turístico podem parecer esplêndidos, e a reconstrução pode ter sido autêntica até ao mais ínfimo pormenor. Mas a herança assim protegida deixa de ser alimentada pelo sangue vital da tradição, a qual está em conexão com a experiência da vida corrente” (Giddens, 2000 citado em Joaquim, 2003).

Entre alguns organismos que tem a preservação da herança cultural mundial como seu principal foco de trabalho, se destaca a The World Heritage Alliance for Sustainable, criada pelas Nações Unidas para realizar um trabalho direcionado a viajantes, agentes de viagens, organizações governamentais e não-governamentais. A sua filosofia é que cada indivíduo desempenha um papel crucial na conservação da herança global e das comunidades locais.

Uma questão que se levanta é sobre a valorização dessa herança. Como são hábitos que fazem parte do quotidiano local, muitas vezes a comunidade não lhes dá o valor turístico ou comercial, até que alguém de fora veja o potencial e o faça. É o que Nordgreen (2000) chama de “home blindness”. Como explica: “Owners and performers of heritage, as well as people living in the region where it belongs therefore do not realise its real value as a possibility unique phenomenon in a wider territorial context. They do not realise its potential as income-generator for the owner, the performer, for tourism and other industries and thus for the economic initially necessary that the potential of non-material heritage is identified by eyes from the outside, and subsequently that its potential is defined, assessed and made visible for performers, local society and industry”.

O importante é articular os interesses de ambas as partes para que seja um processo saudável e sustentável para o local em questão. “O turismo sustentável engloba todos os tipos de turismo, o rural, o de aventura, o cultural, o balnear, etc. Estamos a falar de um modelo de desenvolvimento, que pretende ser em simultâneo, um instrumento de ordenamento do território e um instrumento de fixação das populações” (Joaquim, 2003).

Para Careto e Lima (2006: 99), o turismo sustentável “implica no aproveitamento racional dos recursos e a redução de tensões nos usos, políticas de conservação dinâmicas e estratégias evolutivas, uma concepção de desenvolvimento que equaciona, equilibra e articula valências sociais e ambientais presentes nos territórios e comunidades”.

Como corrobora Meira (2011: 10-11), o turismo sustentável é aquele que promove a preservação e a melhoria do património cultural e natural, o desenvolvimento local e o bem-estar generalizado, criando postos de trabalho e regenerando espaços. No entanto, como enfatiza a autora, “quando não devidamente planeado, o turismo pode ter um impacto negativo sobre os territórios e sobre as populações”. Justamente por essa razão, que a sua prática tem que ser desempenhada em conjunto por organizações públicas e privadas, pelo viajante e pela população receptora.

Em resumo, o turismo atingiu parâmetros inimagináveis, a ponto de não ser possível imaginar a vida contemporânea sem ele, quer em termos económicos, quer em termos de lazer e recreação. Em muitas cidades – e até mesmo países – o principal ingresso de rendimentos está directamente ligado ao turismo, o que em outras palavras significa que se de um dia para outro os turistas deixassem de viajar, imediatamente geraria um impacto brutal e nefasto sobre a economia de diversas localidades que dependem exclusiva e indirectamente desse sector.

Como foi visto, pouco a pouco surgem iniciativas e propostas que tem como principal objetivo mitigar o impacto do turismo sobre o meio ambiente. Cresce também a categoria de viajantes interessada em não apenas explorar e visitar, mas que deseja preservar, se envolver, contribuir, formar parte de uma experiência mais duradoura, que deixe impactos positivos após a sua visita.

Ainda há um longo caminho que o ecoturismo e o turismo sustentável precisam percorrer para fazer com que os seus conceitos se estendam por mais agentes de turismo, comunidades, viajantes, organismos não-governamentais e, sobretudo, organismos governamentais, uma vez que são eles os principais responsáveis pela criação e fiscalização de legislações que facilitam ou não a exploração turística desenfreada em zonas naturais que necessitam de preservação. Do contrário, a exploração turística indiscriminada pode resultar no comprometimento de mais zonas que à partida deveriam ser protegidas e fazer com que desapareçam as paisagens naturais por completo.

Capítulo III: DO GLOBAL PARA O LOCAL

Em termos globais, a Organização Mundial do Turismo registou um aumento no turismo de 2010 para 2011 de 4,4% em chegadas internacionais. O sector movimentou 980 milhões de turistas em 2011, contra 939 milhões registados no ano anterior. O volume financeiro gerado através do turismo equivale a 5% do PIB mundial e representa 6% do volume de exportações globais. Actualmente, o sector é responsável por empregar uma em cada 12 pessoas (UNWTO, 2012).

É de se ressaltar que todos esses resultados foram alcançados num ano marcado por cenários pessimistas com a crise económica em vários países da Europa, e catástrofes naturais – tais como o terramoto seguido de tsunami e explosão de um reator nuclear no Japão, em Março de 2011, e a erupção do vulcão Eyjafjallajokull, na Islândia, que provocou um caos aéreo mundial, em Abril de 2010. Cada um dos eventos à sua maneira representou um abalado momentâneo no sector, mas conforme foi verificado, tais interferências não se reflectiram de maneira negativa nos resultados finais. O ano de 2011 superou as expectativas inclusive para a própria UNWTO. Para 2012 a organização prevê que o sector atingirá a marca de 1 mil milhão de turistas em chegadas internacionais.

Do volume mundial de turistas, 503 milhões deslocaram-se para a Europa em 2011 (UNWTO, 2012). Em 2010, o continente recebeu 473 milhões (UNWTO, 2011). Com isso, a Europa manteve-se como aquele que mais recebeu turistas e o mais maduro em termos turísticos, ou seja, que oferece boas estruturas de transporte, hotelaria, diversidade de atracções e restauração. Portugal está na 17ª posição mundial como destino turístico e 20ª em geração de receita (UNWTO, 2010; Careto e Lima, 2006).

III. 1. O turismo em Portugal

Nos últimos dez anos, o turismo representou em média 8,8% do PIB de Portugal. Em 2010, o sector foi responsável por 9,2% do Produto Interno Bruto, gerando um consumo turístico de € 16 mil milhões, com um saldo da balança turística de € 4,7 mil milhões. O Valor Acrescentado Gerado pelo Turismo (VAGT) foi de € 6,3 mil milhões, o que representa um crescimento de 6,4% em relação a 2009. O sector destaca-se como a principal actividade exportadora nacional, tendo sido responsável, em 2010, por 14% do total das exportações de bens e serviços (Turismo de Portugal, 2011).

Em 2009, o turismo receptor – de pessoas de fora de Portugal – representou 55,4% do volume total e 39,1% foi decorrente de turismo interno. O país emissor número um de turistas para Portugal é a Espanha, que vem seguido do Reino Unido, Alemanha, França e Holanda (Turismo de Portugal, 2011).

Dados de 2008 apontam que o sector empregava 420,4 mil indivíduos, o que corresponde a 8,2% da população portuguesa. Desse valor, 91,6% eram trabalhadores por conta de outrem e apenas 8,4% trabalhadores por conta própria (Turismo de Portugal, 2011). Com o cenário de crise, as medidas de austeridade colocadas em prática pelo actual governo podem ter contribuído para a diminuição desses valores, mas ainda não há indicadores oficiais mais actualizados.

O principal produto atractivo turístico de Portugal é o de “sol e mar”. Entretanto, como aponta o Eurobarometro de 2009, as questões ambientais e de sustentabilidade estão mobilizando cada vez mais os turistas, que passam a escolher os seus destinos também com base no critério “sustentabilidade”. Por essa razão, um dos objectivos do Turismo de Portugal é destacar o país como um destino com muito ainda por ser explorado, uma vez que 20% do seu território é classificado como área protegida, tais como parques naturais e reservas.

III. 1.1. Breve enquadramento da legislação nacional

Em 1993, foi publicado o relatório *Loving them to Death*, fruto de um estudo sobre a prática de turismo em áreas protegidas realizado pela Federação Europarc. A partir desse documento foi redigida, naquele mesmo ano, a *Carta Europeia de Turismo Sustentável*, que propõe o exercício de um turismo menos intenso e que seja capaz de integrar os aspectos ambientais, culturais e sociais com o desenvolvimento económico das zonas visitadas. Os objectivos traçados no documento vão ao encontro de muitas das prioridades mundiais elencadas na *Agenda 21*, estabelecida um ano antes, em 1992, durante a Cimeira da Terra, no Rio de Janeiro, que entre outras preocupações, alertava para a necessidade de políticas de desenvolvimento sustentável para a preservação de todo o planeta para as gerações futuras.

A carta apresenta como principais objectivos: (i) conservar e valorizar o património; (ii) promover o desenvolvimento social e económico, bem como a preservação e o melhoramento da qualidade de vida dos habitantes locais; (iii) a gestão dos fluxos de visitantes; e (iv) o aumento da qualidade da oferta turística de maneira equilibrada, tal como sugerem as definições de turismo sustentável e de ecoturismo.

Em Portugal, foi a partir dos anos 70 que a preservação da natureza passou a figurar o espaço legislativo e os políticos passaram a voltar suas atenções para a criação de estratégias de preservação da natureza. O primeiro documento publicado com esse intuito foi a Lei nº 9/70, de 19 de Junho, que previa a protecção de espaços naturais e estabelecia a criação de áreas protegidas, reservas naturais e conjuntos de sítios e lugares classificados.

Ao longo dos anos, além de leis, o governo estabeleceu também a criação de órgãos de fiscalização e controlo, tais como o Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza (SNPRCN), pelo Decreto-Lei nº 49/83, de 31 de Janeiro e, dez anos depois, a criação do Instituto da Conservação da Natureza (ICN), por meio do Decreto-Lei nº 193/93, de 24 de Maio.

Paralelamente, em 1978 tem início no país o percurso legal da prática de Turismo em Espaço Rural (TER) através do Decreto Regulamentar nº14/78, de 12 de Maio, que regulamentou o alojamento de quartos particulares em moradias e

apartamentos, o que depois de certa altura passou a ser chamado “Turismo de Habitação”, reconhecido pelo Decreto-Lei nº 423/83, de 5 de Dezembro.

Novas regras para o chamado “Turismo de Natureza” foram firmadas pelo Decreto-Lei nº 108/2009, de 15 de Maio, que estabelece que todos os empreendimentos e operadores que promovem essa modalidade e actuem em território abrangido pela Rede Nacional de Áreas Protegidas devem estar em conformidade com o referido decreto e a respeitar um código de conduta – estabelecido pela Portaria nº 651/2009, de 12 de Junho⁹ – que impõe um conjunto de normas que visam assegurar a responsabilidade empresarial e boas práticas ambientais.

O referido código de conduta contém oito itens no que concerne a responsabilidade social e 10 itens que devem ser respeitados no que diz respeito a boas práticas ambientais e estabelece critérios desde as informações que devem conter no logo tipo das referidas empresas até indicação para orientar os seus clientes a respeitar a biodiversidade local e a manter os locais visitados limpos.

O Ministério da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território tem por obrigação manter as normas que regem o seu segmento em conformidade com o que é indicado pela União Europeia e também com necessidades que surgem com o passar dos anos, nomeadamente questões como as alterações climáticas e a necessidade de políticas mais sustentáveis para todo o país.

Nesse sentido, Portugal possui um conjunto de diplomas legais que além de regulamentarem as práticas, criam formas de as promoverem de maneira saudável para as localidades que recebem visitantes, sem que para isso as mesmas tenham que abdicar dos seus costumes, adquirir novos hábitos para se tornarem atractivas aos turistas e também de maneira a que o turismo possa gerar riquezas através da criação de novos postos de trabalho, evitando com isso, que os moradores locais emigrem.

“Os resultados das trocas culturais têm promovido a revitalização das tradições locais, criando condições para a recuperação de actividades desaparecidas ou inanimadas, insuflando manifestações culturais e repondo ciclo de eventos de várias naturezas, animando o agora, e trazendo à população de acolhimento, sem

⁹ Disponível em http://portal.icnb.pt/NR/rdonlyres/F90E6897-97EF-4C85-A506-B3C5B9332CD0/0/Port_651_2009.pdf. Consultado em 15/07/2010.

degradação dos recursos locais, satisfatórias condições de existência e de bem-estar” (Pais, 1998: 9, citado em Pedro, 1999: 17-88).

Em 2010, o Conselho de Ministros aprovou a criação do Plano de Adaptação às Alterações Climáticas para o Turismo, que tem como principal objectivo manter-se constantemente actualizado sobre os riscos iminentes e, dessa maneira, encontrar formas de diminuir a vulnerabilidade e mesmo ampliar o poder de resposta frente a uma situação de emergência ou catástrofe.

Entre os problemas na agenda actual que necessita de atenção do sector está a escassez de água e, para lidar com a situação, o Turismo de Portugal estabeleceu medidas de uso eficiente de água e transmitiu para os empreendimentos turísticos, para que fossem colocadas em prática. Entre as medidas para evitar o desperdício de água, por exemplo, a entidade sugere a redução da troca de lençóis e toalhas, e utilização de redutores de caudal, de temporizadores nas torneiras e de autoclismos de baixo consumo. Levantamentos mostram que de 2009 para 2010 o número de estabelecimentos que adoptaram as medidas cresceu, embora ainda não represente a maioria dos empreendimentos espalhados por Portugal.

Outro ponto diz respeito à redução da emissão de gases com efeito estufa. No sector turístico, o deslocamento dos turistas – principalmente por meio do transporte aéreo – é o grande vilão. Estima-se que em 2009 foram emitidas cerca de 7 Mton CO₂ eq (Turismo de Portugal, 2011) em viagens de avião a Portugal. Esse cálculo foi feito como base no número de chegadas ao país dos principais países emissores de turistas: Reino Unido, Espanha, França, Alemanha, Holanda, Irlanda, Bélgica, Brasil, Suíça e Itália.

No que diz respeito a empreendimentos turísticos, em Portugal, o alojamento é responsável por 95% das emissões de energia directa (Turismo de Portugal, 2011). No caso das emissões decorrentes da utilização de energia eléctrica e a gás, o Turismo de Portugal (2011) verificou que a emissão de gases diminuiu 17%, isso em razão de cada vez mais empreendimentos estarem a adoptar sistemas de energia renovável. Ainda assim, o volume estimado de emissões, em 2009, referente ao consumo energético foi de aproximadamente 381 mil toneladas de CO₂ eq.

Para além de exigir medidas mais amigas do ambiente e a capacitação por meio de formações dos profissionais do sector, a entidade que regulamenta a actividade no

país aposta também na consciencialização dos turistas, transformando-os assim em aliados à sua causa. Isso porque uma vez informados sobre a importância de se economizar água, por exemplo, partirá do cliente a iniciativa de utilizar mais de uma vez a mesma toalha, a redução do tempo no banho e a economia de outros recursos naturais. A informação, nesse caso, também pode ser um instrumento na mão do turista, que optará por locais mais preocupados com as questões do meio ambiente, a conservação do património e do ecossistema.

III. 1.2. Plano Estratégico Nacional do Turismo – PENT

Entre as iniciativas para promover o turismo nacional de maneira saudável, tendo em consideração o potencial económico do sector, em 2007 o Conselho de Ministérios aprovou a Resolução nº 53/2007, lançando o Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT), que define cinco eixos como foco de trabalho, ou seja, áreas que precisam ser aprimoradas para o turismo se tornar mais atractivo em todo o país. Esses eixos são:

1. Território, Destinos e Produtos
2. Marcas e Mercados
3. Qualificação de Recursos
4. Distribuição e Comercialização
5. Inovação e Conhecimento

O PENT também estabelece a criação de 10 produtos estratégicos, que foram criados após as “matérias-primas” de Portugal serem estudadas, ou seja, as condições climáticas, recursos naturais e culturais. Dessa forma, todo o território português – continental e ilhas – foi dividido em termos de interesse turístico de forma a ser encaixada em um ou mais dos seguintes produtos:

1. Sol e Mar
2. *Touring* Cultural e Paisagístico
3. *City Break*
4. Turismo de Negócios

5. Turismo de Natureza
6. Turismo Náutico (inclui os Cruzeiros),
7. Saúde e Bem-estar
8. Golfe
9. Resorts Integrados e Turismo Residencial
10. Gastronomia e Vinhos

Como se pode verificar, embora seja um plano de aperfeiçoamento do turismo actual e com vista a ser executado até o ano de 2015, com foco no crescimento económico do sector, mas também sem deixar de olhar para o desenvolvimento sustentável do mesmo, o PENT não contempla práticas de ecoturismo. O conceito de sustentabilidade está previsto no tópico referente à preservação dos recursos e construções sustentáveis, aplicável nomeadamente no caso de novas edificações que respeitem as directivas da Comunidade Europeia de certificação enérgica, controle de emissões, utilização de energias renováveis e materiais de construção de origem controlada.

O Turismo de Natureza, que de certa maneira está relacionado com o tema principal deste trabalho, representa em Portugal 6% das motivações primárias dos turistas. Segundo levantamento prévio à publicação do PENT, as regiões onde esse produto é mais importante são os Açores (36%) e a Madeira (20%).

No que diz respeito ao Alentejo, os pontos-chave previstos pelo PENT como apostas para aprimorar o turismo na região, conforme ilustra o Quadro nº 1, são:

1. Crescimento em número e sobretudo em valor de turistas – misto de turismo nacional e internacional
2. *Cross-selling* com Lisboa
3. Contraste entre tranquilidade e diversão saudável
4. Aposta no *Touring*, Sol e Mar e Golfe (pólo Litoral Alentejano) para potenciar o crescimento do Turismo

Ou seja, a aposta será em actividades que de certa maneira asseguram o retorno do investimento financeiro e promovam a intensificação do uso dos espaços

naturais. O Turismo de Portugal assegura que o projecto de promoção do Alentejo não seguirá os mesmos passos dados na região Algarvia anos anteriores, com a construção indiscriminada de prédios juntos à costa. Entre as regras estabelecidas, os novos empreendimentos no Alentejo não podem possuir mais do que dois andares e o material de construção deve ser de origem controlada. Entretanto, é preciso deixar mais claro como será feito o controle sobre o número de acesso de turistas e fiscalização sobre o impacto que essas alterações podem causar nos locais em questão.

Para Camilo (*et al*, 2010: 1006-1030), a região do Alentejo deveria fazer parte do grupo no qual o turismo de natureza é promovido devido a factores como a grande oferta de recursos naturais disponíveis e pelo facto de se destacar no que toca à prática de Turismo em Espaço Rural (TER). Além disso o investimento nesse segmento viria a beneficiar a região desenvolvendo suas zonas naturais da melhor maneira para serem exploradas sustentavelmente, ampliar a quantidade de empresas qualificadas na zona e qualificar a mão de obra local. “It is absolutely vital to create a new tourism dynamic based, among other factors, in a renewal of the space management. This will tend to increase the demand for a higher quality, based on the crossing between different tourism products”.

Quadro nº 1: Proposta de potenciais acções a aprofundar no Alentejo

	> Touring	> Sol e Mar	> Golfe	> T. Náutico, Saúde e Bem-estar, Resorts Integrados e T. Residencial e Gastronomia e Vinhos
Factores distintivos	<ul style="list-style-type: none"> > Évora > Castelos e fortificações > Património arqueológico e arquitectónico > Aldeias típicas > Pousadas 	<ul style="list-style-type: none"> > Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina > Praias/falésias 	<ul style="list-style-type: none"> > Novos campos de golfe inseridos em resorts de qualidade > Tempo ameno fora do período de Verão 	<ul style="list-style-type: none"> > Vinhos do Alentejo > Riqueza gastronómica > Pólo Alqueva
Principais acções a desenvolver	<ul style="list-style-type: none"> > Desenvolver rotas (vinho, castelos, doçaria, arqueologia romana) > Requalificar aldeias típicas 	<ul style="list-style-type: none"> > Proteger a orla costeira > Ordenar e qualificar o acesso às praias > Promover o desenvolvimento de desportos náuticos (ex: <i>surf, kite surf</i>) > Desenvolver oferta complementar (restaurantes, comércio) 	<ul style="list-style-type: none"> > Promover o desenvolvimento de campos de golfe (pólo Litoral Alentejano) 	<ul style="list-style-type: none"> > Promover o desenvolvimento de Turismo Náutico no Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina e de actividades náuticas no pólo Alqueva > Desenvolver Resorts Integrados no pólo Litoral Alentejano > Desenvolver oferta hoteleira no pólo Alqueva num modelo sustentável
Acções transversais	<ul style="list-style-type: none"> > Requalificar a oferta hoteleira > Promover o desenvolvimento da oferta de animação diurna (passeios, jogos medievais, passeios de balão) > Desenvolver a animação nocturna (Tróia e pólo Litoral Alentejano) 			

Fonte: Turismo de Portugal, 2010

Como forma de incentivar iniciativas empreendedoras no país, por meio do Decreto-Lei nº 174/2008, de 26 de Agosto, foram instituídos os chamados projectos de Potencial Interesse Nacional (PIN's). Para ser classificado como tal, o projecto necessita de atender ou obedecer a uma série de condições impostas pela Agência Portuguesa para o Desenvolvimento, sendo as principais: (i) estar comprometido com a sustentabilidade ambiental: (ii) respeitar as legislações referentes ao ordenamento do território e às regras ambientais em vigência. É preciso, ainda, que os projectos atendam a pelo menos quatro dos seguintes requisitos¹⁰:

- Produção de bens e serviços transaccionáveis, de carácter inovador e em mercados com potencial de crescimento;
- Efeitos de arrastamento em actividades a montante ou a jusante, particularmente nas pequenas e médias empresas;
- Interação e cooperação com entidades do sistema científico e tecnológico;
- Criação e/ou qualificação de emprego;
- Inserção em estratégias de desenvolvimento regional ou contribuição para a dinamização económica de regiões com menor grau de desenvolvimento;
- Balanço económico externo;
- Eficiência energética e ou favorecimento de fontes de energia renováveis.

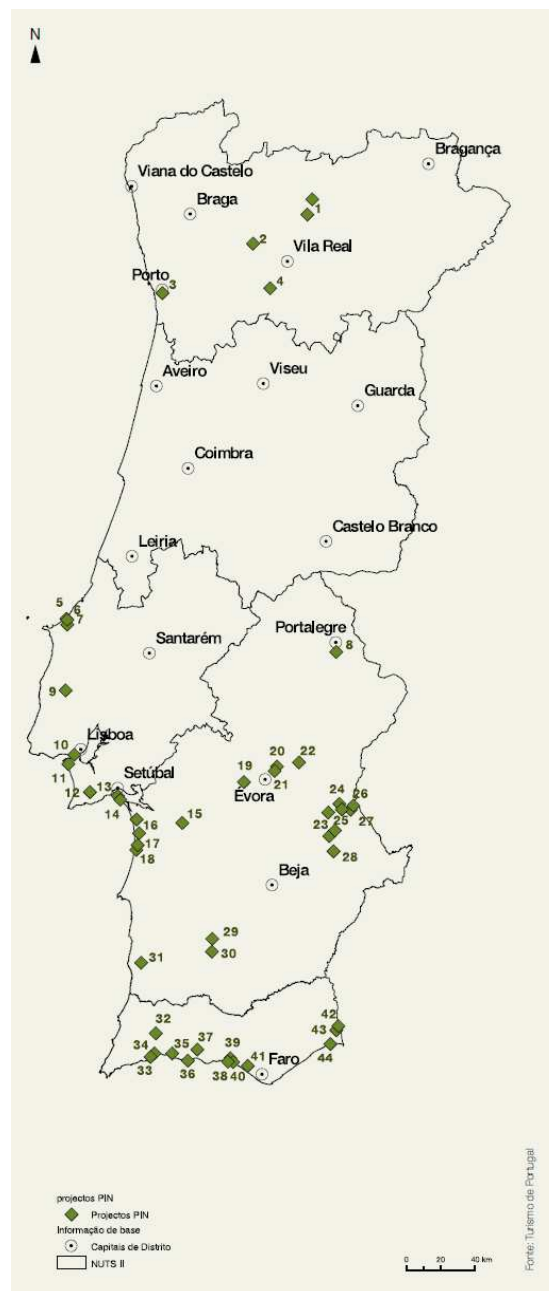
À partida, era preciso que os projectos tivessem um investimento global superior a 25 milhões de euros. Entretanto, em 2011, com a publicação do Decreto-Lei nº 76/2011, de 20 de Junho, o valor do investimento necessário baixou para 10 milhões de euros. Dessa maneira, pretende-se simplificar e agilizar o processo de investimento empresarial em actividades que diversifiquem a base económica existente. Caso o valor investido seja inferior ao montante estabelecido, mas o

¹⁰ Fonte: Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação - IAPMEI (<http://www.iapmei.pt/iapmei-art-03.php?id=1934>). Consultado em 24/04/2012.

projecto tenha um forte apelo para investigação e desenvolvimento, inovação aplicada ou de manifesto interesse ambiental ele também pode ser classificado como PIN.

É interessante observar que dos 44 projectos PIN voltados para o turismo em todo o território nacional, 20 deles estão localizados na região do Alentejo, o que representa 45% do total (Figura nº 1).

Figura nº 1: Distribuição dos Projectos de Potencial Interesse Nacional na Área do Turismo



Fonte: Turismo de Portugal, 2010

III. 1.3. O Alentejo

O Alentejo está localizado no Sudoeste da Europa, a Sul de Portugal Continental, entre as regiões de Lisboa e Vale do Tejo e Centro a Norte e a Noroeste, e tendo o Algarve como região a Sul. Faz fronteira com a Espanha, a Este, designadamente com as províncias de Cáceres, Badajoz e Huelva. Possui 58 municípios, distribuídos em 35,8 mil Km². De acordo com dados preliminares do Censos 2011 (INE, 2011), a região conta com 758,7 mil habitantes, sendo que esse número representa uma redução de 2% na população na última década.

Por estar no meio do país, próximo à Área Metropolitana de Lisboa, ter fronteira com a Espanha e estar a meio caminho para o Algarve, a região do Alentejo acaba por ser muito beneficiada por estradas e auto-estradas. No que concerne ao sistema ferroviário a região conta com os serviços Intercidades e Regional oferecidos pela CP – Comboios de Portugal – que chegam a Évora e a Beja, partindo de Lisboa ou Faro.

O transporte aéreo ainda carece de mais desenvolvimento. Desde os anos 90 que se discute a utilização da Base Aérea de Beja de maneira conjunta entre os sectores civil e militar. Em Maio de 2011 o aeroporto recebeu o primeiro voo comercial proveniente de Londres. Ao longo do ano, o aeroporto operou 22 voos e recebeu 421 passageiros¹¹, valores ainda baixos e que reflectem na falta de estrutura ao redor do aeroporto para dar suporte aos visitantes e motivá-los a chegar a Portugal por Beja, ao invés de Lisboa ou Faro.

Para o Turismo do Alentejo, além de ser uma maneira de expandir o potencial turístico da localidade, a utilização da estrutura já existente representa ganhos temporais importantes e um custo de operacionalização relativamente reduzido. Para além disso, a região de Beja oferece às companhias aéreas de baixo custo condições económicas e técnicas favoráveis para a criação de bases operativas, tal como aconteceu na região do Sul da França, nos anos 1990 (POTA I, 2009: 54). Embora

¹¹ Fonte: <http://www.publico.pt/Local/aeroporto-de-beja-teve-798-passageiros-em-quatro-meses-1516110?all=1>

acredite no potencial económico para toda a região alentejana, a entidade reconhece que a localidade “não está devidamente potenciada, nem estruturada”, admitindo que poderá vir a utilizar essa nova “porta de entrada” como meio de faze-la “funcionar como driver de uma futura estruturação da oferta” (POTA I, 2009: 55).

III. 1.3.1. Retrato demográfico, económico, social, histórico e cultural

- **Demografia**

Quadro nº 2: Densidade populacional

Território	População Residente	0-14 anos	15-24 anos	25-64 anos	> 65 anos	Densidade Populacional (hab/Km2)	Área (km2)
Alentejo Litoral	96.169	11.801	10.443	51.493	22.432	18,3	5.255,78
Alto Alentejo	116.830	14.608	12.040	60.067	30.115	18,7	6.249
Alentejo Central	168.893	22.331	17.545	89.058	39.959	29,7	7.393,40
Baixo Alentejo	127.581	16.875	14.126	66.690	29.890	14,9	8.542,80
Região Alentejo	509.473	65.615	54.154	267.308	122.396	20,4	27.440,98

Fonte: INE; POTA, 2009

Conforme se verifica no Quadro nº 2, o Alentejo é representado, actualmente, por uma imagem que mostra uma região com elevadíssima concentração de idosos (acima dos 65 anos), grande concentração da população nos centros urbanos que ocorreu como consequência do maciço despovoamento do mundo rural. Em termos locais, os residentes com idades entre os 25 anos e os 64 anos representavam na altura 52,3% da população. Como aponta o Quadro nº 2, o Alentejo é uma zona onde há muito mais idosos do que pessoas em idade activa, o que representa uma dificuldade de auto-regeneração.

A densidade populacional, em 2007, rondava os 18,9 habitantes por km2. Quando esses indicadores são colocados lado a lado com os indicadores das demais regiões portuguesas constata-se que há no Alentejo um forte despovoamento territorial.

Enquanto o índice de envelhecimento nacional é na ordem dos 187,9 – o que já é bastante significativo – , em determinadas áreas do Alentejo esse número sobe para 207,5. Em contrapartida, a taxa bruta de natalidade ronda os 7,7% (Pota I, 2009: 74-75). O que leva a concluir que o Alentejo é um território despovoado e envelhecido. Dados do Censos 2011 corroboram: nos últimos 30 anos a região perdeu mais de 60 mil moradores (INE, 2011). O declínio populacional tem bases na baixa fecundidade, no baixo índice de mortalidade e na migração para outras regiões do país ou para o estrangeiro. Por outras palavras, a baixa taxa de natalidade conjugada com o alto índice de envelhecimento leva a região para uma situação na qual o rejuvenescimento da população mostra-se pouco provável.

Em previsões efectuadas pelo INE (Projeções de População Residente Portugal, 2004) estima-se que o Alentejo contará com uma população inferior a 500 mil habitantes em 2050, com um acentuado envelhecimento da população, uma vez que a população com mais de 65 anos aumentará em 17,8% entre 2001 e 2050 ao passo que a população com idades entre os 14 e os 64 anos diminuirá 14,8% no mesmo período. O Turismo do Alentejo vê tais indicadores como ameaças e pontos frágeis a serem cuidadosamente trabalhados para que a prática do turismo não sofra – junto com a região – de empobrecimento cultural, económico e social.

Para Vacas (2000), desde sempre se esperava que o Alentejo fosse a região de Portugal menos povoada, por causa das diferenças geográficas que há entre a região com o Norte e o Sul do país relacionadas com a qualidade do solo, o clima, abastecimento hidrográfico, vegetação e também as políticas de repartição dos latifúndios, que são bem distintas. Enquanto no Norte os loteamentos são repartidos em pequenas porções, no Alentejo, cada proprietário possui grandes extensões de terra.

“Todavia, porque a partilha da terra era defeituosa e dêsse vício resultavam grandes inconvenientes, cedo se inicia a reacção contra ela. Datam de D. Dinis as primeiras medidas legislativas tendentes a obstar a tais inconvenientes, num ataque enérgico contra a excessiva concentração latifundiária. Por elas, todos os donatários de grandes doações seriam obrigados a manter em cultura os terrenos incultos e abandonados, sem o que reverteriam à coroa ou seriam entregues a quem os quisesse

trabalhar. A nobreza e o clero, directamente atingidos, procuram reagir e frustrar-se a estas medidas, o que, em virtude da sua influência, por vezes conseguem” (Vacas, 2000: 15).

O autor coloca uma questão: “uma das soluções para povoar mais o Alentejo seria dividir os loteamentos e assim gerar mais proprietários/ produtores, entretanto devido às condições bem específicas do solo da região, que não é tão fértil e necessita de tempo entre as plantações para ser produtivo – o que exige que as propriedades sejam grandes, para assim haver intercalação dos pedaços de terra (método afolhamento) ano a ano. “Nestas condições, como seria possível o parcelamento da terra levada ao extremo e a instituição do regime de pequena propriedade como meio de valorizar o Alentejo, pelo aumento da sua população, se aí a pequena propriedade se revela incompatível com a sua exploração intensiva?”, indaga Vacas.

Diante de expectativas tão pessimistas, fica evidente que gestores e população locais necessitam aliar esforços para buscar maneiras de reverter a actual situação sob o risco de em alguns anos a região estar completamente abandonada. Tão importante quanto novas medidas se mostra necessário o acompanhamento constante das mesmas, para verificar a sua eficácia.

- **Economia**

O sector que mais gera empregos no Alentejo é o do comércio por grosso e a retalho, seguido da Administração Pública, da agricultura e da construção. Para confirmar os indicadores, a maior parte do seu território é dedicada à agricultura: 20,7% das empresas instaladas ali estão ligadas a esse ramo de actividade.

Como se verifica no Quadro nº 3, a população empregada do Alentejo é de 372,7 mil. A localidade possui 46,5 mil desempregados, o equivalente a 12% da sua população activa. O quadro ainda mostra que o rendimento médio mensal no Alentejo é 2,7% inferior à média nacional (INE, 2011).

Quadro nº 3: População activa x população desempregada

Período de referência dos dados	Local de residência (NUTS - 2002)	População activa (Série 2011 - Nº) por Local de residência (NUTS - 2002), Sexo, Grupo etário e Nível de escolaridade mais elevado completo; Trimestral	População desempregada (Série 2011 - Nº) por Local de residência (NUTS - 2002) e Sexo; Trimestral	Rendimento médio mensal líquido (Série 2011 - €) da população empregada por conta de outrem por Local de residência (NUTS - 2002) e Sector de actividade económica (CAE Rev. 3); Trimestral
		Nº (milhares)	Nº (milhares)	€
1.º Trimestre de 2011	Portugal	5554,8	688,9	813
	Continente	5303,7	659,2	816
	Alentejo	372,7	46,5	794

Fonte: INE, 2011

- População activa (Série 2011 - Nº) por Local de residência (NUTS - 2002), Sexo, Grupo etário e Nível de escolaridade mais elevado completo; Trimestral
- Rendimento médio mensal líquido (Série 2011 - €) da população empregada por conta de outrem por Local de residência (NUTS - 2002) e Sector de actividade económica (CAE Rev. 3); Trimestral
- População desempregada (Série 2011 - N.º) por Local de residência (NUTS - 2002) e Sexo; Trimestral

A região conta com mais de 12 mil empresas do sector primário, sendo responsável por 28 mil postos de trabalho. A cultura predominante é o olival, seguida pela produção de citrinos, vinha, frutos frescos e frutos secos. Em termos de culturas temporárias, o arranque ficou por conta da produção de cereais para grão, seguida de culturas forrageiras, hortícolas e culturas industriais.

Na distribuição de superfície, os cereais ocupam 174,9 mil hectares de território agrícola – sendo o trigo o principal produto, seguido da cevada e da aveia. Imediatamente a seguir estão os olivais, que ocupam 152,8 mil hectares e, em terceiro lugar em termos de ocupação territorial estão as vinhas, que forram 22,8 mil hectares (Pota I, 2009: 135).

Conforme aponta Roxo (2006: 69), a produção cerealífera, sobretudo a do trigo imposta entre as décadas de 20 e 30 pela gestão do então governo gerou grandes resultados na altura, tendo a produção de trigo duplicado no espaço de uma década somente na região do Alentejo. Entretanto, os bons resultados atingidos na altura pela

“Campanha do Trigo” mostraram-se nefastos para a região nas décadas seguintes. O uso exaustivo do solo para uma única espécie de alimento foi um dos factores responsáveis pela desertificação do solo e – consequentemente – pela crescente evasão da população local para as zonas metropolitanas. Actualmente, 36% do território português está susceptível à desertificação, sendo o Alentejo uma das regiões mais afectadas.

“Mas, mais valioso do que tudo isso, e representando a maior de tôdas as riquezas do Alentejo, temos agora a extracção da cortiça praticada nos montados de sôbro. É tão importante o seu valor e tão considerável a exportação dêste produto, que podemos orgulhar-nos de ocupar, entre todos os países do mundo, o primeiro lugar como produtores e exportadores” (Vacas, 2000: 61). De acordo com a Associação Portuguesa de Cortiça, o país é responsável por 52% da produção mundial de cortiça, o que equivale a mais de 150 mil toneladas ao ano (APCOR, 2010).

A pecuária também tem bastante destaque no Alentejo, sendo a criação de aves a maior da localidade, representando 44,4%, seguida por ovinos (32,4%), suínos (10,2%) e bovinos (8,6%). Em menores escalas de criação encontram-se caprinos, abelhas, equídeos e coelhos.

A actividade económica da região está tão arraigada ao campo que o Alentejo se orgulha de seus produtos tradicionais, sendo esses valorizados e reconhecidos nacional e internacionalmente. A região conta com 16 produtos com Denominação de Origem Protegida e 26 produtos com a certificação de Indicação Geográfica Protegida, entre essas destaca-se a carne de porco alentejano, o presunto de Barrancos, a ameixa de Elvas, o queijo de Serpa, o mel do Alentejo, a cereja de S. Julião, o azeite de Moura, embutidos como chouriço de carne, farinheira, morcela e paio, o borrego do Baixo Alentejo, entre outros. O sector é visto como uma potencialidade e valorizado tanto pelo povo local, quanto pelo governo, que utiliza-os como pontos para fortalecer o produto turístico “Gastronomia e Vinhos” (POTA, 2009).

“Pela vocação turística destas actividades primárias, o turismo deve ser também encarado como uma oportunidade para valorizar a terra e os seus produtos,

contribuindo para fixar e dignificar as populações rurais, contrariando assim o despovoamento e o abandono do campo alentejano” (Pota I, 2009: 141).

O sector secundário representa aproximadamente 39% das empresas da região e é responsável por cerca de 40,9% dos activos empregados do Alentejo. O maior nicho de mercado é formado por indústrias alimentares, seguido pela indústria metalúrgica e indústria da madeira e cortiça.

Já o sector terciário é compreendido por 39% das empresas existentes na região, que emprega mais de 46% da população. A administração pública e a educação são os principais empregadores nessa categoria.

O sector turístico, compreendido por alojamento e restauração, é responsável pela geração de 12,8 mil postos de trabalho e representa 9,9% das empresas na localidade.

O Porto de Sines foi criado em 1978. Possui 2 mil hectares de área, divididos em cinco terminais que armazenam: granéis líquidos (criado em 1978), petroquímico (inaugurado em 1981), multipurpose (cuja exploração iniciou em 1992), gás natural (actividade iniciada em 2003) e contedores (inaugurado em 2004). Em 1998, passou a ser administrado por uma sociedade anónima, a Autoridade Portuária de Sines. Devido à característica de ser um porto de águas profundas, tem uma forte especialização em produtos energéticos (importação de petróleo e derivados, carvão e gás natural liquefeito).

Dos nove principais portos de Portugal, é o que mais carga movimentada, aproximadamente 40% do volume total. Isso ocorre em virtude de sua posição geoestratégica privilegiada relativamente ao cruzamento das rotas mundiais Norte-Sul e Este-Oeste de transporte marítimo (POTA I, 2009: 52; AICEP, 2012). Em 2011, o Porto recebeu mais de 1.500 navios e movimentou 25 milhões de toneladas de mercadorias (Porto de Sines, 2012).

- **Aspectos sociais**

O Quadro nº 4 mostra a proporção do nível de escolaridade de população do Alentejo, de acordo com os escalões etários. No quarto trimestre de 2010 havia 59,6 mil com formação superior na região enquanto que 82,1 mil pessoas que estudaram apenas até o 1º Ciclo. Não por acaso, esse dado está relacionado com a população entre 45 anos e 64 anos (58,1 mil).

A proporção de moradores que concluíram até o 3º Ciclo já é mais homogênea em todas as faixas etárias.

Quadro nº 4: Nível de escolaridade mais elevado completo

	Total	Nenhum	Básico – 1º Ciclo	Básico – 2º Ciclo	Básico – 3º Ciclo	Secundário e pós- secundário	Superior
	N.º (milhares)	N.º (milhares)	N.º (milhares)	N.º (milhares)	N.º (milhares)	N.º (milhares)	N.º (milhares)
Total	366,7	12,6	82,1	60	83,3	69,2	59,6
15 – 24 anos	23,5	-	0,6 §	3 §	10,3	7,5 §	2,1 §
25 – 34 anos	94,7	-	4,9 §	10,5	27,4	26,4	25,6
35 – 44 anos	94,2	3,2 §	10,8	23,3	22,9	17,8	16,2
45 – 64 anos	142,8	7,6	58,1	23,1	22,1	17,2	14,6
65 e mais anos	11,5	1,8 §	7,7	o	0,5 §	o	1 §

Fonte: INE, 2011.

Sinais convencionais:

§: Desvio do padrão de qualidade/Coeficiente de variação elevado

-: Dado nulo ou não aplicável

o: Dado inferior a metade do módulo da unidade utilizada

No ano lectivo de 2006/2007 havia no Alentejo 1.046 estabelecimentos de ensino básico, 14 escolas secundárias, com 74,2 mil alunos matriculados, maioritariamente no ensino básico. Outro factor interessante relativamente ao índice de educação local foi apontado ao comparar-se os Censos de 2001 e 1991, nos quais é possível constatar que a taxa de abandono escolar, que era de 10,67% em 1991 e caiu para 2,66% em 2001.

Em 2010, havia 388 recintos de espetáculos no Alentejo. Locais como museus, jardins zoológicos, jardins botânicos e aquários receberam aproximadamente 12 mil visitantes (INE, 2011).

No que diz respeito à saúde pública, o Alentejo, em 2009, contava com seis hospitais oficiais e três privados, havendo 1.573 camas disponíveis, 770 médicos e 1.991 enfermeiros, o que dá uma média de cinco enfermeiros e dois médicos disponíveis para cada mil habitantes. A região possui 59 Centros de Saúde, com 515 médicos e 809 enfermeiros e 340 farmácias e postos farmacêuticos móveis (INE, 2011).

A taxa de desemprego no Alentejo é de 28,9%, acima da média nacional que é de 22,4%. Mais de 45% da população activa possui pelo menos a escolaridade obrigatória enquanto que os empregados na região com quadros superiores ou especialistas equivale a 18,5% (INE, 2011).

A região possui 95% do seu território abastecido pelo sistema público de água, enquanto 85% da região possui sistemas de drenagem de águas residuais e 76% estão cobertas por estações tratamento de águas residuais (ETAR) (INE, 2011).

- **História**

A actual campanha turística do Alentejo é: “Tempo para ser feliz”¹². E motivos para a região se promover dessa maneira não faltam. O visitante encontra variedade gastronómica, monumentos históricos bem preservados, um clima convidativo em praticamente todo o ano e o ar de vida no campo que os alentejanos se orgulham e fazem questão de preservar. Ao promover a região, o Turismo de Portugal enfatiza que há Alentejo para todos os estilos de viajantes: os familiares, os casais, os jovens e os seniores.

A cidade de Évora, classificada como Património da Humanidade pela UNESCO, é o principal destino turístico do Alentejo. As suas muralhas guardam ruínas romanas, heranças árabes, tesouros da igreja católica e um património arquitectónico de diferentes estilos. Mas em termos de património histórico, o Alentejo está cheio de

¹² Fonte: Turismo do Alentejo <http://www.visitalentejo.pt/pt/brochuras/>. Consultado em 12/02/2012.

monumentos e resquícios de civilizações desde o Período Paleolítico, passando pelos romanos, árabes até chegar nos tempos actuais e estes não se concentram em apenas uma cidade ou aldeia, estão por toda a região.

Para se ter uma ideia do tamanho da diversidade, em Alcácer do Sal, por exemplo, no subsolo do Convento de Aracoeli, hoje Pousada D. Afonso II, podem ser observadas ruínas de habitações da Idade do Ferro, romanas e muçulmanas. Essa conjugação de períodos pode ser encontrada em muitas zonas do Alentejo.

A rota que liga as cidades de Montemor-o-Novo, Évora e Monsaraz guarda uma grande concentração de antas, cromeleques e menires da cultura megalítica, conjuntos de pedras que foram ali colocados e remontam os séculos IV e III a.C. Esses monumentos estão espalhados pelo campo e há indicações ao longo dos caminhos – de carro ou pedestre – para que o turista os localize.

Do período romano os fragmentos vão desde calçadas, pontes, muralhas, termas, até santuários, teatros e barragens que podem ser vistos em Marvão, Monforte, Évora, Alvito e Beja. A ocupação árabe é ainda mais presente. Desde nomes de aldeias, o próprio nome Alentejo, até técnicas agrícolas que ainda hoje são utilizadas.

Mértola, que foi capital de um reino muçulmano nessa altura e a primeira sede dos cavaleiros da Ordem de Santiago, é hoje em dia considerada a vila mais árabe de Portugal, com uma Mesquita – actualmente transformada em igreja católica – que é a única conservada em Portugal. A cidade sedia o Festival Islâmico todos os anos ímpares, no mês de Maio.

Da época da conquista de Portugal aos mouros o que o Alentejo mais guarda são os castelos e fortes. A preocupação em proteger o território era tanta que há praticamente uma fortificação por povoação, algumas muito bem preservadas e outras nem tanto. De toda maneira é um símbolo de um período histórico importante para o país. Elvas é considerada a Cidade-Museu de Fortificações.

O património religioso também é muito rico. Assim como aconteceu em todo o país após a extinção das ordens religiosas, no Alentejo também muitos conventos foram convertidos em museus e hotéis, por essa razão, as estruturas encontram-se conservadas até os dias actuais. Esse património, entretanto, não se limita aos aspectos arquitectónicos. É também nas igrejas que há trabalhos em pedras preciosas

e madeiras, esculturas, e pinturas de diferentes movimentos artísticos: gótico, manuelino, barroco, renascentismo e neoclássico.

- **Cultura**

De acordo com levantamentos do INE, em 2006, foram realizados 1.732 espectáculos ao vivo em toda a região do Alentejo, o correspondente a 7% do total de apresentações feitas em território nacional naquele ano. Entre os eventos que a agência Turismo do Alentejo afirma que se destacam perante os turistas estão o já mencionado Festival Islâmico de Mértola, o World Music de Serpa e a Bienal Internacional de Marionetas de Évora, a Ovibeja (feira agrícola nacional), o Festival de Música do Mundo em Sines, a Festa do Povo em Campo Maior e o Festival Sudoeste. A região conta com 31 espaços museológicos.

Algumas herdades usam a exploração da produção vinícola como forma de atrair os turistas, o que alia o gosto pelo vinho ao turismo: o enoturismo. Para ficar em apenas alguns exemplos é o caso da Herdade do Esporão, da Quinta D. Maria, da Herdade das Servas e a Herdade de Vila Santos, Vila Galé, Herdade Malhadinha Nova, Monte da Penha, entre tantas outras produtoras e engarrafadoras que criaram na região a Rota dos Vinhos Alentejanos que, aliado à gastronomia regional, é um dos pontos fortes do turismo da região, nomeadamente um dos pontos apontados pelo PENT como potencial acção para ser explorada. A região conta com oito sub-regiões que produzem vinho DOC – denominação de origem controlada – Borba, Évora, Granja-Amareleja, Moura, Portalegre, Redondo e Vidigueira – que, juntas, foram responsáveis pela produção de quase 80 milhões de litros de vinho, em 2009 .

III. 1.4. O sector turístico

Em 2010, o Alentejo recebeu 697,5 milhões visitantes, tendo sido 532,8 milhões de turistas portugueses e 164,6 milhões de estrangeiros. Esse montante equivale a 6,4% do número total recebido em Portugal e representa uma movimentação na região de € 59,5 milhões. Em termos de turismo receptor, a Espanha é o principal país

emissor de turistas para o Alentejo. A seguir vem a França, a Alemanha, a Holanda e o Reino Unido (Turismo de Portugal, 2011).

Quadro nº 5: Número de dormidas por região geográfica

Região / Período	2009	2010
Norte	4.269.967	4.437.756
Centro	3.747.517	3.884.548
Lisboa	7.905.937	8.620.423
Alentejo	1.104.315	1.172.558
Algarve	12.927.603	13.247.450
Açores	1.004.804	1.035.031
Madeira	5.496.926	4.993.525

Fonte: INE, 2011

O Quadro nº 5 mostra os registos do número de dormidas divididos por localização geográfica em Portugal Continental e regiões autónomas, entre os anos 2009 e 2010. Embora o Alentejo esteja ao lado dos Açores, como as duas regiões com os menores índices, em termos de crescimento, foi a segunda com o melhor desempenho no país. O número de dormidas na região em 2010 foi 6% maior em relação ao número de dormidas de 2009. Lisboa, no mesmo período teve um crescimento de 9%, enquanto o Algarve – que é a região com o maior número de camas do país – cresceu apenas 2,4%.

Outro dado a ser levado em consideração é que, embora numa classificação geral o Alentejo seja a região em Portugal Continental com o menor número de camas disponível, é a única zona que registou uma taxa de crescimento acima dos 27% entre os anos de 2006 e 2010, ao passo que o Algarve registou uma subida de somente 3,7% como se observa no Quadro nº 6.

O aumento é baixo, contudo é contínuo, o que leva a deduzir que o turismo é um nicho que está se consolidando ano a ano. Essa também foi a constatação de Camilo, referente ao número de camas especificamente para o segmento de Turismo em Espaço Rural (TER) “Despite the fact that Alentejo has the lowest hotel capacity of all Portuguese regions, when Rural Tourism (TER) is concerned, the region rates second with 145 establishments, next to the North region” (Camilo *et al*, 2010).

**Quadro nº 6: Concentração regional da capacidade de alojamento
em camas em empreendimentos turísticos**

	2006	2007	2008	2009	2010
Norte	35.504	36.421	38.817	38.827	38.386
Centro	36.607	36.837	38.148	38.605	38.920
Lisboa	47.986	49.654	51.116	52.041	53.756
Alentejo	9.323	9.961	10.008	10.591	11.899
Algarve	97.524	96.180	98.724	95.910	98.980
Açores	8.436	8.397	8.662	8.806	8.699
Madeira	28.657	27.297	28.500	29.024	28.866

Fonte: INE, 2011

Entretanto, o aumento no número de camas não se reflectiu na mesma proporção na Taxa Média de Ocupação de Camas (TMOC). Outro factor que deve ser levado em consideração é que enquanto, em 2007, o TMOC do Alentejo foi de 31%, a média nacional é de 43%, ou seja, o turismo ainda tem muito que desenvolver no que concerne atrair turistas. A estadia média dos turistas na zona é a mais baixa registada em todo o país: 1,7 dias, enquanto a média nacional é de três dias.

O Alentejo é a terceira região portuguesa no segmento Turismo no Espaço Rural, com 20,2% do número de camas. À sua frente estão o Norte, com 40,2%, e o Centro, com 22,4% (Turismo de Portugal, 2011). Pelo facto de juntas, essas três regiões serem detentoras de 82% das camas nesse segmento turístico, para os próximos anos, até 2015 prevê-se que será ampliado e intensificado o controle do meio ambiente local, como forma de preservar a biodiversidade próximas a essas unidades de turismo e, assim, deixar a região apta e atractiva para receber mais turistas.

CAPÍTULO IV: ESTUDOS DE CASO

IV. 1. Contextualização

Como se pôde verificar na revisão bibliográfica, as práticas de ecoturismo e de turismo sustentável vão ao encontro das necessidades actuais da nova ordem global, que caminha na direcção de buscas por soluções para problemas contemporâneos, como o aquecimento global, a elevada quantidade de emissão de monóxido de carbono para a atmosfera – na qual o turismo tem uma forte contribuição, em virtude da crescente oferta de voos disponíveis –, superpopulação das cidades, a evasão dos campos, entre inúmeros outros casos.

Um dos conceitos ligados ao Desenvolvimento Sustentável é o de “pensar global, agir local”, que foi apresentado ao mundo pelo biólogo René Dubos, na primeira conferência internacional sobre ambiente, em Estocolmo, em 1972. O seu propósito consiste em olhar para os problemas que afectam os indivíduos em qualquer lugar do planeta – tais como a fome, a pobreza, os baixos índices de educação, a proliferação de doenças infecciosas, o trabalho escravo, a desigualdade de género etc – e, de maneira consciente, agir localmente com o propósito de minimizar o impactos que as próprias escolhas podem gerar.

No *hall* de acções locais está adquirir produtos locais, para contribuir com a economia regional e diminuir a emissão de gases com o transporte dos alimentos; certificar de que se compra artigos provenientes de outros países que tenham sido confeccionados seguindo os padrões legais de respeito aos trabalhadores, o chamado comércio justo, para assim não contribuir com a exploração de mão de obra; consumir alimentos orgânicos, que não utilizam químicos e pesticidas, entre outras práticas.

Nesta fase do presente trabalho serão apresentados os dois estudos de caso escolhidos para serem analisados como praticantes de ecoturismo e turismo sustentável. Ambos estão localizados na região do Alentejo, que possui um grande potencial atractivo para os dois nichos do turismo, com zonas naturais que merecem ser preservadas. Além disso, os dois empreendimentos apresentam-se em território

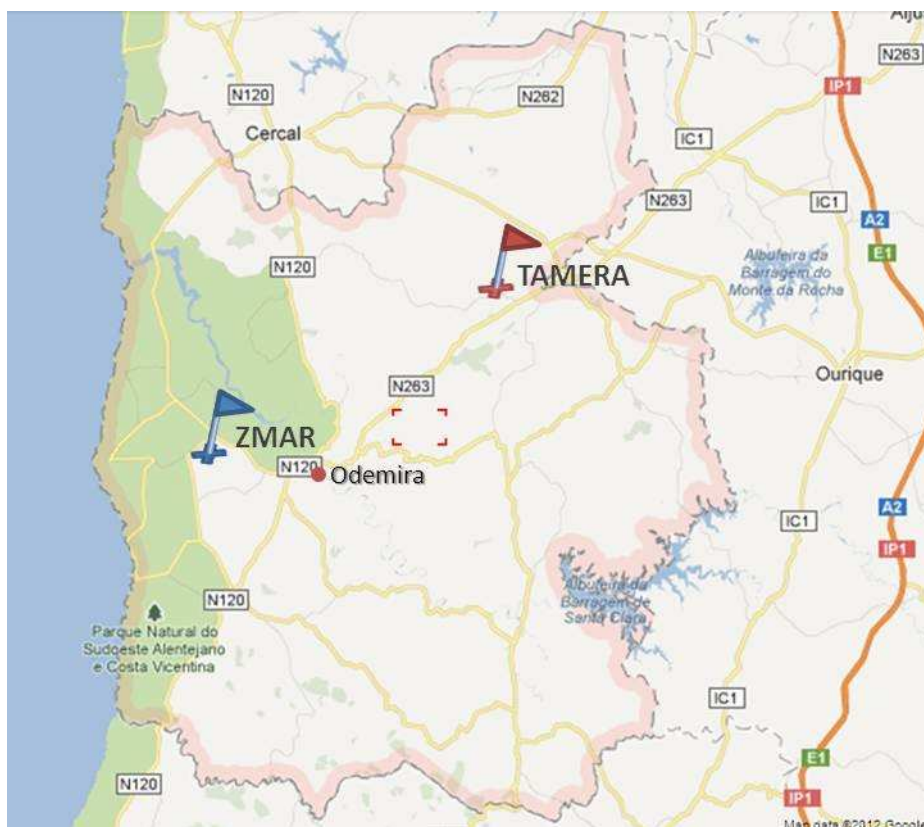
nacional como alguns dos poucos exemplos que desenvolvem trabalhos turísticos voltados para uma vertente mais sustentável.

Cada um dos estudos de caso, à sua maneira, foi motivado por situações globais externas – tais como catástrofes, situações de conflitos, seca etc – e resolveu adoptar atitudes localmente sustentáveis. O que se pretende nesta etapa é analisar com base na fundamentação teórica já apresentada, se o que essas infra-estruturas promovem se adequa aos conceitos de ecoturismo e/ ou turismo sustentável.

IV. 1.1. Odemira

Ambos os estudos de caso estão localizados no Concelho de Odemira. O Tamera fica entre as freguesias de Relíquias e Colos, enquanto que o Zmar Eco Campo Resort & Spa está localizado nas proximidades de Zambujeira do Mar, como mostram os dois pontos destacados na Figura nº 2.

Figura nº 2: Mapa de Odemira



Fonte: Google Maps

Odemira faz parte do distrito de Beja, no Alentejo Litoral, no Sudoeste de Portugal, fazendo fronteira com os municípios de Sines, Santiago do Cacém, Ourique, Aljezur, Monchique e Silves. Possui 1.720,25 Km², divididos em 17 freguesias e tem uma população de 26 mil habitantes (INE, 2011). A densidade populacional é de 14,9 moradores/ Km² e a taxa de natalidade é de 7,9 novas crianças a cada mil habitantes.

O Concelho possui uma geografia mista, o que inspira os locais a utilizarem a expressão “Odemira – todo o Alentejo num só concelho” isso porque em seu território encontram-se planícies, regiões de serra e zona costeira, esta com 55 quilómetros de extensão, dos quais 12 quilómetros são praias, todas integradas ao Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina. A região é cortada pelo rio Mira – que tem 145 quilómetros de comprimento – e possui uma barragem, a de Santa Clara.

A economia do Concelho é movida pelo sector primário, principalmente pela agricultura, que é seguida pela silvicultura, pecuária e exploração florestal. Os principais artigos que produz são cereais, legumes, gado, madeira, cortiça, fruta e aguardente de medronho. O sector terciário conta com o comércio a retalho e serviços, enquanto que o industrial conta com indústrias de concentrado de tomate e cerâmica. O sector hoteleiro oferece 913 camas turísticas, 599 camas não turísticas (alojamento local e pousadas da juventude) e seis parques de campismo com capacidade para receber até 4.815 campistas (INE, 2011).

IV. 1.2. Indicadores

Embora alguns indicadores apresentados neste tópico estejam totalmente desactualizados, achou-se por bem inclui-los na pesquisa, uma vez que são as informações que o órgão oficial do Concelho – a Câmara Municipal – utiliza e divulga, para contextualizar o carácter social da região.

A taxa de desemprego, em 2001, era de 8,4%. Já a taxa de analfabetismo (Quadro nº 7) de Odemira baixou no período de 1991 a 2001, mas continua a ser a mais elevada da região. Os dados referentes à frequência escolar disponíveis são referentes a 1991-2001. Na altura, o Concelho possuía 7.699 habitantes que nunca tinham frequentado nenhum grau de ensino, 9.191 que tinham concluído o primeiro ciclo do ensino básico.

Cerca de 2.633 habitantes tinham concluído o ensino secundário e 1.139 o ensino superior (Câmara Municipal de Odemira, 2012).

Quadro nº 7: Indicadores sociais

Indicadores	Odemira	Unidade	Período
Médicos por 1000 habitantes	0,6	Número	2010
Farmácias e postos farmacêuticos moveis por 1000 habitantes	0,5	Número	2010
Taxa de Analfabetismo HM	32,8	%	1991
Taxa de Analfabetismo HM	25,7	%	2001

Fonte: Câmara Municipal de Odemira, 2012

Pelos indicadores que apontam as taxas de natalidade, mortalidade e nupcialidade (Quadro nº 8), deduz-se que Odemira é um Concelho cuja população está a envelhecer muito mais rapidamente do que nascendo novos cidadãos ou os moradores locais estão se casando. Somado a isso, o índice de envelhecimento – que mensura a quantidade de idosos acima dos 65 anos a cada cem jovens – de 226,7 está muito acima da média nacional, que é 187,9.

Face a essa conjunção, seria o momento de as autoridades competentes utilizarem o teor dessas informações a favor da localidade e adoptar formas e criar estratégias de atrair mais pessoas interessadas pelo estilo de vida no campo para ali se instalarem ou, dentro de alguns anos esses indicadores irão reflectir num concelho envelhecido e estagnado, sem uma economia local que a sustente. “Uma região que não é capaz de fixar os seus filhos, uma região que não é capaz de criar emprego, é uma região condenada” (Joaquim, 2003).

Portanto seria o momento de investir nos sectores como educação, saúde, emprego e apoio social, pois somente com condições socio-económicas favoráveis é que os cidadãos darão preferência para a localidade ao invés de se mudarem para os grandes centros urbanos – centros esses que não oferecem a mesma qualidade de vida, entretanto é onde há mais oportunidades de trabalho.

Quadro nº 8: Indicadores demográficos

Indicadores	Odemira	Unidade	Período
Densidade Populacional	14,6	Hab/km2	2010
População Residente HM	26.036	Número	2011
População Residente H	13.154	Número	2011
Nados-vivos HM*	199	Número	2010
Nados-vivos H	102	Número	2010
Óbitos HM (*1)	354	Número	2010
Óbitos H	212	Número	2004
Taxa de natalidade	7,9	Permilagem	2010
Taxa de Mortalidade	14,1	Permilagem	2010
Taxa de Nupcialidade	2,3	Permilagem	2010
Taxa de Divórcio	1,6	Permilagem	2010
Índice de Envelhecimento	226,7	%	2010
Famíliares Clássicas Residentes	11350	Número	2011
Variação População Residente, entre 2001 e 2011	-0,27	%	2011

* Os nados-vivos são apresentados segundo a distribuição geográfica de residência da mãe

*1 Os valores são apresentados segundo a distribuição geográfica de residência

Fonte: Câmara Municipal de Odemira, 2012

IV. 1.3. Cultura e Património

Há diferentes lendas acerca da origem do nome, mas em todas se conclui que a palavra Odemira tem origem no árabe. O Concelho guarda resquícios de ocupações anteriores e posteriores à romana. Conta a história que na ocupação moura foi construído um castelo que, após a região ter sido conquistada por D. Afonso Henriques, em 1166, foi doado ao Bispo do Porto em 1265, data em que foi reconstruído.

A cada reinado, a vila que se formou dentro das muralhas e no seu entorno passou por algum tipo de modificação como ocorreu, por exemplo em 1319, quando o castelo recebeu uma nova cerca a pedido de D. Dinis. Em 1510, D. Manuel renovou a vila completamente. Em 1256, D. Afonso III deu à vila carta de foral. Actualmente, as muralhas da fortaleza contrastam e se integram à nova paisagem urbanística.

IV. 1.4. Paisagem natural

O Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina foi criado em 1995 pelo Decreto Regulamentar nº 26/95, de 21 de Setembro. Com 76 mil hectares, está compreendido entre a ribeira da Junqueira, a Norte de Porto Covo, no Concelho de Sines e o Burgau, no Concelho de Vila do Bispo, no Algarve, passando também pela faixa litoral de Odemira e Aljezur.

Uma das razões para transformar o local num Parque Natural está no facto da zona contar com uma rica variedade de flora e fauna. Há dois quilómetros de zona marítima paralela à costa, esta composta por arribas altas, que faz com que praias surjam entre os rochedos.

Entre os animais locais, as aves destacam-se em quantidade e variedade de espécies. A região é ponto de passagem migratória de aves planadoras e passeriformes. É autoctona dali a Águia-pesqueira. Em menor quantidade, a região também é povoada por exemplares de lince-ibérico, lontra marinha, lutra lutra, rato de cabreira e cágado-de-carapaça-estriada.

Em 1999, o Decreto-Lei nº 140/99, de 24 de Abril, instituiu a Rede Natura, justamente com o propósito de “contribuir para assegurar a biodiversidade, através da conservação e do restabelecimento dos habitats naturais e da fauna e flora selvagens num estado de conservação favorável no território nacional”¹³.

A área de cobertura da iniciativa abrange 21% do território de Portugal. Devido à Costa Sudoeste, o Concelho de Odemira faz parte desse leque, sendo classificado como “Zona de Protecção Especial” no que se refere a aves – já mencionadas acima – e habitats (charnecas, matos, maquis, garrigues, praias de calhaus, arribas marinhas, rochedos marinhos, dunas costeiras e praias de areia, areias marinhas e braços de mar).

As praias são o chamariz da região e costumam ser o destino de portugueses e estrangeiros durante toda a estação de Verão. Entre as mais populares, destacam-se Vila Nova de Milfontes e Zambujeira, estendendo-se desde a praia do Malhão até o Carvalho. A região não costuma ficar superlotada como algumas zonas no Algarve, mas ainda assim, os meses de Junho a Setembro são marcados por movimentação

¹³ Disponível em: http://www.estg.ipg.pt/legislacao_ambiente/ficheiros/DL%20140-99.pdf. Consultado em 13/03/2012.

intensa nas aldeias e vilas, bem como nos restaurantes e bares instalados mais próximos à costa.

Odemira conta também com uma paisagem terrestre atractiva para os apreciadores de caminhadas em meio ao verde. A Câmara Municipal do Concelho disponibiliza no seu site oficial¹⁴ folhetos com indicações de três percursos pedestres – Troviscais (13,6 Km), São Domingos (8,1 Km) e Lapa das Pombas (8,9 Km) – com níveis de baixa e média dificuldade. As informações são fornecidas em português e inglês.

Entre as atracções turísticas, o visitante tem para conhecer um pequeno troço das muralhas do antigo castelo de Odemira, a Necrópole do Pardieiro, o forte de S. Clemente e o cabo Sardão. A arquitectura – com construções em taipa –, os montes agrícolas, noras e moinhos espalhados por todo o Concelho também compõem a paisagem que recebe os turistas.

Paisagem essa propícia para a prática de ecoturismo, pois é rica em biodiversidade, a administração local se empenha para mante-la preservada e as grandes multidões – o chamado turismo de massa – não a descobriu. A região pode ser, portanto, destino daqueles turistas que buscam por algo mais rústico no sentido de haver sofrido poucas “modernizações” e manter um contato constante e directo com a natureza, algo que Odemira – e o Alentejo de um modo geral – possui em abundância. “When it comes to nature tourism, it is obvious the existence of a strong relation with the rural tourism infrastructures mentioned above. Statistics also show that the number of lodging-houses (or country-houses) is the highest of all the regions in Portugal. These numbers reveal the identity of Alentejo: rural, with a bias towards a more quite and elitist demand, which avoids crowds and prefers the quietness of the country” (Camilo *et al*, 2010).

IV. 2. Tamera

Há muitas formas de classificar o Tamera. Uma comunidade internacional – formada maioritariamente por suíços e alemães – situada na pequena freguesia de Relíquias, no Concelho de Odemira; uma espécie de universidade cujas principais

¹⁴ <http://www.cm-odemira.pt/PT/Visitar/FoletosTuristicos/Paginas/default.aspx>. Consultado em 08/07/2011.

linhas de ensino são a educação para a paz, a autonomia energética e a construção de uma paisagem aquática através da permacultura¹⁵; ou ainda, como o próprio Tamera se apresenta: um biótipo de cura.

A verdade é que todas as alternativas se complementam. Instalada num terreno com 134 hectares em Portugal desde 1995, o Tamera é uma comunidade que conta com aproximadamente 150 moradores, dos quais, 98 fazem parte de uma espécie de conselho directivo, que são responsáveis pela gestão – administrativa e financeira – e manutenção de todo o espaço. Ao longo do ano, oferece formações em diferentes vertentes da sustentabilidade, sendo as principais disciplinas: ecologia, autonomia energética e permacultura.

Figura nº 3: Guest House



O pátio da Guest House interliga os dez quartos e presenteia os hóspedes com a paisagem do lago de retenção de água, que fica de frente. Os quartos têm capacidade para até três pessoas e possuem casas de banho compartilhada. A casa utiliza painel solar para o aquecimento de água.

¹⁵ Criado na década de 70 pelos biólogos australianos Bill Mollison e David Holmgren, o termo permacultura é proveniente do inglês *permanent agriculture*, que visa o desenvolvimento de áreas agrícolas – e não só –, nas quais todos os elementos estejam relacionados entre si, de maneira harmônica sustentável. Isso quer dizer: animais que convivem com a paisagem, o cultivo de culturas mistas no mesmo terreno, entre outros aspectos. O método utilizado pelo Tamera foi criado por Sepp Holzer, conhecido por apresentar soluções em terrenos de grandes superfícies em situações extremas (Dregger, 2010).

Os primeiros passos desse projecto foram dados em 1978, na Alemanha, a partir do encontro de ideais, interesses e modos de interpretar a vida em sociedade da mesma maneira de três pessoas: o sociólogo Dieter Duhm, o engenheiro e físico Charly Rainer Ehrenpreis e a teóloga Sabine Lichtenfels. Os três acreditavam que era preciso um movimento para contribuir com a diminuição de guerras e a necessidade de uma sociedade pacífica e mobilizaram outras pessoas que lhe eram solidárias.

Em 1983, teve início uma experiência social e antropológica na qual 50 pessoas assumiram o compromisso de viver em comunidade durante três anos, sem que ninguém desistisse. A partir do aprendizado recolhido dos três anos de convivência intensiva – no qual foram levados a aprender a lidar com toda a sorte de situações que não estavam habituados – Dieter Duhm elaborou a “matrix sagrada”¹⁶, uma espécie de manual de conduta para a vida em comunidade, que constituíram os princípios primordiais do Tamera (Duhm, 2005).

O terreno em Portugal foi adquirido com capital proveniente de doadores particulares. Pouco a pouco, foram feitas algumas infra-estruturas, obras de electricidade, fornecimento de água, jardinagem, ateliers, oficinas e alojamento tendo sempre em consideração um modo de “vida quotidiana conscientemente simples” (Dregger, 2010: 16).

Ainda hoje, os moradores que lá se encontram vivem em tendas e roulottes, utilizam uma cozinha comunitária – onde todas as refeições preparadas são vegetarianas, ou seja, sem a utilização de qualquer ingrediente de origem animal (leite, ovos ou queijo) –, utilizam casas de banho compostáveis – que funcionam sem a utilização de água e os resíduos são transformados em composto e adubo – e dividem-se em equipas de trabalho para executar as tarefas necessárias do dia-a-dia para manter o quotidiano harmónico, tudo em regime de cooperativismo. Semanalmente, as pessoas que exercem alguma função dentro da comunidade recebem 20 euros como remuneração.

Outra razão para haver poucas construções em todo o terreno é o facto de a Câmara Municipal não ter fornecido autorização para tal. As construções existentes na

¹⁶ DUHM, Dieter – “*The Sacred Matrix – From the Matrix of Violence to the Matrix of life. The Foundation for a New Civilisation*”. Varlag Meiga, 2005.

área foram feitas de modo a interagir com a paisagem local e algumas delas – com o auditório “Aula”, com capacidade para 400 pessoas – foi construído na sua quase totalidade com materiais recolhidos no próprio terreno, nomeadamente terra, palha e relva.

O terreno do Tamera está dividido em áreas de trabalho e pesquisa bem distintas entre si. Há a Solar Power Village, que funciona como um campo experimental para testar instalações solares desenhadas para atender necessidades em pequenas escalas, tais como iluminação, aquecimento e cozinhar. A Aldeia Solar funciona como um projecto paralelo dentro do Tamera e conta – actualmente – com 50 colaboradores/ moradores, que realizam estudos com cooperação técnica com universidades e escolas superiores politécnicas do Sul de Portugal. É nela que protótipos – tais como estufas solares de secagem de alimentos, fogões solares – são testados antes de serem implementados no restante da comunidade. O objectivo é “desenvolver uma tecnologia adequada que a torne acessível a todas as pessoas, sem monopólios, sem lutas de poder, é trabalho pela paz” (Dregger, 2010: 51).

Entre os equipamentos em actividade na aldeia as atenções voltam-se para o Sun Pulse Water (com poder hidráulico de 150 Watts) e para o Sun Pulse Hotoil 1500, dois mecanismos que funcionam com um motor Stirling de baixas temperaturas e são responsáveis, respectivamente, pelo bombeamento de água para a superfície a partir da energia solar e a geração de uma corrente eléctrica de 1,5 kW (Dregger, 2010: 53).

A Aldeia Solar também conta com uma cozinha de verão que funciona totalmente a base de um sistema de armazenamento de calor. O fogão solar é composto por várias painéis de alumínio de paredes duplas percorridas por óleo quente em circuito fechado. O fluxo regula-se com uma válvula manual, tal qual um fogão convencional.

A estufa de energia, que produz cerca de 50 kWh/dia de energia eléctrica e aproximadamente 24 kWh/dia de energia térmica para cozinhar a 220°C, bem como aproximadamente 110 kWh/dia de energia de baixa temperatura a 50°C para fins de aquecimento ou de produção de água quente. Para cozinhar utilizam radiação solar directa a partir de um espelho Scheffler, que é usado como um retransmissor dos raios solares directamente para a placa de cozedura e caixas para cozinhar portáteis.

Figura nº 4: Solar Power Village



Uma vez por mês o Tamera promove um dia aberto, onde apresenta os protótipos que desenvolve a quem se mostra interessado. Na foto¹⁷, visitantes conhecem a estufa – onde são cultivados diferentes tipos de vegetais – e a Sun Pulse Water, que bombeia água de um furo apenas com energia solar.

Ao centro do terreno existe o que pode ser interpretado como um grande lago, entretanto trata-se de um reservatório para colheita de água da chuva construído em 2007, também basicamente com materiais naturais provenientes da própria zona. O reservatório faz parte de um projecto que prevê a construção de pelo menos dez reservatórios de retenção de águas da chuva interligados uns aos outros formando uma grande coroa ao redor de todo o terreno.

Vale registar que a zona onde o Tamera está localizado é uma região árida – em processo de desertificação – e a construção desse tanque de retenção, com canais de irrigação subterrâneos por todo o terreno, permitiu a sua regeneração, sendo assim novamente reflorestado. Hoje, com a prática da permacultura, o terreno conta com plantações de frutos, legumes e flores ao seu redor, uma “paisagem comestível”, como é apresentada.

¹⁷ Mais fotos das estruturas do Tamera estão disponíveis no Anexo VIII (CD).

Paralelamente à estruturação do terreno, o Tamera estabeleceu parcerias com comunidades que desempenhavam papéis semelhantes noutros países, tais como Colômbia, Índia e Cisjordânia. Com os laços fortalecidos, criou-se uma rede de intercâmbio de informações e deu-se início ao programa Educação para a Paz Monte Cerro, um curso de formação com disciplinas como ecologia, autonomia energética, permacultura, artes, espiritualidade, vida em comunidade, descentralização do poder económico e acções de sustentabilidade para o planeta.

Outro evento é a Universidade de Verão de Tamera, patrocinada pelo Instituto pela Paz Global, que tem como função criar um trabalho global em rede, que possui parcerias com activistas solidários às mesmas questões que o Tamera, tais como a comunidade San Juan de Apartado, uma comunidade de paz na Colômbia; a Global Ecovillage Network, uma rede internacional de eco aldeias; a Tent of Nations, um ponto de encontro na Cisjordânia, na Palestina; Favela da Paz, um movimento brasileiro de revitalização de favelas (bairros de lata); o Holy Land Trust, em Belém; e o Barefoot College, uma universidade voltada para a formação técnica de pessoas de baixa renda na Índia (Dregger, 2010: 92-93).

As disciplinas estudadas são: conhecimentos ecológicos para a cooperação com a natureza, energia solar, conhecimentos comunitários, trabalho para a paz interior e exterior, a teoria da cura global, espiritualidade, arte e música (Dregger, 2010: 81-82). Os participantes também colaboram com as actividades do Tamera – desde a preparação de refeições, a colheita e o preparo de compotas para o inverno a compartilhamento de experiências, com um intercâmbio de informações sobre projectos e trabalhos.

Além desses dois eventos, que atraem entre 300 e 350 para o local, sobretudo na altura do Verão, o Tamera também realiza seminários ao longo de todo o ano e, uma vez por mês – entre Março e Novembro –, promove um dia aberto, no qual recebe visitantes interessados em conhecer o seu trabalho para um dia de actividades em seu espaço.

Para receber esse público e promover as formações, o Tamera possui a “Aula”, salas para seminários, zonas de convívio ao redor de toda a propriedade e alojamento, esse oferecido em tendas colectivas, zona de campismo para a instalação de tendas

individuais e a Guest House, que é o objecto de análise deste trabalho. O custo do alojamento – que inclui as refeições – é determinado com base em factores como o país de onde a pessoa é proveniente e a forma de alojamento que ela opta. Para hospedar-se em tendas, a diária gira entre € 15 e € 20. Já para as pessoas que desejam mais conforto e certa privacidade, há a Guest House, que possui dez quartos e três cabanas, com capacidade para até 40 hóspedes. O preço para hospedar-se ali é a partir dos € 20.

Construída no ano de 2000 inicialmente para receber os familiares dos membros que vivem em comunidade no Tamera, a Guest House foi erguida no regime de *sharing*, ou seja, com recursos financeiros doados por membros da comunidade que tornaram-se “patrocinadores”. Cada quarto “pertence” a seu patrocinador, que utiliza-o quantas vezes o quiser ao longo do ano. Quando os quartos ficam disponíveis, são alugados a hóspedes e toda a renda obtida é utilizada para a manutenção do espaço e para projectos do Tamera.

A Guest House não funciona como um hotel convencional, onde os hóspedes apenas passam a noite. À partida, pernoitam ali as pessoas que participam dos eventos promovidos pelo Tamera ou pretendem passar uma temporada no espaço para aprender sobre um dos temas ali estudados descritos anteriormente.

Enquanto todo o Tamera está servido por casas de banho compostáveis, na Guest House, os quartos possuem casas de banho convencionais compartilhadas. Assim como no restante do Tamera, as refeições oferecidas aos hóspedes é vegetariana e os produtos utilizados, quando não são provenientes da própria horta, são fornecidos por agricultores regionais, são de origem orgânica ou provenientes do comércio justo.

Por meio da Taipa¹⁸, a Comunidade estabelece parceria com pequenos produtores da região de Relíquias e proximidades, que fornecem os alimentos consumidos no Tamera. Conforme explicou Frieda Julie Radford, a responsável pela Guest House, em determinados casos, o Tamera estimula proprietários de terras inactivas a produzirem produtos biológicos e orgânicos e assegura-se que toda a produção seja vendida.

¹⁸ Uma Organização Cooperativa para o Desenvolvimento Integrado do Concelho de Odemira, fundada em Setembro de 2000, que promove a criação de contratos locais directos entre agricultores e consumidores das vilas e cidades próximas (<http://www.taipa-desenvolvimento.pt/>).

Dessa maneira, conforme explicou, a comunidade contribui para que o produtor volte a ter rendimentos e, ao mesmo tempo, garante a qualidade dos alimentos que consome.

A todos os seus visitantes e moradores é solicitado que utilizem cosméticos amigos do ambiente, ou seja, que possuem poucos ou nenhuns componentes químicos na sua fórmula e que não tenham sido testados em animais. Para além da preocupação com a cadeia de produção dos produtos, uma outra razão para estimular o uso de artigos biodegradáveis é que dessa maneira a água pode ser tratada e reutilizada para irrigação e outros fins.

IV. 3. Zmar - Eco Campo Resort & Spa

Num primeiro instante, pode-se dizer que os conceitos eco, campo, resort e spa não deveriam ser utilizados numa mesma sentença, muito menos para se referir a um mesmo local. Entretanto é exactamente essa a proposta do Zmar – Eco Campo Resort & Spa, aliar o conforto oferecidos em resorts e spas, sem deixar de lado as preocupações ambientais, que demandam em adopção de medidas mais ecológicas.

O Zmar está instalado na freguesia de Zambujeira do Mar, numa área com 81 hectares, com 130 quartos construídos em madeira e espaço para tendas de campismo. No total, o empreendimento tem capacidade para receber três mil hóspedes.

O empreendimento abriu as portas ao público em Julho de 2009, entretanto, o processo de construção começou anos antes. Como está localizado dentro do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, apenas o processo para obter todos os licenciamentos necessários para iniciar as obras durou quatro anos, mesmo sendo classificado como um projecto de Potencial Interesse Nacional (PIN), como conta Francesca de Mello Brainer, a responsável pela Gestão de Marketing do Zmar.

Figura nº 5: Bungalows



Todos os 130 bungalows do Zmar Eco Campo Resort & Spa foram construídos com madeira de reflorestamento e colocados acima do solo para evitar, com isso, a sua impermeabilização. Há cinco opções de alojamento, desde cabanas com capacidade para um casal, até espaços com capacidade para até seis pessoas. Há também oito alojamentos adaptados para pessoas com mobilidade reduzida.

Desde o princípio das obras, o projecto foi acompanhado pela TÜV Rheinland, empresa alemã responsável por inspecções e certificações, para que atendesse os critérios necessários para ser classificado como um “eco-hotel”, tais como utilizar produtos biodegradáveis, utilizar energias renováveis, fazer o tratamento das águas residuais, optimização do consumo energético, redução do consumo de água e utilização de materiais que permitam reduzir o desperdício.

Dessa maneira, o empreendimento foi construído com madeira certificada e acima do solo, sobre estacas de madeira, para não impermeabilizar o solo. Os decks são feitos com plástico reutilizados colectados nos ecopontos de Portugal, todos os edifícios utilizam energia solar térmica e solar fotovoltaica, há uma estação de tratamento de água (ETA) e uma estação de tratamento de água residual (ETAR), que

permite com que toda a água utilizada no empreendimento seja recuperada e reutilizada em regas e outros fins, há 120 ecopontos espalhados pelo terreno, uma estação de transferência de lixo; só utilizam papel reciclado e produtos detergentes biodegradáveis. Em termos alimentares, há a preocupação de só utilizar produtos nacionais e, em relação a produtos frescos, como frutas, legumes e verduras – buscar junto a produtores locais.

O Zmar conta com cerca de 70 funcionários ao longo do ano e, na época alta é contratado mais pessoal para atender à demanda, chegando a ter entre 120 e 200 colaboradores no total. Todos recebem formações de boas práticas no atendimento e de práticas ambientais. A equipa conta com poucos estrangeiros, uma vez que na sua grande maioria é composta por portugueses residentes do Concelho de Odemira.

Segundo Francesca, a preocupação em contribuir para o desenvolvimento da região sempre esteve entre as prioridades do Zmar. O facto do Alentejo possuir um elevado índice de desemprego e poucas camas disponíveis poderia ser interpretado como ponto negativo no momento de escolher o local onde abrir um novo estabelecimento hoteleiro. Entretanto, isso foi interpretado pelos seus proprietários como uma oportunidade de mercado a ser explorada. A contar pelo número de galardões que já recebeu até agora, mostra que afinal foi uma boa estratégia.

Embora o Zmar seja um empreendimento relativamente novo, o seu modelo de construção e as práticas adoptadas já foram reconhecidos, nacional e internacionalmente, através do recebimento de oito prémios, entre eles o Prémio Construção Sustentável de 2009, concedido pelo Salão Imobiliário de Lisboa; o Prémio Inovação 2010, concedido pelo Turismo do Alentejo; o prémio Unique Campsite Award, concedido pelo guia de campismo Alan Rogers, na Holanda, em 2011; o Prémio de Sustentabilidade Ambiental, concedido pelo Turismo de Portugal, em 2011; entre outros.

Como já foi dito, o Zmar procura aliar o conforto de resorts ao contacto com a natureza do campismo. Segundo Francesca, a diferença entre esses dois públicos é bem distinta. Para atender a universos de interesses tão diferentes, o local oferece uma estrutura com piscinas coberta e externa, ginásio, campo polidesportivo, campo de ténis, aulas de pilates, toda uma estrutura de spa – com massagens e tratamentos

de embelezamento – e também disponibiliza percursos terrestres, estações de exercícios ao ar livre, circuitos para bicicletas e arvorismo. Como num resort, para usufruir de alguns desses serviços é preciso pagar à parte, de outros como a piscina, o ginásio, o campo polidesportivo e os percursos terrestres já estão incluídos no tarifário da diária.

O projecto original do empreendimento é construir 250 unidades de madeira para dormir. Actualmente há 130, com cinco formatos de quarto, com estruturas que suportam desde casais até famílias ou grupos de até seis pessoas. Há oito alojamentos adaptados para utilizadores de cadeira de rodas ou pessoas com mobilidade reduzida. A zona de campismo está toda dividida em loteamentos – que são chamados de alvéolos – para receber tendas, caravanas e auto-caravanas. Cada lote está equipado com pontos de energia eléctrica e possui acesso a água, casas de banho e cozinha comunitária.

O tarifário¹⁹ começa em € 20 a diária para alvéolos para até duas pessoas e € 37,50 para três pessoas. O valor da diária para os alojamentos começa em € 56 para duas pessoas e € 132 para seis pessoas na chamada época baixa. Em Agosto, as tarifas são € 86 para duas pessoas, € 150 para quatro e entre € 180 e € 200 para seis pessoas. O espaço também oferece o aluguer de caravanas, que vai dos € 35 a diária para duas pessoas na época baixa aos € 60 no auge do Verão.

Segundo Francesca, a proposta do conceito de congregar eco, campo, resort e spa é tornar serviços de qualidade acessíveis a toda gente. Portanto o Zmar cobra uma tarifa mais elevada do que outros parques de campismo, uma vez que oferece agregado ao valor da diária serviços que os demais parques são oferecem. Em contrapartida, os valores de hospedagem nos alojamentos, se comparados com resorts tradicionais, oferecem preços abaixo da média.

¹⁹ Tarifas expostas no site oficial do Zmar, em 12/03/2012: <http://www.zmar.eu/211/precos.htm>

Figura nº 6: Espaço para campismo



Os espaços²⁰ para campismo são organizados e bem delimitados. É possível utilizar tendas ou autocaravana. Cada lote possui fichas de electricidade. Balneários e casas de banho compartilhadas estão instaladas na proximidade.

Com o propósito de tornar os seus serviços acessíveis a um número maior de pessoas, nomeadamente aos moradores das localidades vizinhas que não teriam motivos para se hospedar no Zmar, uma vez que moram ali na zona, o empreendimento criou uma outra modalidade de preçário: a Tarifa Visitante, de € 5 por pessoa, destinada àqueles que tem interesse em passar o dia nas instalações do Zmar e usufruir dos serviços oferecidos nas áreas comum: piscinas externa e interna, ginásio, polidesportivo e percursos terrestre e de bicicleta.

A gerente de marketing afirma que tem nas crianças os seus clientes mais fiéis, sobretudo durante o período de férias de Verão, época em que o local recebe excursões organizadas por diferentes grupos. Por essa razão há uma zona de recreação

²⁰ Mais fotos das estruturas do Zmar estão disponíveis no Anexo IX (CD).

destinada exclusivamente para elas, bem como actividades e workshops desenhados para crianças de três a 12 anos ao longo de todo o ano.

A Primavera e o Verão são as estações de maior movimento, sendo Agosto o melhor mês em quantidade de hóspedes. O empreendimento tem investido em campanhas temáticas, sobretudo aproveitando datas comemorativas, para atrair clientes também nas outras alturas do ano.

IV. 4. Entrevistas e Inquéritos

Como se pôde observar nos dois estudos de caso acima descritos, ambos possuem suas estruturas inseridas em um ambiente que os fazem depender da preservação da natureza ao seu redor para manterem os estabelecimentos em funcionamento de acordo com a proposta que cada um oferece aos seus clientes. Cada qual à sua maneira busca formas de integrar-se à comunidade de Odemira, promover uma consciência ambiental e conservar o meio sobre o qual actuam que vão ao encontro das definições de ecoturismo e turismo sustentável definidas anteriormente neste trabalho.

A seguir serão expostos os resultados das entrevistas e inquéritos realizados durante o processo de levantamento de dados, nos quais o que se procura observar é quais são as motivações de cada um – empreendedores e clientes – e de que forma agem.

À fase inicial deste trabalho, optou-se por duas ferramentas para a recolha de informações: entrevistas e inquéritos. Foram realizadas duas entrevistas (Anexos I e II) com os responsáveis pela Guest House do Tamera bem como com a gerente de marketing do Zmar Eco Campo Resort & Spa, enquanto os inquéritos (Anexo III) foram aplicados aos utilizadores desses serviços.

A entrevista continha 28 questões com o propósito de se conhecer melhor a história do estabelecimento, o seu funcionamento, bem como as práticas que utiliza. Ambas as entrevistas foram feitas pessoalmente e duraram aproximadamente uma hora.

Devido à abrangência internacional de ambos os estabelecimentos, os inquéritos foram elaborados em português e inglês (Anexo IV). Em nenhum dos dois locais foi permitido que os clientes fossem abordados pela pesquisadora, portanto os inquéritos foram colocados na zona de uso comum, em local visível, e ficou à critério dos clientes optarem por respondê-lo ou não. Os questionários ficaram disponíveis nos locais durante o período de 30 de Julho a 11 de Outubro de 2011, na Guest House do Tamera, e de 20 de Agosto a 11 de Outubro, no Zmar Eco Campo Resort & Spa. Ao final do período em questão, obteve-se o número de 42 inquéritos válidos, 22 provenientes da Guest House do Tamera e 20 do Zmar Eco Campo Resort & Spa.

IV. 4.1. Análise das entrevistas

Conforme foi apresentado no início deste capítulo, os dois estudos de caso possuem características muito específicas. O Zmar é um negócio privado e, como tal, um dos principais objectivos é gerar rendimentos. O Tamera é uma comunidade que tem como princípio a partilha de práticas, do espaço e de conhecimento de uma maneira holística. O que ambos tem em comum são os factos de estarem instalados no Alentejo e terem a sustentabilidade como um dos seus pilares.

A análise que se apresenta a seguir, portanto, não tem o objectivo de classificar como melhor ou pior os estabelecimentos, mas sim colocá-los lado a lado e – tendo em consideração as suas naturezas distintas – verificar de que forma cada um actua e se suas respectivas práticas se encaixam com o que foi definido no enquadramento teórico (Capítulo I) como ecoturismo e turismo sustentável.

Para começar, o Quadro nº 9 mostra de maneira condensada os dados gerais dos dois estabelecimentos, tais como capacidade de hóspedes, ano de fundação e número de hóspedes dos últimos dois anos.

Quadro nº 9: Estudos de caso: panorama geral

	Guest House Tamera	Zmar – Eco Campo Resort & Spa
Ano de inauguração	2000	2009
Área total	134 hectares	81 hectares
Capacidade	40 hóspedes	3.000 hóspedes
Hóspedes em 2011	2.010	95.000
Hóspedes em 2010	1.949	90.000

Apresentados dessa maneira, a seguir no Quadro nº 10 serão colocadas lado a lado de maneira sintetizada as principais respostas dadas por cada um dos representantes da Guest House do Tamera e do Zmar Eco Campo Resort & Spa durante as entrevistas²¹ concedidas à pesquisadora.

Quadro nº 10: Estudos de caso: resumo das entrevistas

	Zmar – Eco Campo Resort & Spa	Guest House Tamera
Quais foram as motivações para a criação do estabelecimento?	<ul style="list-style-type: none"> • Preocupação com a condição do planeta • Impermeabilização dos solos • Criar um produto inovador, amigo do ambiente, com design contemporâneo e acessível a todos • Um produto de luxo – de alta qualidade – acessível a todas as classes • Turismo com consciência ecológica 	<ul style="list-style-type: none"> • Ser um modelo de ecovila sustentável • Produção local de água e comida • Criar uma cadeia de produtores • Incentivar uma mudança de comportamento no modo de vida actual
Porque o Alentejo?	<ul style="list-style-type: none"> • Poucos empreendimentos de hotelaria na região • O poder atractivo do parque natural • Elevada taxa de desemprego • Oportunidade de negócio 	<ul style="list-style-type: none"> • Terreno financeiramente acessível • Uma área onde puderam iniciar o projecto de uma aldeia
Qual é a trajectória do estabelecimento?	<ul style="list-style-type: none"> • Inauguração em Julho de 2009 • 8 prémios a nível nacional e internacional 	<ul style="list-style-type: none"> • 1978: início do projecto de se criar uma comunidade. Na Alemanha • 1995: aquisição do terreno em Portugal • 2000: construção da Guest House
O local passou por modificações desde que foi aberto?	<ul style="list-style-type: none"> • Projecto inicial prevê 250 bungalows; actualmente há 130 construídos 	<ul style="list-style-type: none"> • A princípio, foram construídas três cabanas de madeira • Em seguida a Guest House, com dez quartos

²¹ Ambas as entrevistas estão transcritas na íntegra nos anexos I e II.

<p>Quais preocupações ambientais o empreendimento levou em consideração?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Acompanhamento da TUV desde o princípio para certificação de eco-hotel • Construção acima do solo • Madeira certificada • Uso de plástico reciclável para mobiliário exterior • Energia solar térmica • Energia solar fotovoltaica • Não há circulação de carros • Funcionários utilizam carros movidos a painel solar • ETA • ETAR para recuperação das águas • 120 ecopontos • Visitas guiadas ambientais pelo terreno • Uso só de papel reciclado • Produtos de limpeza biodegradáveis • Preferência a produtos nacionais e locais • Central de transferência de lixo 	<ul style="list-style-type: none"> • Tratamento das águas por meio de plantas • Casas de banho compostáveis • Experimentos de tecnologias limpas e de baixo custo na Solar Power Village • Energia solar térmica • Energia solar fotovoltaica • Estufa • Biogás • Permacultura • Culinária vegetariana • Alimentos orgânicos • Produtos biodegradáveis • Produtos de origem do comércio justo • Visitas guiadas • Formações em temáticas ambientais • Não circula carro na propriedade
<p>O estabelecimento contou com alguma barreira burocrática?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quatro anos para obter todas licenças 	<ul style="list-style-type: none"> • Depende financiamento de doações para dar andamento a projectos • Processo de licença para novas construções ainda em andamento
<p>Como é a relação do estabelecimento com a Câmara Municipal?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Muito boa • Geração de emprego para o Concelho 	<ul style="list-style-type: none"> • Muito boa • Coro do Tamera participa de eventos culturais promovidos pela Câmara • Equipa de futebol da comunidade participa de campeonatos promovidos pela Junta de Freguesia • Actividades abertas ao público são incluídas na agenda oficial cultural de Odemira
<p>Quantos funcionários há?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • 70 fixos o ano inteiro • Até 200 em época alta 	<ul style="list-style-type: none"> • Quatro
<p>Eles são locais?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sim, a maioria 	<ul style="list-style-type: none"> • Três portugueses e um estrangeiro

O estabelecimento possui parceria com as comunidades vizinhas?	<ul style="list-style-type: none"> • Com a Auchan • Gelados artesanais feitos por locais • Peixe com pescadores locais 	<ul style="list-style-type: none"> • Com o projecto Taipas • Com fazendeiros locais, que produzem alimentos orgânicos
Quais são as ideias-chave que vão definir o turismo no futuro?	<ul style="list-style-type: none"> • Sustentável • Consciência ambiental • Acessibilidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Educação para o futuro • Turismo de “aprendizado”

Como se observa, as trajectórias dos dois estabelecimentos são bem distintas, quer em termos das motivações que estimularam a criação dos empreendimentos, os recursos financeiros disponíveis, a maneira como abordam os seus públicos alvos, as medidas que adoptam para mitigar suas pegadas ecológicas e os tipos de relações que estabelecem com a comunidade local.

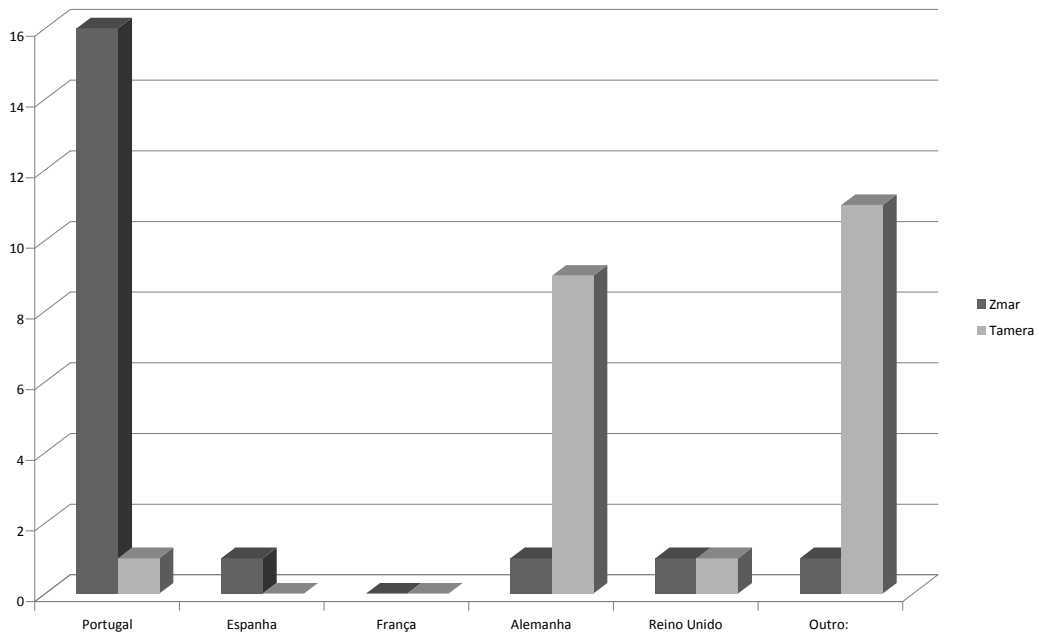
Em contrapartida, embora as acções que promovem sejam diferenciadas, o objectivo final de ambos é o mesmo: ampliar a consciência sobre a necessidade de uma nova abordagem sobre a prática do turismo, a preocupação com a preservação do meio ambiente e dos recursos naturais e o comprometimento em contribuir com o desenvolvimento de Odemira ao mesmo tempo que actuam na região.

IV. 4.2. Análise dos inquéritos²² aos hóspedes

Um dos primeiros dados que se verifica (Quadro nº 11) é que enquanto o público inquerido no Tamera é composto na sua totalidade por estrangeiros (de salientar que a seguir à Alemanha, os países com mais presença entre os inquiridos foram a Suíça e a Áustria); no Zmar, quase a totalidade dos entrevistados é composta por portugueses.

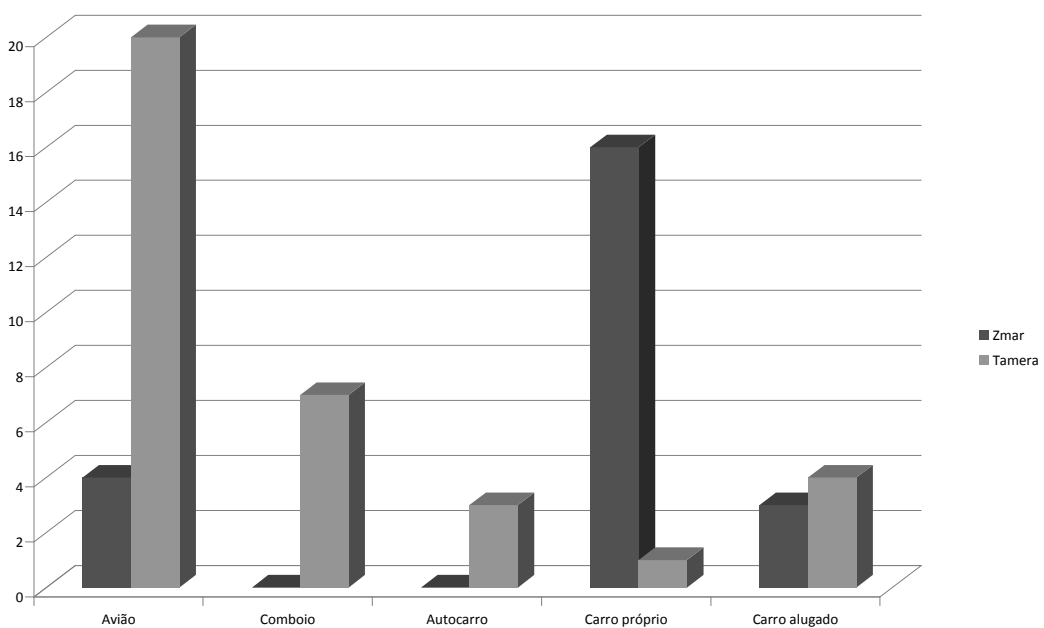
²² As tabelas com os dados consolidados dos inquéritos podem ser consultadas no Anexo V, VI e VII.

Quadro nº 11: Análise dos inquéritos: país de origem



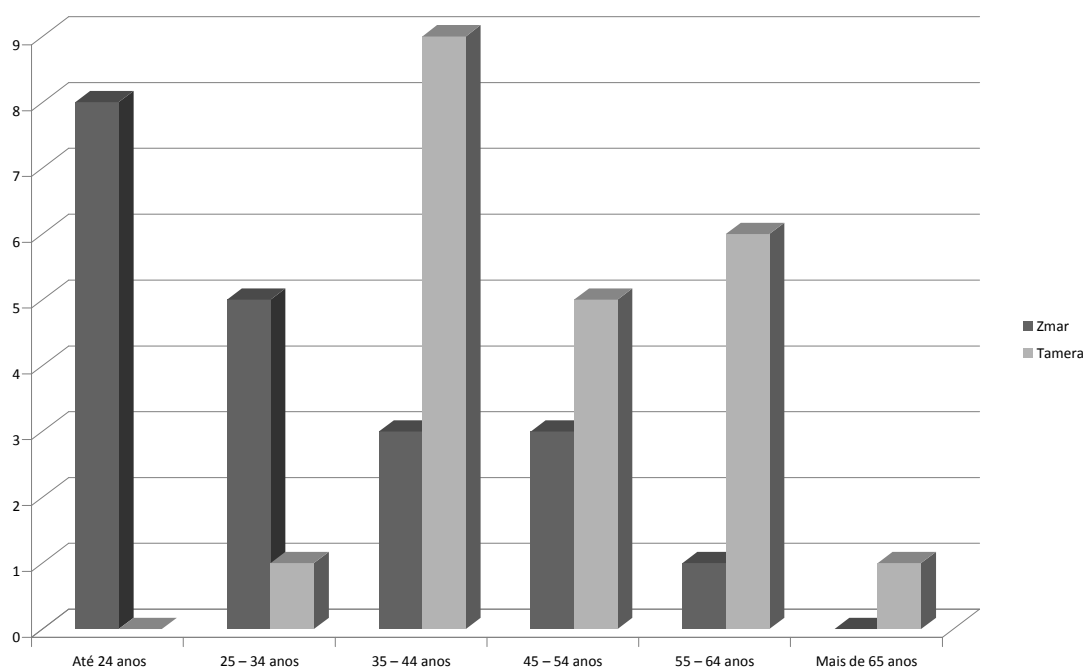
Isso se reflecte na forma de locomoção até os empreendimentos (Quadro nº 12). Enquanto a maior parte dos clientes do Zmar utilizou carro próprio para fazer a viagem; os hóspedes do Tamera utilizaram avião seguido de outro meio de transporte complementar (comboio, carro alugado) para chegar ao destino final.

Quadro nº 12: Análise dos inquéritos: meio de transporte



A faixa etária dos dois locais também é bem distinta (Quadro nº 13). No Tamera prevalecem pessoas com idades entre 35 anos e 64 anos, já no Zmar a faixa etária predominante é de pessoas até os 34 anos.

Quadro nº 13: Análise dos inquiridos: idade



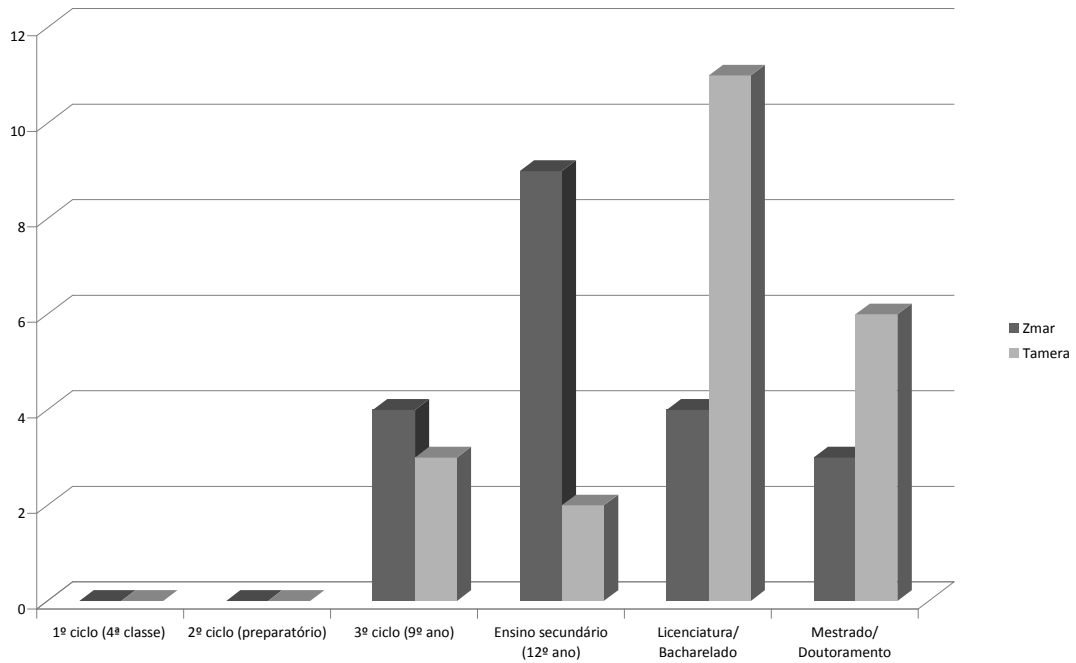
Por ser composto por um público mais jovem, acaba por ser natural que o grau de instrução dos frequentadores Zmar seja composto por pessoas até o 12º ano (Quadro nº 14). Já na Guest House do Tamera, que mostrou ter um público mais maduro, a maioria possui licenciatura e mestrado.

As ocupações dos clientes do Zmar estão mais ligadas à prestação de serviço e trabalhos por conta de outrem. Já no Tamera a maioria dos entrevistados trabalha por conta própria. Pelo que se apurou nos inquéritos (Quadro nº 15), os hóspedes da Guest House têm remuneração mais elevada do que os hóspedes do Zmar.

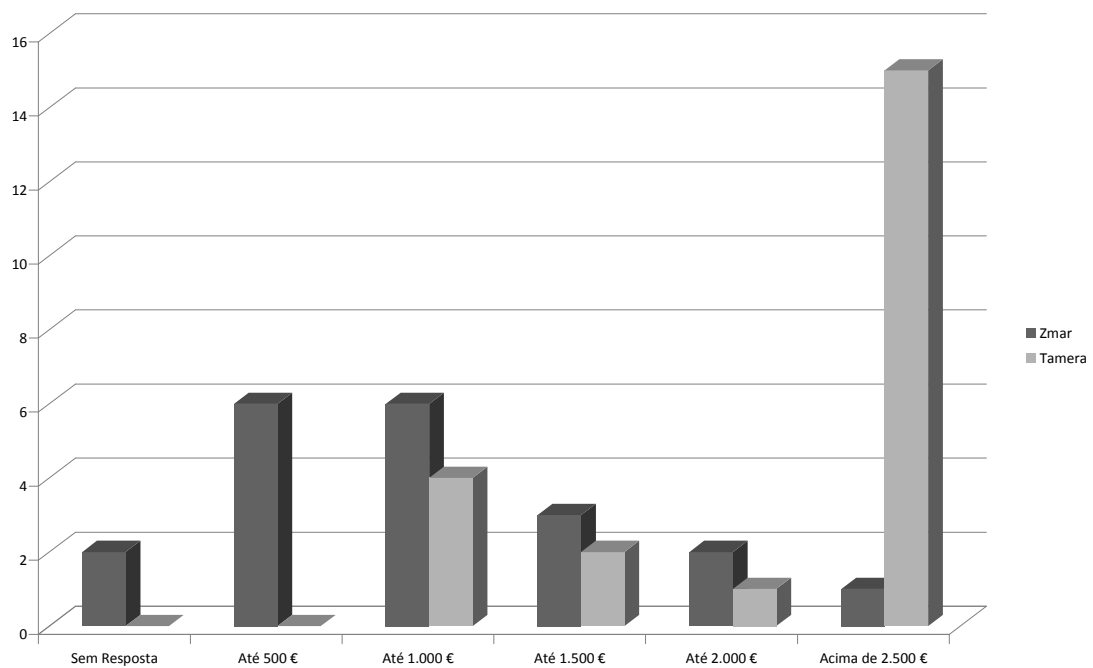
Para analisar esse resultado é preciso ter em conta que há uma grande diferença entre o ordenado mínimo de Portugal e dos demais países da Europa. Portanto, em parâmetros nacionais, possuir um rendimento mensal na ordem dos € 2.500 pode ser elevado em Portugal, entretanto equivale a menos de dois ordenados

mínimos em lugares como Países Baixos, Luxemburgo, Bélgica e França (Eurostat, 2011).

Quadro nº 14: Análise dos inquéritos: escolaridade



Quadro nº 15: Análise dos inquéritos: rendimento pessoal

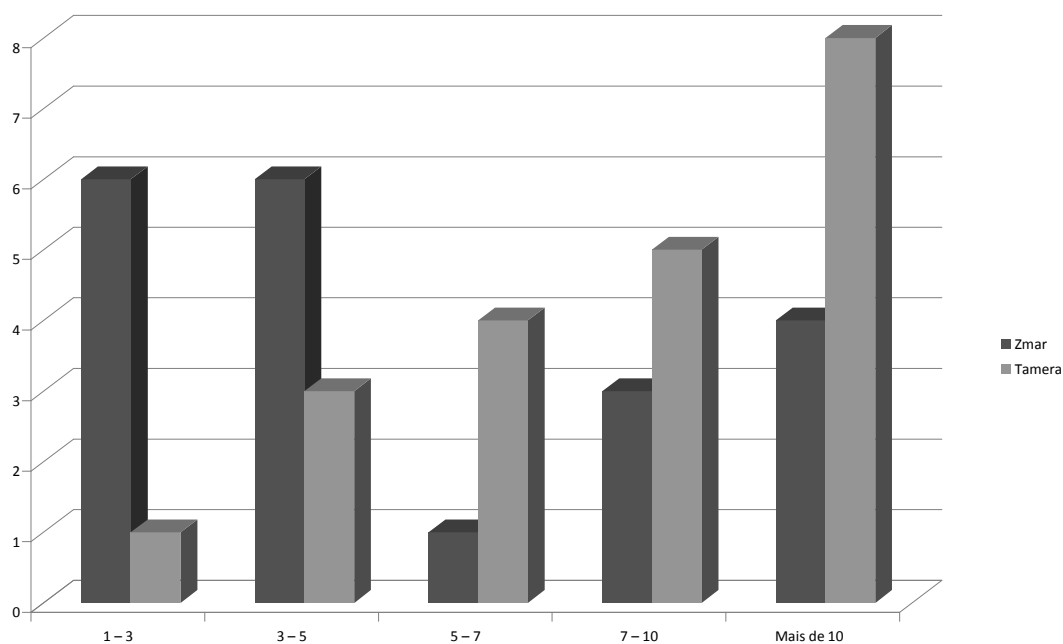


Com base nos dados apresentados anteriormente, pode-se deduzir que se tratam de pessoas mais velhas e mais experientes e, por essa razão, provavelmente já com uma carreira profissional em andamento, ao passo que os clientes do Zmar são mais jovens e ainda no início da vida profissional e com a formação académica ainda em andamento.

Ainda relacionado com o rendimento pessoal está o factor que determina a quantidade de dias de férias que usufruem ao longo do ano. Enquanto entre os hóspedes do Zmar as férias variam entre os cinco e os 20 dias, os do Tamera a grande maioria tira mais de 20 dias de férias ao ano.

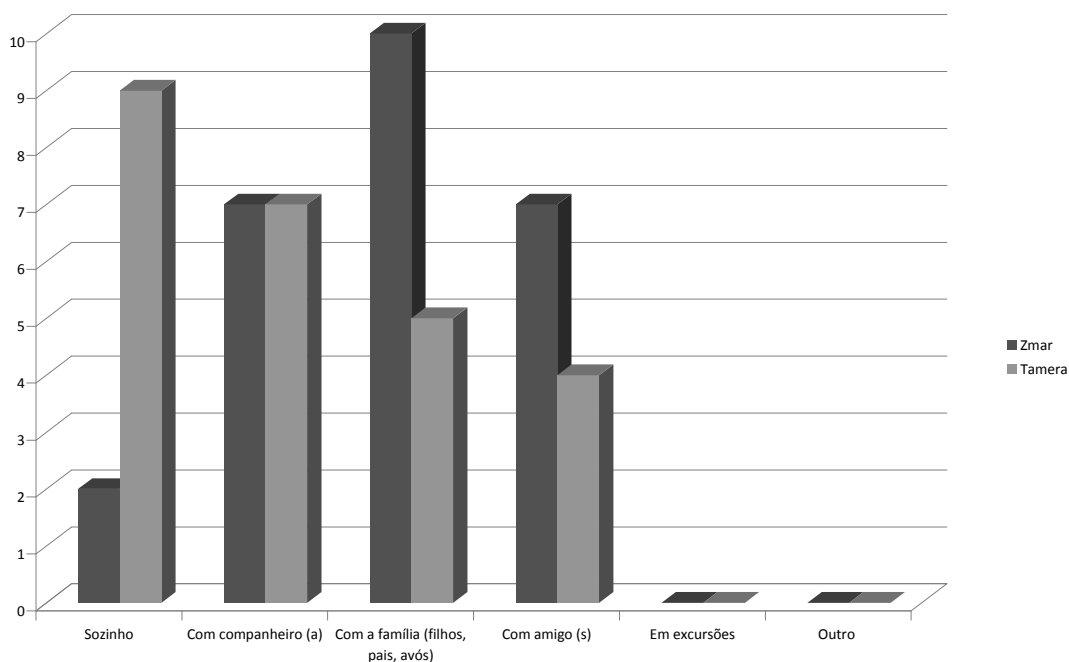
Quando indagados sobre o motivo da estadia no Alentejo, a resposta maioritária entre os frequentadores do Zmar foi que estavam ali por lazer ao passo que os hóspedes do Tamera iam participar de alguma formação. Não por acaso, o tempo de permanência no Alentejo oscila bastante nos dois grupos (Quadro nº 16). Os hóspedes do Zmar ficam entre um e cinco dias, já os hóspedes do Tamera ficam entre sete e dez dias ou acima disso.

Quadro nº 16: Análise dos inquéritos: quantidade de dias no Alentejo



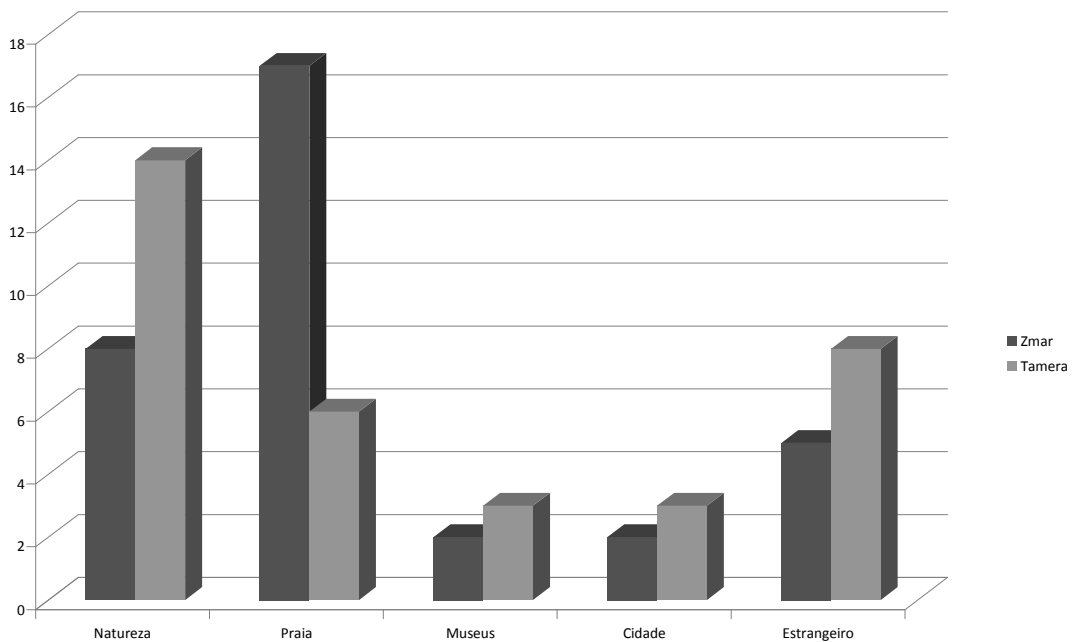
Enquanto os hóspedes do Zmar, na maior parte, viaja com a família ou amigos; no Tamera há predominância por viajantes sozinhos ou casais (Quadro nº 17).

Quadro nº 17: Análise dos inquéritos: com que costuma viajar



O interesse dos dois grupos está relacionado ao escolher o destino das férias está relacionado com a natureza (Quadro nº 18), mas enquanto os hóspedes do Zmar tem preferência por praias, os do Tamera optaram pela alternativa “contacto com a natureza”, que se relaciona com locais com paisagem campestre.

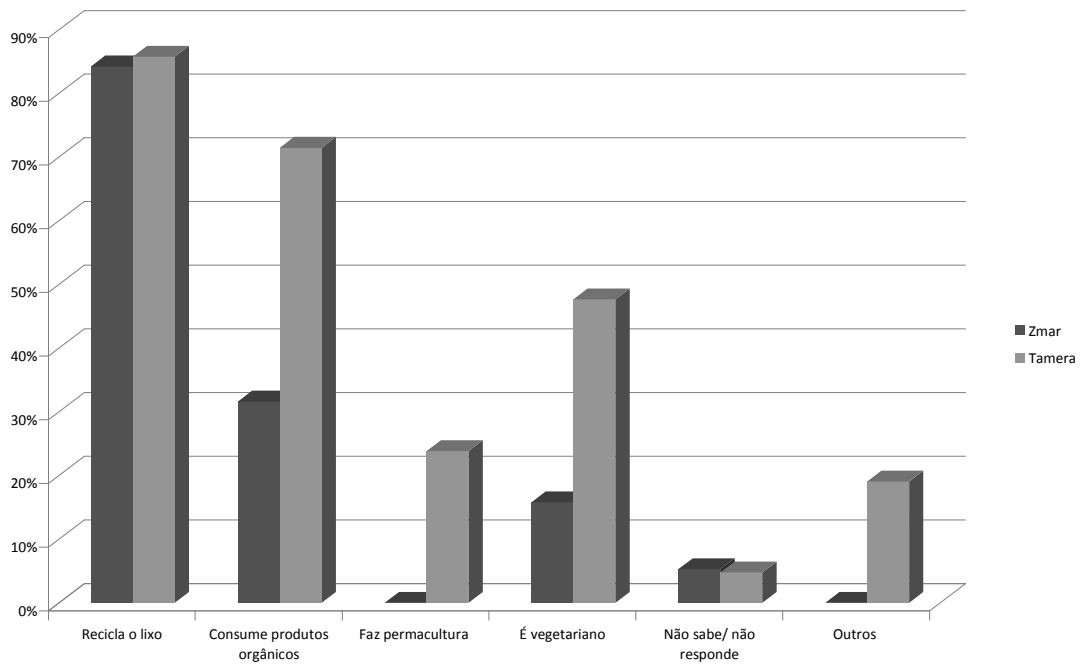
Quadro nº 18: Análise dos inquéritos: destino de preferência



No que diz respeito aos chamados “hábitos sustentáveis” (Quadro nº 19), a prática que é dita mais executada em ambos os casos é a reciclagem do lixo, seguido do consumo de produtos orgânicos. No Tamera uma grande parcela de entrevistados também disse que é vegetariana e faz permacultura.

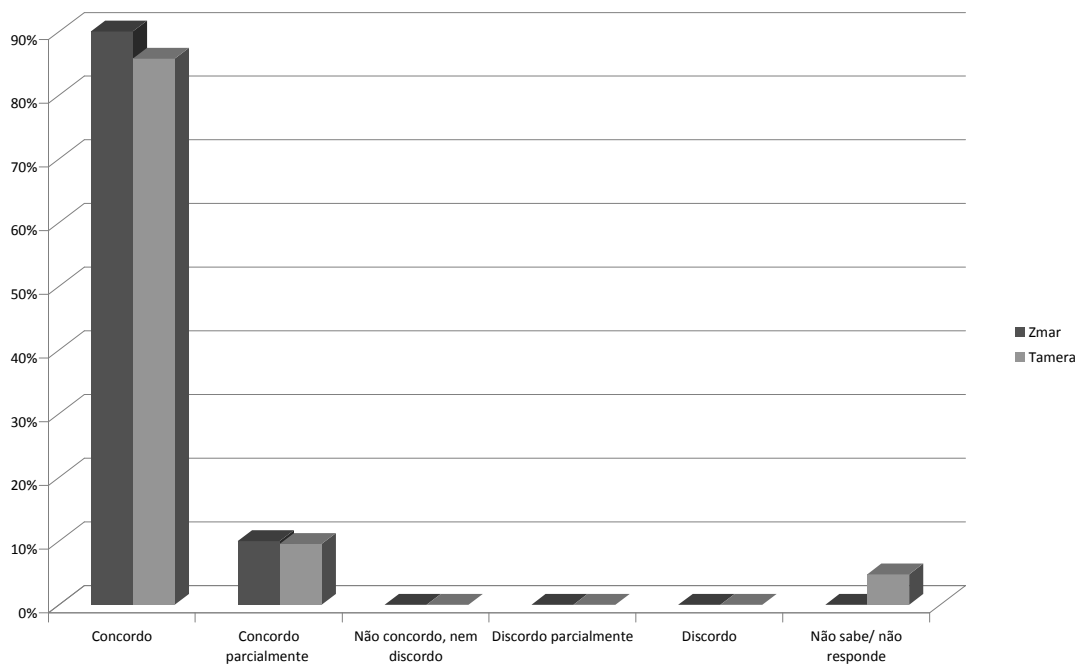
Questionados sobre a disponibilidade para realizar trabalho voluntário, os hóspedes do Zmar afirmaram que o praticam com frequência relativamente elevada (35%) e pouco frequente (20%); enquanto os hóspedes do Tamera na maioria respondeu que não o faz por falta de tempo (45%) ou faz com pouca frequência (37%).

Quadro nº 19: Análise dos inquéritos: hábitos sustentáveis



Nas únicas duas questões (Quadro nº 20) que se referiam directamente aos estudos de caso os entrevistados foram unânimes em concordar os estabelecimentos contribuem para o desenvolvimento da localidade e adoptam práticas sustentáveis.

Quadro nº 20: Análise dos inquéritos: o estabelecimento contribui para a localidade



De maneira resumida, no universo dos 42 inqueridos, pode-se traçar que os clientes dos estudos de caso em questão possuem, respectivamente, o seguinte perfil.

O hóspede do Zmar é jovem, viaja com a família, ainda estuda, quando trabalha, é por conta de outrem e maioritariamente em serviços de atendimento ao público, gosta de viajar para a praia, tira no máximo 20 dias de férias por ano, afirma reciclar o lixo e consumir produtos orgânicos, faz turismo em território nacional, utiliza o carro como meio de transporte até o destino e está propenso a fazer trabalho voluntário.

O hóspede do Tamera é uma pessoa já em idade adulta, com formação superior, possui uma carreira profissional, com rendimentos suficientes para se sustentar, viaja sozinho ou com o parceiro, tem interesse pelo contacto com a natureza, viaja para fazer formações fora do seu país de residência, por isso acaba por utilizar o avião como meio de locomoção até o destino, tira mais de 20 dias de férias por ano, é vegetariano, consome produtos orgânicos, recicla o lixo e não demonstra muita disponibilidade para trabalhos voluntários.

IV. 4.3. Correlação entre a teoria e a prática

Há algum tempo que os especialistas alertam para a necessidade de se redesenhar o modelo das cidades tais como são conhecidas actualmente, criando mais espaços para a natureza, árvores e água. Da mesma maneira, muito se tem falado na importância de procurar novas alternativas energéticas, uma vez que se vive numa sociedade completamente dependente do petróleo e da electricidade.

Schumacher (1980) antecipava em sua obra o conceito de desenvolvimento sustentável ao defender que era preciso buscar alternativas ao modelo económico que se baseia apenas em crescimento de produção e consumo, de maneira a diminuir a exploração dos recursos naturais não renováveis e, assim, salvaguardá-los para as gerações seguintes.

A ideia do autor vai ao encontro do conceito de Decrescimento, criado em meados dos anos 70 e actualmente promovido pelo economista Serge Latouche, que sugere um modelo económico no qual o PIB não seja o único indicador para mensurar

o nível de qualidade de um país, partindo do princípio de que não se pode haver projectos de crescimento económico infinito, uma vez que os recursos existentes na Terra são limitados. Daí a necessidade de se utilizar também indicadores sociais e ecológicos.

Uma das propostas do Decrescimento é fazer com que os hábitos de consumo e as noções de necessidade e de conforto sejam revistas pela sociedade. Por exemplo, enquanto a água, numa aldeia no interior da Índia é um recurso natural escasso e consumido para manter as pessoas vivas, para uma família de classe média na Europa ou América é um item utilizado para a rega de plantas que enfeitam o jardim. O que Decrescimento sugere, portanto, é mais equidade social e a sustentabilidade da ecologia (Alier e Schneider, 2010).

Nessa linha de raciocínio, diminuir as taxas de natalidade, mas manter os mesmos padrões de consumo não ajudará a resolver os problemas contemporâneos que ocupam lugar nas notícias actuais, entre eles as alterações climáticas e as suas consequências. O problema não está apenas no número de pessoas sobre a Terra – actualmente 7 mil milhões –, mas sim na forma como as questões sociais e ambientais são interpretadas e tratadas no dia-a-dia.

Magalhães (2007) ilustra a Terra como um grande e único condomínio e coloca os chefes de Estado como os gestores e agentes administrativos desse espaço em comum, enquanto as populações de todos os continentes como vizinhas umas das outras. A analogia é para ilustrar a necessidade de que toda a sociedade deve estar envolvida em questões como a poluição dos oceanos, chuvas ácidas, fome, escassez da água, aquecimento global, alterações climáticas, desemprego e tantas outras situações que embora não atinjam pessoalmente a todos, afecta o mesmo “quintal”, que é a Terra.

Feita essa introdução global, parte-se para os estudos de caso do presente trabalho. O que se verifica em comum na actuação do Tamera e do Zmar é que ambos procuram estabelecer um novo padrão de hospedagem, um novo conceito de turismo, no qual o meio ambiente é o principal protagonista e, portanto, deve ser preservado para continuar sendo usufruído, pelos frequentadores actuais e pelos que ainda virão.

Do contrário, a sua não preservação poderá comprometer e prejudicar drasticamente a actividade desempenhada pelos dois estabelecimentos.

O Zmar é uma instituição privada, que recorreu a financiamentos para abrir as suas portas e só pretende expandir a sua capacidade após obter retorno de parte do investimento que foi feito à partida.

O Tamera foi concebido como uma comunidade, na qual todas as decisões são tomadas por seus 98 membros, que formam uma espécie de conselho directivo. A comunidade obtém rendimentos por meio de patrocínios para os projectos que desenvolve, doações de terceiros, através dos cursos que promove e da venda de artigos à disposição em sua *bookshop*, tais como os livros que edita, produtos de higiene pessoal amigos do ambiente e trabalhos manuais que tenham a ver com a sua filosofia. Todo membro é livre para ter actividades paralelas fora da comunidade, sobretudo que possam ser executadas remotamente, ou seja, à distância – tais como design, pintura, traduções etc – porque assim permite que a pessoa continue vivendo na comunidade. Entretanto, aqueles que desejam ou necessitam se ausentar da comunidade por um período, tem total liberdade de ir e vir. Caso as despesas da comunidade sejam superiores ao fundo disponível, os 98 membros são responsáveis por completar o restante.

Uma vez com investimento para tal, o Zmar desde o primeiro passo foi construído seguindo rigorosamente o que a as regulamentações vigentes estabelecem como construção sustentável, o que lhe rendeu, em pouco mais de dois em actividade, oito prémios, classificando-o como referência, e o selo de eco-hotel.

As obras no Tamera, por sua vez, estão sempre condicionadas à disponibilidade financeira em seu fundo e seguem o significado mais genuíno de sustentabilidade. A comunidade procura utilizar materiais naturais para as suas construções, de preferência aqueles disponíveis dentro do seu próprio terreno – como pedra, argila, terra e madeira. Seu membros ainda aguardam a aprovação de licenças de obras por parte do órgão competente para a construção de casas que substituirão as tendas onde os seus moradores vivem. A comunidade tem planos de construir uma nova Guest House, com capacidade para até 150 pessoas, entretanto não há uma data para execução desse projecto, pelas duas razões mencionadas acima.

Toda a estrutura do Zmar foi planeada para proporcionar ao seus hóspedes bem-estar, por isso há espaços para descanso, caminhadas e actividades físicas. Dessa maneira atende aos gostos da maioria dos hóspedes. Com o mesmo propósito, há um mercado à disposição dos clientes, com uma gama de produtos que vai desde um chocolate ou pacote de bolachas para um lanche vespertino, até garrafas de vinho e artigos para preparar refeições. Para incentivar a reciclagem, há ecopontos distribuídos por toda a área do empreendimento.

Uma das preocupações do Tamera é “curar” a terra. A construção do retentor de água – para além de servir como reservatório para o período de secas – está totalmente relacionado com essa visão mais holística sobre o seu papel na sociedade: permitir que a terra – outrora seca e improdutivo – volte a dar flores e frutos, recompor a fauna local e utilizar os espaços com a “permissão” da natureza.

Todas as pessoas que ali estão contribuem com algum tipo de trabalho – desde a fazer colheita de alimentos, fazer compotas, cozinhar ou lavar a loiça. Há dois bares dentro da propriedade do Tamera, para aqueles interessados em consumir bebidas alcoólicas ou algum alimento diferenciado. Entretanto, é disponibilizado gratuitamente aos hóspedes chá, pães e frutas. O lixo orgânico gerado no local é depois tratado e transformado em composto para as plantações. Já os resíduos recicláveis e inorgânicos são levados para o ponto de recolha selectiva público, que fica a alguns quilómetros da propriedade.

O Zmar está aberto ao público o ano inteiro e, actualmente, o seu maior desafio tem sido manter a taxa de ocupação nos meses da chamada época baixa. Para tal, promove pacotes temáticos – conforme calendário festivo – , estabelece parcerias e faz promoções.

No Tamera, a apanha de azeitonas – no fim Novembro – representa a última actividade aberta ao público do ano. A comunidade mantém-se encerrada de Dezembro até o início de Março. Nesse período, os seus moradores retornam para suas respectivas casas/ famílias, vão para outras eco-aldeias partilhar e obter conhecimentos de diferentes vivências em comunidade ou participam de formações para as actividades que serão desenvolvidas na comunidade no próximo ano.

CONCLUSÃO

O turismo está tão ligado à vida quotidiana que não é possível imaginar o mundo contemporâneo sem ele. O cobijado direito ao descanso depois de um ano de trabalho aliado ao prazer de conhecer um novo local – seja em seu país ou no estrangeiro – faz parte da rotina ou dos desejos da grande maioria da actual sociedade consumista, aquela formada por pessoas que trabalham para poder manter ou elevar o seu padrão de consumo e estilo de vida, mantendo assim toda uma indústria de bens e serviços funcionando como relógio.

De facto, o turismo é considerado actualmente uma indústria que movimenta anualmente centenas de milhares de euros ano após ano, da mesma forma que é sabido que muitos países tem no turismo a sua principal fonte de receita. Ou seja, é uma peça do relógio da sociedade actual que se parar de funcionar, danificará o andamento de todos os outros sectores.

Entretanto, ao lado da sua inegável importância económica está o facto do turismo ser um dos grandes vilões no que se refere às questões ambientais. Isso devido ao volume de emissão de gases com efeito estufa que os deslocamentos provocam, a exploração indiscriminada de recursos naturais, a urbanização de zonas rurais para construção de hotéis e demais estruturas voltadas para o turismo, que resultam na descaracterização de cidades e aldeias, a falta de integração com a população local, a exploração de mão de obra local com remuneração abaixo da média, sobretudo em países em vias de desenvolvimento, entre outros factores que nem sempre são levados em consideração pelo turista no momento de decidir se passará as próximas férias na montanha ou na praia.

Como o título do Mestrado indica: Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos, nele são estudadas as interferências do homem sobre a natureza e os seus recursos e os problemas que esses actos podem gerar no mundo. Ao se optar pelo tema de ecoturismo e turismo sustentável para ser o foco central deste trabalho, o que se busca é basicamente uma alternativa para o actual problema que a exploração turística tem gerado de maneira crescente e contínua sobre o meio ambiente.

No início deste trabalho, pretendia-se analisar a bibliografia disponível sobre ecoturismo e turismo sustentável e, no terreno, verificar se as práticas seguiam a teoria. A partir da amostra inquerida, as informações aqui levantadas podem auxiliar no processo de compreensão sobre o que está a ser feito sob a óptica da sustentabilidade e o seu possível impacto sobre o meio e a sociedade.

Devido às características muito específicas de cada um dos estudos de caso, uma das primeiras conclusões a que se chega é que eles não podem ser analisados e comparados lado a lado, de igual para igual, pois os parâmetros de comparação são muito subjectivos e diferenciados. O que se verificou de comum entre os dois foi a intenção de fazer algo de positivo, influente e ecológico. A preocupação de cuidar e preservar e, ao mesmo tempo, explorar obtendo recursos de forma sustentável.

O Zmar é um negócio privado e, como tal, um dos principais objectivos é gerar rendimentos. O Tamera é uma comunidade que tem como princípio a partilha. Ambos prestam um grande contributo para o Alentejo e em particular para o município de Odemira, seja recuperando a capacidade dos solos de absorver água e voltar a crescer alimentos, seja atraindo para a sua periferia pessoas de todos os lados do país e do globo, seja gerando emprego directo ao contratar pessoas locais como funcionários, ao nível da formação para melhorar suas habilidades, ou seja pela contribuição para o mercado agrícola local se manter activo.

Nos dois casos há pontos que podem ser melhorados. No Tamera, por exemplo, não há tantos ecopontos como no Zmar, mas enquanto no Zmar há um mercado que comercializa produtos que podem gerar lixo (embalagens etc), os petiscos oferecidos no Tamera são frutas, água da torneira, chá, sempre com material reutilizável.

A forma como o Tamera faz o processo de tratamento da água – utilizando plantas que a filtram – parte do princípio de que todos os seus frequentadores são extremamente comprometidos e conscientes sobre o impacto que agentes químicos podem ter sobre esse processo; entretanto se uma pessoa em cada cem utilizar – por desconhecimento ou qualquer outra causa – um produto que não seja 100% biodegradável pode colocar em risco todo ou parte do processo.

No Capítulo II foi exposto que em alguns estudos de caso de ecoturismo em diversos lugares a principal acção identificada como insustentável naquelas práticas era o facto de haver um superpovoamento da localidade visitada. Essa premissa pode ser aplicada ao caso do Zmar. Por mais que a sua construção esteja inserida no contexto da paisagem local e as práticas de gerar energia limpa e reaproveitar as águas, não se pode deixar de lado o impacto que geram três mil pessoas ao mesmo tempo numa região. A economia local beneficia desse movimento sazonal, mas é preciso ter claro que os hóspedes devem ser informados e incentivados a preservar o meio que estão a visitar, quer seja a parte verde do Parque Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina ou as suas praias.

Os dois empreendimentos, de forma diferenciada, parecem contribuir com o ecoturismo, para propagar a sustentabilidade no Alentejo, ajudar no processo de recuperação da auto-estima da localidade, atrair novas pessoas, novos interesses e contribuir para a melhoria da qualidade de vida da comunidade. O trabalho que os dois executam, cada qual a sua maneira, contribui para a diminuição da pegada ecológica e procura, assim como o princípio da sustentabilidade estabelece, preservar/ melhorar o ambiente onde estão inseridos para que gerações futuras também possam usufruí-lo e acaba por contribuir com a geração de rendimentos no Concelho.

Pode-se dizer que as acções dos dois locais se complementam. O Zmar com a infra-estrutura que possui e oferece aos clientes, o Tamera com a formação que dá aos seus visitantes e o uso mais produtivo que dá à terra – que vai além da paisagem verde, o que eles chamam de “paisagem comestível”.

Num cenário global onde investigadores mais pessimistas apontam o desequilíbrio na cadeia de distribuição de alimentos como o principal motivo do próximo conflito mundial, e numa altura em que os centros urbanos estão cada vez superpovoados, com poluição, falta de qualidade de vida e com o índice de desemprego crescente, mostra-se necessário criar recursos e condições para recuperar as regiões campestres, dinamizando a economia local de maneira equilibrada e sustentável, preservando o seu património histórico, cultural, natural e social.

Numa análise geral, ainda que com as ressalvas já mencionadas, com base na pesquisa levada a cabo é correcto responder afirmativamente à questão de partida,

que indagava se é possível praticar ecoturismo e turismo sustentável no Alentejo. Verificou-se que mais do que possível, é necessário que as acções colocadas em prática naquela região tenham a questão da sustentabilidade como um dos pilares, pois é uma região que necessita de investimentos para ser requalificada e repovoada, caso contrário transformar-se-á numa espécie de deserto abandonado, vítima do despovoamento, envelhecimento e com fraco tecido económico.

Ao retomar as hipóteses levantadas no princípio do projeto verifica-se que as mesmas se confirmam, como é explicitado a seguir.

A primeira hipótese levanta a questão se os dois estudos de caso exercem alguma influência sobre a mentalidade de seus clientes, estimulando-os a adoptar uma nova atitude frente ao turismo.

O cliente que decide passar as férias no Zmar não está em busca apenas de um parque de campismo, de contrário daria preferência para outros parques que existem na região de Odemira, com preços mais acessíveis. O que esse cliente busca é o lazer e o conforto aliados ao contacto com a natureza e, enquanto estão ali hospedados – ainda que não se deem conta – são estimulados a adoptar práticas sustentáveis: economizar água, utilizar energia renovável, reciclar os resíduos, consumir alimentos locais, etc.

Com os hóspedes da Guest House do Tamera acontece de forma similar. As pessoas que para ali vão, à partida, estão inscritas em algum tipo de formação que o local realiza, ou seja, estão pré-dispostas a aprender algo relacionado com permacultura, energia solar ou outro tema de sustentabilidade que o Tamera promove, para poderem colocar em prática os conhecimentos adquiridos no local onde vivem. Portanto, a primeira hipótese confirma-se.

A segunda hipótese levanta a questão se as preocupações ambientais em destaque nos meios de comunicação social estimulam/ interferem/ forçam os operadores turísticos a adoptarem novas maneiras de actuar. Ou ainda: são factores determinantes para os turistas na hora de eleger o destino de férias.

Durante a fase de fundamentação teórica verificou-se que o ecoturista está disposto a pagar mais caro para usufruir de serviços menos massificados e ter acesso a

locais pouco explorados, para assim estabelecer um contacto com mais qualidade com o local visitado. Também se verificou que barómetros actuais apontam para o aumento do número de turistas leva em consideração o factor “sustentabilidade” na hora de escolher o local onde se hospedará, onde terá as refeições durante o período de férias e que tipo de lembranças comprará para presentear os seus amigos.

No caso dos estabelecimentos analisados neste trabalho, as entrevistas com os seus responsáveis mostrou que a preocupação de estar em conformidade com os padrões exigidos hoje em dia, pela sociedade, balizaram a forma de actuar desde o princípio, ou seja, desde o momento da construção do que hoje é o Zmar e o Tamera. Tanto um como o outro buscou materiais de origem controlada e/ou da localidade para erguir as suas edificações, tratam os resíduos que produzem, reaproveitam as águas das chuvas para manter hortas e jardins e tomaram cuidados para evitar a impermeabilização do solo – grande preocupação na região do Alentejo nos dias actuais.

Como a questão da sustentabilidade é um tema que se renova a cada dia, os dois estabelecimentos mostram-se dispostos a investir em projectos para aprimorar a estrutura que já possuem. É o caso, por exemplo, dos estudos e experimentos realizados na Aldeia Solar do Tamera. Portanto, a hipótese dois também se comprova.

Por fim, a terceira hipótese questiona se é possível que práticas ecológicas e/ou sustentáveis isoladas de determinados operadores turísticos interfiram ao seu redor a ponto de modificar a rotina da localidade, inclusive a nível da administração pública.

Ambos os empreendimentos afirmam ter parcerias com produtores locais para o abastecimento de seus suprimentos e priorizam, sempre que possível, produtos portugueses. Dessa maneira contribuem com a economia de Odemira, fazendo com que campos de cultivo outrora abandonados voltassem a ser utilizados pelos seus proprietários. Além disso, verificou-se que as actividades promovidas tanto pelo Tamera quanto pelo Zmar são incluídas na agenda cultural da Câmara Municipal de Odemira, que é distribuída gratuitamente para a comunidade e turistas. Portanto, a terceira hipótese levantada no início deste trabalho também se confirma.

Para além de um turista consciente, o Alentejo necessita de um governo dinâmico, pró-activo e alerta para as questões das alterações climáticas e de empresários interessados em explorar a região de maneira sustentável e equilibrada. Ainda que o contexto político e financeiro actual de Portugal não se mostre favorável devido à crise económica que atinge o país.

Como sugestão para uma pesquisa futura que aprofunde o tema aqui iniciado, sugere-se um trabalho empírico junto à população alentejana, com o propósito de perceber o que ela entende por ecoturismo, como ela vê e sente o impacto da actividade turística na zona e o que, para ela, seria uma forma sustentável de contribuir para a região, pois conforme se verificou, o sucesso ou o fracasso de uma iniciativa está directamente relacionado com o grau de envolvimento e participação que é dado àqueles que estão directamente comprometidos com a localidade: os seus habitantes.

BIBLIOGRAFIA

ALBINO, J. *et al.* 2000. *Turismo e desenvolvimento no Norte Alentejo: Valorização dos recursos humanos para o sector nos concelhos fronteiriços no Norte Alentejano*. Lisboa: Edições Colibri.

ALENTEJO, Turismo do. 2009. *Plano Operacional de Turismo do Alentejo (POTA)*. RDPP.

ALIER, J.M., KALLIS, G., e SCHNEIDER, F. 2010. *Crisis or opportunity? Economic degrowth for social equity and ecological sustainability. Introduction to this special issue* in *Journal of Cleaner Production* 18 (2010) 511-518. Disponível em B-On. Consultado em 24/04/2012.

BAILLY, A., SCARIATI, R., SIMÕES, J.M. 2009. *Viagem à Geografia – Uma geografia para o mundo Uma geografia para todos*. Mirandela: João Azevedo Editor.

BRUNTLAND, G. 1987. *Towards Sustainable Development. In Our Common Future: The World Commission on Environment and Development*. Oxford: Oxford University Press.

CAMILO, V. *et al.* 2010. *Sustainable Tourism Clusters: The Case of Alentejo's Natural Parks* in *Sustainable Tourism: Issues, Debates & Challenges*, Grécia, p. 1006-1030.

CAMPENHOUDT, L.V., e QUIVY, R. 2008. *Manual de Investigação em Ciências Sociais Trajectos*. Paris: Gradiva, 5ª edição.

CEBALLOS-LASCURAIN, H. 1998. *Ecoturismo, Naturaleza y Desarrollo Sostenible*. Cidade do México: Editorial Diana.

CRISTOVÃO, A. e SIMÕES, O. 2003. *TERN Turismo em Espaços Rurais e Naturais*. Coimbra: Edições IPC – Inovar para crescer.

CARETO, H., e LIMA, S. 2006. *Turismo e Desenvolvimento Sustentável - 1*. Geota.

DOMINGUES, C. M. 1997. *Prontuário Turístico*. Lisboa: Instituto Nacional de Formação Turística, 2ª edição.

DOMINGUES, C. M. 1990. *Dicionário técnico de turismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

DOWLING, R. K., e PAGE, S. J. 2002. *Themes in Tourism: Ecotourism*. Endinburgh: Prentice Hall.

DREGGER, L. 2010. *Tamera Um modelo para o futuro*. Alemanha: Verlag Meiga, 1ª edição.

- DUHM, D. 2005. *The Sacred Matrix – From the Matrix of Violence to the Matrix of life. The Foundation for a New Civilisation*. Varlag Meiga.
- FERREIRA, C.C., e SIMÕES, J.M. 2009, *Turismo de Nicho: Motivações, Produtos, Territórios*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos Universidade de Lisboa.
- FERREIRA, J., e MEIRA, I., 2011, *Agritourism in Hawaii: going back to the roots in International Conference Special Interest Tourism and Destination Management*. Nepal.
- FERREIRA, J., e TONON, K., 2011, *Ecotourism in Portugal: sustainable practices in Alentejo in People make places ways of feeling the world*. 10th congress of the International Society of Ethnology and Folklore (SIEF), Lisboa: FCSH-UNL.
- FODDY, W. 1999. *Como perguntar - Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*. Oeiras: Celta, 1ª edição.
- GUIMARÃES, P.V., MACÊDO, M.M.C., e MONTENEGRO, R. 2001. *Turismo Rural e Ecoturismo no Distrito Federal in Revista Múltipla*. Brasília, 11; 2001, p. 162-193 [online] disponível em <http://200.199.244.67/revistamultipla/multipla11.pdf#page=161>. Pesquisa realizada em 14/06/2010.
- HALL, P. 1995. *Cidades do amanhã : uma história intelectual do planejamento e do projecto urbanos no século XX*. São Paulo: Perspectiva.
- HIGHAM, J. 2007. *Critical issues in ecotourism – Understanding a complex tourism phenomenon*. Oxford: Elsevier.
- JOAQUIM, G. 2003. *Turismo sustentável: o desafio da inovação e da tradição in TERN Turismo em Espaços Rurais e Naturais*. Coimbra: Edições IPC – Inovar para crescer.
- KIRSTGES, T., e LÜCK, M. 2003. *Global Ecotourism Policies and Case Studies. Perspectives and Constraints*. Clevedon: Channel View Publications.
- KISS, A. 2004. *Is community-based ecotourism a good use of biodiversity conservation funds?* In *Trends in Ecology and Evolution*. Washington, vol. 19, nº 5, 2004, p. 232-237.
- KRÜGER, O. 2005. *The role of ecotourism in conservation: panacea or Pandora's box?* In *Biodiversity and Conservation*, n. 14, 2005, p. 579-600.
- LIMA, S. 2008. *A gestão ambiental no sector hoteleiro*. Geota.

MAGALHÃES, P. 2007. *O Condomínio da Terra – das alterações climáticas a uma nova concepção jurídica do planeta*. Coimbra: Almedina.

MAIER, J., e MENCHEN, N. 2000. *Sustainable tourism and the new concepts of local economy and experiences in practical local and regional planning in Sustainable Tourism*. Lisboa: Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional. Série Documentos – nº 3, p. 5-18.

MEIRA, M.I.G., 2011. *Agriturismo – caso de estudo Havaiano*. Relatório de estágio de Mestrado em EHPSC. Lisboa: FCSH-UNL.

NAZARETH, M.Q.R. 2002. *Ecoturismo e sustentabilidade, o parque Sudoeste Alentejano*. Dissertação de mestrado. Lisboa: FCSH-UNL.

NEVES, C.A.C. 2005. *Ecoturismo: um contributo para o desenvolvimento sustentável de Marvão*. Dissertação de Mestrado em EHPSC. Lisboa: FCSH-UNL.

NORDGREEN, R. 2000. *Non-material heritage in rural tourism development – Limitations and regional implications in Sustainable Tourism*. Lisboa: Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional. Série Documentos – nº 3. Lisboa, p. 85-112.

NUNES, J.M. 2008. *Roadbook: os caminhos do turismo sustentável – Manual de boas práticas de desenvolvimento turístico*. I9tur.

OLIVEIRA, N.G. 2009. *Ecoturismo e Conservação da Natureza*. Vila Nova de Gaia, 1ª edição.

PARTIDÁRIO, M.R. et al. 2000. *Criteria for sustainable tourism – a methodological approach in Sustainable Tourism*. Lisboa: Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional. Série Documentos nº 3, 2000, p. 19-28.

PEDRO, L.C.S. 1999. *Turismo no Espaço Rural: Contributo para o Desenvolvimento Local. O caso da Lourinhã*. Seminário de Investigação Científica – Sociologia. Lisboa: FCSH.

PORTUGAL, Turismo de. 2011. *O Turismo na Economia – Evolução do contributo do Turismo para a economia portuguesa 2000-2010*. ProTurismo.

PORTUGAL, Turismo de. 2011. *O Turismo em números*. ProTurismo.

PORTUGAL, Turismo de. 2011. *Relatório de Sustentabilidade – Atuar para o desenvolvimento sustentável – 2010*. Lisboa: Direcção de Estudos e Planeamento Estratégico.

PORTUGAL, Turismo de. 2010. *Relatório de Sustentabilidade Turismo de Portugal 2009*. Lisboa: Direcção de Estudos e Planeamento Estratégico.

PORTUGAL, Turismo de. 2007. *Plano Estratégico Nacional do Turismo para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal*. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação. [online] disponível em:

http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/conhecimento/planoestrategico_nacionaldoturismo/Anexos/PENT_VERSAO_REVISTA_PT.pdf. Consultado em 17/02/2011.

ROXO, M.J. 2006. *Land for Bread – A case study in Portugal in Scape the way ahead*. p. 67-70. Online

[http://eusoils.jrc.ec.europa.eu/esdb_archive/eusoils_docs/other/Scape.pdf].

Consultado em 02/06/2011.

SCHUMACHER, E.F. 1980. *Small is beautiful – um estudo de economia em que as pessoas também contam*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

SHAW, G., e WILLIAMS, A.M. 1994. *Critical Issues in Tourism – A geographical perspective*. Oxford: Blackwell Publishers, 1ª edição.

UMBELINO, J. 1999. *Textos de Turismo - I*. Lisboa: Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional. Série Documentos – nº 2.

VACAS, M.N. 2000. *Aspectos Antropogeográficos do Alentejo*. Montemor-o-Novo: Edições Colibri.

Recursos electrónicos

AICEP – Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal. *Portugal – Ficha país*. [online] Disponível em:

<http://www.portugalglobal.pt/PT/Biblioteca/LivrariaDigital/PortugalFichaPais.pdf>.

Consultado em 18/06/2012.

APCOR – Associação Portuguesa de Cortiça. 2010. *Cortiça em Números*. [online] Disponível em:

<http://www.apcor.pt/userfiles/File/Estatisticas%20Sector%20da%20Cortica%202009.pdf>. Consultado em 7/01/2012.

Câmara Municipal de Odemira. 2012. [online] Disponível em: <http://www.cm-odemira.pt/pt/Paginas/default.aspx>. Consultado em 11/03/2012.

CVRA - Comissão Vitivinícola Regional Alentejana. 2010. *Dados estatísticos*. [online] disponível em:

http://www.vinhosdoalentejo.pt/media/documents/120410_1271072583.pdf. Consultado em 7/01/2012.

EUROSTAT. 2012. *Minimum wage statistics*. [online] Disponível em:

http://epp.eurostat.ec.europa.eu/statistics_explained/index.php/Minimum_wage_statistics. Consultado em 12/03/2012.

INE, 2011. *Anuário Estatístico da Região Alentejo – 2010*. [online] Disponível em:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=130327251&PUBLICACOESmodo=2. Consultado em 30/05/2012.

INE. 2011. *Censos 2011 – Resultados preliminares*. [online] Disponível em:

http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=122103956&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554. Consultado em 08/07/2011.

INE. 2010. *Despesa turística retoma crescimento – 2010*. [online] Disponível em:

http://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=104772750&att_display=n&att_download=y. Consultado em 17/12/2010.

INE. 2008. *Dormidas nos estabelecimentos hoteleiros com inversão de tendência de crescimento em 2008*. [online] Disponível em:

http://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=104774635&att_display=n&att_download=y Consultado em 17/12/2010.

INE. 2004. *Projeções de Populações Residente Portugal e NUTS II 2000-2050*. [online] Disponível em:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=7035377&PUBLICACOESmodo=2. Consultado em 23/07/2012.

SINES, Porto de. 2012. *Mapa estatístico 2011*. [online] Disponível em:

<http://www.portodesines.pt/pls/portal/go>. Consultado em 28/06/2012.

TIES, The International Ecotourism Society. 2006. *TIES Global Ecotourism Fact Sheet*.

Washington. [online] Disponível em: <http://www.ecotourism.org/atf/cf/%7B82a87c8d-0b56-4149-8b0a-c4aaced1cd38%7D/TIES%20GLOBAL%20ECOTOURISM%20FACT%20SHEET.PDF>.

Consultado em 14/06/2010.

Turismo 2015: <http://www.turismo2015.pt/default.aspx?content=256>. Consultado em 16/04/2011.

REPÚBLICA, Diário da. 1998. *Resolução do Conselho de Ministros nº 112/98*. [online]

disponível em: http://www.icnf.pt/NR/rdonlyres/DDB3C45E-BCBC-4015-8643-DA7648D9707E/0/RCM_112_1998.pdf. Consultado em 27/07/2011.

UNWTO, World Tourism Organization. 2012. *2011 International Tourism Results and Prospects for 2012*. Madrid: [online] disponível em:

http://dtxtg4w60xqpw.cloudfront.net/sites/all/files/pdf/unwto_hq_fitur12_ik_2pp_0.pdf. Consultado em 11/03/2012.

UNWTO, World Tourism Organization. 2012. *International tourism to reach one billion*

in 2012. Madrid: [online] disponível em: <http://media.unwto.org/en/press-release/2012-01-16/international-tourism-reach-one-billion-2012>. Consultado em

11/03/2012.

UNWTO, World Tourism Organization. 2010. *World Tourism Barometer*. Madrid:

[online] disponível em:

http://www.unwto.org/facts/eng/pdf/barometer/UNWTO_Barom11_1_key_trends_web_en.pdf. Consultado em 13/04/2011.


UNWTO, World Tourism Organization. 2010. *Tourism Highlights*. Madrid: [online]

disponível em:

http://www.unwto.org/facts/eng/pdf/barometer/UNWTO_Barom11_1_key_trends_web_en.pdf. Consultado em 13/04/2011.

ANEXOS

Anexo I: Transcrição entrevista Tamera	i
Anexo II: Transcrição entrevista Zmar	xiv
Anexo III: Inquérito utilizadores – português	xxiii
Anexo IV: Inquérito utilizadores – inglês	xxvi
Anexo V: Respostas a inquéritos consolidadas	xxix
Anexo VI: Dados brutos de respostas aos inquéritos – Tamera	xxxi
Anexo VII: Dados brutos de respostas aos inquéritos – Zmar	xxxiii
Anexo VIII: Imagens Tamera	CD
Anexo IX: Imagens Zmar	CD

Mestrado em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos Aluna: Kelli Machado Tonon kellimachado@yahoo.com.br Orientador: Prof. Dr. Jorge Ricardo Ferreira		
Data: 19 /08/ 2011		
Hora: 9:30		Entrevista nº 1

Entrevista: estabelecimentos de turismo: Tamera

Kelli: To start... your name I know

Frieda: My real name is here...: Frieda Julie Radford

K: How old are you, Frieda?

F: 66. I'm afraid

K: And you are Swiss?

F: I have nationality Swiss and British. I have two passports, but I was born in Swiss.

K: What did you do for education?

F: I have a Swiss national diploma of Economics

K: You are here for how long in Tamera?

F: In Tamera I'm about six years. I live officially in Switzerland and I go there every two months. But now I'm more and more here.

K: Tell me a little bit about the motivation of Tamera, the Guest House

F: Well... the Guest House is a service to Tamera.

Tamera stands for a big issue. We want... Tamera wants to create a model, a sustainable model of autarchy for a village.

Energy, water, food is being produced locally or at least regionally together with other people in the region would product. So we don't have to produce the whole, but everything must to be available in certain distances.

And we support a change of system as in all areas of life on this planet. In the technological, scientific, in the philosophy and how we live, how we bring up children,

how man and woman live together, the whole social's sphere, community life own support. So this model is to represent all that. So... sometimes people tell us: "well why ain't you first in this?" than we say: "well, we... since we do everything. I just don't do permaculture. I just don't do social's things. I just don't do this. We do everything. We have to. So we are not yet that far at once as we might be if you only did one thing, but to study how things come together, and how one supports the other and creates synergetic effect and so on is the task that needs be researched and practiced. So that is what Tamera is about and this Guest House is only here because Tamera receives many visitors who come to study or who come to contribute with their knowledge and the Guest House is here for that propose.

So is there Campus over there.

K: Why the Alentejo as the place for Tamera?

F: The roots of this project go far back 33 years. I have been 27 years in this project and the old ones here they have been together all this time doing this. We have been in different location and in our mind we always have this beautiful big terrain where we could start to realize the model and we knew that the model, the land must be a challenge ecologically so we could draw something, and it needs to have a certain size and we knew it could only be in a country where it could still we couldn't buy this land it costs millions and millions and millions you know... so much money we wouldn't have.

So we knew we have to look in the South. Portugal was one option, Yugoslavia in the old days, Croatia - there coast that style, but at that time we were living in the Canary Islands, working in the Canary Island on Lanzarote and from there one of our found Sabine Lichtenfels and somebody else came travelling to look. And they went to Odemira and somebody said "oh there is a big Montado near Colos" and they went to have a look and she said "that is it". She knew exactly, she is very intuitive and she is a medium and she felt immediately the sort of energy on this place and said "this is exactly what we want" and this was affordable. You know... we could... we have the money to buy this, but we couldn't buy millions so... that's why... and in Switzerland there is no such big land to be bought. Nowhere. So this was obvious and we like the Portuguese, we felt welcome here you know... so that's why.

K: In the beginning of the project in Germany the motivation, besides the events of 1968 revolution, is there something about the Chernobyl accident. Did it motivate you to left?

F: Chernobyl came latter. All the catastrophes in the world for us are a reason more to do what we do. Every catastrophe, I mean we firmly believe the all catastrophes were man made. Not just Chernobyl, also tsunami, also the floods- flooding is usually due to forced water management. And we very much believe in a systemic sort of... that the world is building in systems and this systems affects one and another and that basically each human being has an effect, with whatever he thinks, does and mostly unconscious so that brought forward this world as we have now, but also we could become conscious what we do and think and know that we are not sort of victim of something or it doesn't no way we are very much involved in what do we created. So we need to think what do we want to bring for, what we want to create and than act and think accordingly. So all these catastrophes and I mean there are more and more now lots of war and getting worse and worse, but one can only feel that we are in huge time of transformation and when that happens everything breaks loose.

K: A long of the time did the Guest House rebuilt or expanded?

F: The Guest House we built early on because we knew we had to have a few rooms where we couldn't receive... you know... people who you contact in a tend and since most of the people we wanted to know who were interested, who could help us, would be a bit older normally, we knew we had to have a few rooms so we built early on this Guest House. So that we could offer accommodation that is suitable for such a guest otherwise we've always lived in tends and then we built this three wooden huts to have at least something fixed not just a piece of clothand we plan now a big Guest Centre, which will have everything. Which will cater to individual. We will have the latest innovations in this Guest House, we will be zero energy, a fair will be build exceptionally well and will serving as a demonstration model and as soon as we get the ok from the government we are going ahead. So we will accommodate there about 150 people.

K: 150 with tends and beds?

F: The tends will all disappear and we will still have for low cost. We will have dormitories of four beds, six beds is the most. We don't want more. We will have communal shower room for those and we will have individual rooms.

K: Where is it going to be?

F: At the entrance, where you come in. behind here on this side (*she shows in a picture*).

K: You told me about the permaculture, the solar village... Is the solar village able to provide energy to all Tamera?

F: No at all. The Solar Village is an invention of – now its called Solar Power Village – This is the technology which has been invented essentially by a man in Germany and here we develop it further and make it ready for use. So it's all a test field over there. At the moment some people are working out an energy concept for the whole of Tamera. So at the moment we work in all sort of stuffs, you know... With gas, with... We are also building a biogas installation and the Solar Power Village technology that would, that will be implemented in this model, like a little village of 50 people who can live without outside influences and... We can run the kitchen of that now. We can run pumps of that... The same sort of what you normally use for households and we can make the whole place light up, and you can use a computer. And I think they have... already can use "source electric" as some sort of equipment if it is not too powerful, but that is what they want to expand to make it to carry more, more Wattage so... it's interesting. It is not finish yet. It works, but it needs now to be fine tuned you know...

K: What about the water. How do you treat the water?

F: The wasted water we have a plant clearing thing, where the waste goes in, This has been built up. This has various layers of stone, sand and gravel and it – I mean – it takes out the thick waste and the thin waste and the thin waste is all clear by plants. And from the thick waste we make compost (compostagem) and we put on the field. It's beautiful. (Apontando para a casa de banho ecológica) Here also if you lift this at the back there is a sort of thing and there are sort of compartment inside and if you

take the lowest – we are going to do it now – There is a beautiful black earth. Doesn't smell anything. Gorgeous.

K: After how much time do you check that compartment?

F: A year.

K: Here at the Guest House, how does it work?

F: We have flush toilets. With a normal aseptic tank. It needs to be clear out, but in the new Guest House we are going to have the latest type of compost that it will be a compost, but you will have a flush toilet. So it's very modern inside and outside it's very natural, how it's been treated. (toca o telephone)

K: How do you do the laundry?

F: We do it here. We have a washing machine, but... and I have fridges. Eco fridge. No ice compartment, to use little electricity. (ela procura algo) I'm invited to a meeting this energy group is introducing (não encontra o que procura) anyway... where they are introducing a new energy concept. And here (aponta para o lado de fora do escritório) we are going to build out here an extra – like a tower – which fits nicely to the house, to this little thing (pequeno espaço) and there is going to be a big tank, and this tank here which will be having this thing will come out and will be all solar, there is going to be a lot of solar panel on the roof and we will have no more gas. No gas at all. And the all electricity is going to change in this area of Tamera. In all of Tamera. Now we are starting to implement the concept for the energy. It's a mixture of that voltaic and of this other we have in the green house. Have you been over there?

K: yes.

F: That work with Fresnel lenses and oil.

K: What kind of difficult did Tamera face in the beginning of the Guest House? And how did you deal with it?

F: Everything. I mean... we based everything first when we come here our main goal was to build the community. So that was so much to trust in the people, that if any

horrible thing that happens we would sustain because in most places we see people start projects and after three years they are gone. They are gone because human being doesn't work. So we here have to develop methods of dealing this conflicts of to be in a community our mean time are trust, transparency, support for each other, support for the whole, not just the community, but the whole world, and we work on this regularly. We do something every day like a forum, that is everybody gets together - now we are too many, so we have various forums - so if you... you can enter in the middle of this forum and express what is so for you. Trouble, joy, anything. And what are you occupied, what do you thing. And there is one leader of the forum and we do if there is heavy stuff, we do it like a theatre, to make it easy to come out. And usually, one problem - the others have the same problem - basically human beans have certain problems - we can't deal with this. We can do with all our emotions, with love, with fear, and we work this out. We have the person to see herself and see what needs to be changed. So we do intensive inner work. And this has given us to stand a platform which is firm to do this thing. Sometimes we have no money at all then all of the sudden we get a lot of money, we never know, but we do, of course, an intensive fundraising for the projects. The household we do ourselves, we leave of what we take in from seminars, the guests, book shop and so forth and we get bit in the households from the salaries out of the project. I mean... if I make a project to build something, you have salaries and use to be our carrier and we work in this project and the money goes to the household. That pays for the food, that pays for the maintenance of the infrastructure, some new infrastructure if it's too big we have to make a project out of it. And if there is not enough money we have to put it in. It's divided throughout members. The members are responsible for the financial house hold.

K: All the members that live in here?

F: Yes, the 98 members. The rest are not members who live here. There're students, voluntaries or members in training. They don't have to pay. They pay something everyday, they also pay, but not like we. We are responsible for the whole thing, also financially. They don't have financially responsibility, they just pay their fees or wherever it is.

K: Do you get some support from the government? Even for special programs?

F: Nothing. I mean... we apply, we have got youth... for youth activities from the EU, We got projects for the rainforest from the government, but they have rainforest program also for the Alentejo. They gave ten thousand trees. You know what? One type of tree! This is idiotic I'm meant you need in a wood (forest). You don't have a monoculture we know this here from the eucalyptus, we can't make a wood with one type of tree. So these engineers came and we talk to them and we said "we can't build a wood with one tree". They didn't understand. we did get about five different types of tree in the end. But we got ... we would never make just one. We do ourselves to get other type of trees in order to create a health mix of wood. How many in Portugal have the problem that has no woods. We have cork, sort of loosely, the woods have all gone and the only thing we have are eucalyptus plantation and pinus, but all have been built as culture you know... of course here also in the Alentejo we would like to built real woods again and in the areas where... I mean... the eucalyptus is used for paper pulp and as far as I'm informed they had to agree when Portugal joined the EU that they have to produce so much wood pulp and they agreed with there were no other option. Have to agree so they carried on the eucalyptus stuff and of course that is the last thing, that destroyed it for a century and... Anyway.

K: And that was it the only time when you got something from the government?

F: From this government, yes. We also have got extensive for education, so much what is happening here some of this is also, but not a lot. You see we are still threatening for some people. I mean... we want to change everything and they don't want to change that fast. So sometimes our investments, our things are too radical, what we want and I think that is the true reason that they don't give us the money. It is too up front, but it is getting better. I mean... we are getting a lot of support now from universities in Portugal, from... I mean... they are getting seeing now. You know... and I think when we have important people speaking for us, they say "hey, this is really important what they are doing, let's have a look". I think will not get long and they will really good support.

K: Among the 98 members, do all of them have extra activities?

F: No. Some have. I was used to have my own business in Switzerland which gave me money. Now I am on pension. Some do work here on the community. Design something, translating, wherever, get money like that and when we have an outside activity we have a company in Germany. So one of ours members and they have a licenses to go to all big things, big festivals, big hummm concerts. Like the Boom Festival... and they sell things to eat. Sometimes, 20 young people from here go with this guy to Germany and they have everything – bake things – we have this ovens and we buy these half-baked things. They walk around own white aprons they sell this pretzels and things. We do business. Then they come back then each one get paid – something about 500 older ones about 1000 as them own personal money and they come back with 30, 40 thousand euros for household.

K: And the others activities as you are responsible for the Guest House...

F: It is not paid. They are all volunteers. We as the community, we get food, we get everything – no clothes, but we also have a textile shop where you can go and pick out some clothes and we live and we eat and we have a health insurance if you start new is ok but for me is not so good, we have two doctors and homeopathy practices, you can go there and doesn't cost anything ... and we get 20 euros pocket money a week to spend with cigarettes, beer, whatever and we have a culture of making gifts. Let's say if you have no money and you are working as a secretary at Solar Village – once you are here, you have everything – then you got your grandmother in Germany and you have to go there. So you have your group. Your Solar Village forum group, with whom you study everyday. We take one hour studying and one hour forum. And you go in the forum, where we share everything, and you say: "oh, I have to go to Germany, my grandma is dying and of course I need a ticket". And then everybody gives you something and then in five minutes you have your ticket and pocket money to be in Germany. So everybody gives. We always give what is about to live in here and some people, if you have to go on business, of course, its paid from our centre.

K: How does the partnership with the farmers around Tamera?

F: Well, we work with Taipas, we work with individuals products, like we have one guy, Victor, he has a big farm and produces organically and we buy a lot from him. And we have another couple they are really intense, natural farmers, incredible. They bring us a sort of goodies, like avocado, berries, exquisite foods and we buy everything they have, we buy. Then we do what I told you, that we encourage the farmers to start up to do things and we help them to sit and we guarantee that we buy from them the stuffs that they produce. And then there are others, like that one Alfredo, he has lots of grapes, all organic, we buy lots of stuffs from him. And would like that there is a big, like Taipa suggests, you know... a big regional network who produces essentially what this people who live in this region need to eat (?). All organically grow.

K: How many guests does Tamera receive per year? Around?

F: Ow! Around? I mean... in Summer we receive many from Easter to the end of olives harvest(colheita), that is end of November. At times, in Summer, when we are during Summer University we have 300, 350 people here sometimes. Normally we have, on a normal month - I sure it shows somewhere in here (procura) whether they have statistics ready (fala em alemão ao telefone) – yes, they've organized statistics, but the woman is not there at the moment.

K: Does Tamera have paid employees?

F: Very few. Oliva, who works for me here. When we come here there was a man who working in here, we kept him. We have a Portuguese book keeper in the financial office and we have another Portuguese Public Relation person, who is employed. And... think that is it.

K: Just four people?

F: Yeah. Very few.

K: Who is the Public Relations person? Is she in here?

F: Fátima. Yes, you should maybe talk to her. (telefone)

K: So... are all the paid people Portuguese?

F: Almost, yes. I think she is paid... (toca um sino) Ow. Now we have... you heard the gong? It's 10 o' clock. Now the whole Tamera goes for a few minutes in silence and sends good wishes for our friends who are living in war situation in Gaza, Colômbia, all over the world where there is this situation.

(silêncio...)

F: Ok. Good. (ela procura pelo telephone de Fátima e tenta falar com ela, mas não consegue).

K: How many people do live here actually?

F: There's about 150 at the moment. Normally. Sometimes 120, sometimes... depending on the flux, they come and go.

Fátima Teixeira. She does a lot of good work. She has a good network.

K: Is she the responsible for the website?

F: No. this is Leila Dregger, she is responsible for the website. And then we have another woman, she speaks perfectly Portuguese and lived a long time in Brazil, but she just have a baby, than they have a friend called Diogo, he is the initiator of the Boom Festival, and they do a lot of public work and so on.

K: Is Leila the one with the little baby?

F: No, she was sitting in here on the table on the right side of Mr. Holzer, long hair, a bit older, and she is our... she writes all the books. She just did a new book about Mr. Holzer. She wrote the Tamera book.

(ela digita um email)

This is our guest book. You can have a look.

K: Ok, I will. Just two more questions. Besides the partnership with the farmers, does Tamera have something similar with the Camara or other people in the region?

F: For instances we do have a culture connection and Odemira has allocated us, I think 40.000 euros for culture events. Our coro, we have here a beautiful coro who sings. They sing in.... I don't know. The Odemira has program and we provide also

entertainment in the events with the Camara of Odemira. With the village here we have regular football match Reliquias x Tamera. On Sunday the Poesia Samba Soul – who is here from São Paulo – Brazil – played in Reliquias. There was a sort of festival. A party, big party. Things like that. Or... there is a caminhada from Reliquias all the women from Reliquias who have a sort of interesting we could say, they walked here, we entertained them, we show Tamera, so exchanges you know... the children from the school in Colos come here and our children go to Colos school. Things like that.

K: For you and Tamera, in a short idea, what is the future of tourism?

F: For us, our tourism is the tourism where people come to study, it's about learning and education. Out of this, had been a place which provides education for the future. We have, of course, to put up the people who comes hands we are a type of tourism. And as I mention early on, we are growing immensely, I can see in another five years lots of people who will come here to see what we are doing. Particularly when this water retiring landscape is completely, this will be the only model in Europe, of this nature. And this is definitely – we know this much – true solution for many parts of Europe and in the world, particularly in the South Europe, where desertification is crowling(?) in. So we can rack too many people who come here. And now our first step is to build this Guest Centre, where we will have very good organized for about 150 people and I suppose when this will we will be full of tents again. I mean... for young people you can always have a tent somewhere around here.

In this much, as Tamera grows, its infrastructure for overnight will grow.

K: Let me just understand something: people who come here for the Guest House pay 20€ or 25€ and people who come for the Summer University pay for the whole month.

F: But you always have to pay the Guest House on the top of it extra, this is extra, because the fee for the Summer University includes sleeping in a tent with sixteen another people.

K: And the other people who come here for the Global Campus what do they pay?

F: No, they are paid out for the Student Found. I mean... this people couldn't afford to be here, so we have a Student Found, witch is by donation, people give money and we get money from EU project, EU support for youth they have different programs and don't know now by heart what the programmes are called, but they are you know... well know programmes where many people use for furthering (?) education and also informal education, because this is considerate informally education as a opposed to school, university, witch is formal. So we have a found for that.

K: Would be possible I see how much does Tamera get from donation? Is there any report about it?

F: I don't know. I would have to ask our financial minister, if he wants to make this known. All that I can tell is there is a found rising, and that is we have very good years and not so good years. We had years with hundred thousands come in and we had years with not so much in. Depending on how much we are being supported we can build, we can carry on expanding building up a model. Now these big lakes, we got quite a bit of money already, but is not there yet. We still need more money for the lake. The water retention, we have to say correctly. It's not a lake, looks like a lake.

K: How do people that decide to come to Tamera for a month pay?

F: Praticants they pay between 10 euros and 15 euros, depending where they come from. There is a bit of scale because you know... depending on the money situation in the country and pay 10 euros to 15 euros. Everybody pays who is here. Everybody contributes so that can be built.

K: And also does everybody have a function here?

F: Yes, everybody has a job, a function.

K: Just for finish. Do you do some kind of excursion with Tamera's visitors or give them some hints about what to do outside Tamera?

F: We go at least once to sea side. I just have been with the Colombians, half of them never have seen the sea. It was fantastic how they jumped in the waves and could


water. They enjoyed it so much. Yes, we always do excursion. Sometimes we have weeks where parents are coming from the people and then we have a parent group and we do it a lot and we go all over the places to show beautiful things in Alentejo

K: Where do you go? What do you do?

F: We go for instance to Sines we show them how to Vasco da Gama looked out to the sea, and its beautiful old town that is also culture interesting, with the cultural festival of Sines, the music, I like to do things over there. And we go ourselves to those events than we would go to Castro Verde, has a beautiful church, we go to Mil Fontes and go to all those beautiful beach with the people and when we go to Lisbon by car we drive often drive that way to Troia and go on the ferry and go to Setubal also very nice. People usually adore to see Portuguese little towns and villages because its also cosy. And of course, to Lisbon and to all the sides of Lisbon I particularly like the flea market – Feira da Ladra. We like to show the people how the country is inside.

K: That is it, Frieda. Thank you so much.

F: Thank you.

Mestrado em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos Aluna: Kelli Machado Tonon kellimachado@yahoo.com.br Orientador: Prof. Dr. Jorge Ricardo Ferreira		
Data: 11 /10/ 2011		
Hora: 10:00		Entrevista nº 2

Entrevista: estabelecimentos de turismo: Zmar

Kelli: Quanto tempo tem o Zmar?

Francesca: O Zmar abriu em Julho de 2009

K:O seu nome completo?

F: Francesca de Mello Brainer

K: Qual é a sua idade?

F: 27

K: Qual é a sua nacionalidade?

F: Portuguesa

K: Qual é a sua formação?

F: Eu formei-me em Marketing e Comunicação em Nova Iorque

K: Qual é a sua função no Zmar?

F: É comunicação, basicamente, mais gestão de satisfação, gestão das reclamações, gestão do cliente, um bocadinho de tudo no fundo.

K: Há quanto tempo você trabalha aqui no Zmar?

F: Desde antes da abertura, já faz uns quatro ou cinco anos. Sim, é um projecto que já estou a acompanhar desde que está no papel ainda.

K: Me explica como que esta o Zmar? É uma empresa privada?

F: É. Uma empresa privada. O proprietário é o meu pai. Foi ele que fundou e... Porque o meu pai toda a vida trabalhou em imobiliária, até que olhou para o mundo e reparou até por que o planeta não aguenta terras impermeabilizadas, não aguenta mais construções pesadas e de alvenaria e cimento, então a ideia foi fazer um produto completamente inovador, totalmente amigo do ambiente mas com design contemporâneo e que fosse acessível a todos. Tipo um produto de luxo, mas torna-lo acessível a todas as classes. Um produto de luxo, digo, de alta qualidade. Porque a qualidade dos materiais é altíssima, desde a madeira, até todas as infra-estruturas sustentáveis, ecológicas. Pronto!

Ao plástico reciclável. Tudo isto que nos estamos sentadas é plástico reciclável, que foi recolhido nos ecopontos nacionais. Por isso, havia esta grande preocupação ambiental, em fazer turismo com consciência ecológica, e também de poder tornar um produto de alta qualidade acessível a toda a gente que normalmente só é acessível as pessoas com dinheiro, mas o Zmar tem um óptima relação qualidade preço, então a ideia foi torna-lo acessível a todos.

K: E acaba por se destacar entre os campings que há aqui na zona, não é?

F: Ah sim. Não. Isso não tem nada a ver com um parque de campismo tradicional. Zero! Alias, nos temos aqui clientes de hotel e clientes de campismo. E vê-se bem essa separação aqui no Zmar.

K: Porque o Alentejo?

F: Porque não há nada! Por que não há nada e estamos juntos ao parque natural... Ao parque, a reserva natural do parque do sudoeste alentejano e... então isto era um conselho, maior conselho do país que tinha 722 camas, onde a taxa de desemprego é enorme, e pronto e nós vimos aqui uma oportunidade. Em poder trazer mais camas de forma sustentável aqui a região, sem chocar com a paisagem da região. Porque a pessoa passa na estrada e nem vê o Zmar, não é? Um empreendimento para 3 mil pessoas e está todo construído em madeira e está todo inserido na paisagem natural, ou seja não há um choque de alvenaria e de tijolos e... pronto, está super bem integrado na paisagem.

K: A capacidade então aqui é para 3mil pessoas?

F: Sim. 3000 mil. A contar com o campismo também....

3000 mil sem termos posto um tijolo no chão praticamente. Está todo construído em cima do solo. Que é dos problemas ambientais mais contestados, a impermeabilização dos solos. E aqui tudo foi construído acima solo. Sobre estacas de madeira, como pode ver, tipo está a ver.

K: Pois é, por um acaso eu reparei ali naqueles bangalos que tem no caminho.

Sim, verdade. Sim estão suspensos acima dos solos.

K: De uma forma sumária, fale sobre a trajectória do estabelecimento. De Julho de 2009 para cá, porque apesar de ser um curto espaço de tempo vocês já obtiveram diversos prémios, vários reconhecimentos.

F: Ah sim, já tivemos 8 prémios a nível nacional e internacional. De inovação, de Sustentabilidade, construção sustentável, melhor camping site da Europa para famílias. Variados. Desde o turismo de Portugal ao Turismo do Alentejo, prémios na Holanda, prémios na Inglaterra, por isso.

K: E vocês contaram com alguma, como posso dizer?

F: O que, financiamento?

K: Não só financiamento, mas também um suporte técnico? Tipo assim para ser tudo tão adequado?

F: Sim, nós desde o início da construção fomos ãh, estamos em parceria com a TUV. A TÜV Rheinland que é uma empresa alemã que certifica os hotéis como eco hotéis, eles são. Pronto, eles são muito rigorosos, eles não certificam qualquer entidade. Mas eles começaram a acompanhar o Zmar de base. Logo toda a construção foi acompanhada por eles. E... As coisas a partida foram feitas da forma correta.

K: Ao longo do tempo, o local sofreu modificações? Que tipo? Alguma obra de ampliação?

F: Não, ainda não, mas começou como um projecto faseado. A ideia era ter 250 destas unidades de madeira para dormir, 250 bangalos, só que neste momento estamos com 130. por que também pronto, há um investimento a ser pago, tem que haver viabilidade económica. E então pronto, a ideia inicial era termos ainda mais infra-estrutura mas começamos assim só.... Por enquanto.

K: Então de 2009 para cá não aumentou o numero de camas?

Não, nós agora recentemente há duas semanas instalamos aqui uma camarate enorme, claro que dentro do design todo do Zmar que esta ali posta. Só que não tem camas mas estamos a aumentar o numero de camas.

K: Que preocupações ambientais levou em consideração quando construiu o local?

Você já falou que este material aqui todo é reciclado...

F: É plástico reciclado. É plástico que foi recolhido em todos os ecopontos nacionais. E é uma empresa que é a Extruplas, Esta empresa que transforma este plástico reciclado em mobiliário exterior. E como pode ver nem choca porque isso não parece plástico não é, isto parece madeira.

K: É engana bem... E quais outras considerações ambientais foram...

F: Ui! Há uma quantidade delas, bom: Toda a energia, pronto, é utilizada energia solar térmica em todos os edifícios, ou seja a agua é aquecida com energia do sol, em todos os espaços comuns como pode ver os candeeiros tem energia solar fotovoltaica. Não há circulação dos carros, as pessoas circulam com o carro. Depois não são permitidas andar com o carro. Os nossos funcionários andam com buggys que são... que tem um painel solar incorporado, ou seja, também são movidos a energia do sol. Depois pronto temos uma ETA e uma ETAR que é para recuperação das águas, ou seja, todas as águas que sejam gastas aqui no Zmar não são desperdiçadas porque temos uma máquina que as transforma e que reutilizamos para regados espaços comuns. Depois apelamos a reciclagem de todos os.. Toda gente não é? Todos os nossos clientes. Temos 120 ecopontos a disposição de toda a gente. Depois fazemos visitas ambientais de flora...

Da explicação da flora e da fauna da região e fazemos visitas ambientais a ETA e a ETAR. Bom e há mais uma série de coisas pequenas, coisas agora que me estou a esquecer. Mas, Não utilizamos papel normal, só papel reciclado. Todos os produtos de limpeza são biodegradáveis. Só compramos produtos nacionais e locais quando podemos... para ajudar a economia local, também. Bom a uma série de...

K: Sim, e também há uma estação de tratamento do lixo?

F: Também, exactamente também há uma central de transferência de lixo, depois é recolhido pela ambilital, nos temos uma parceria com a abilital. Também temos um parceria com a AMI que é para recolher todo o material electrónico. Pronto, tudo o que nos podemos e que sabemos, fazemos. Pronto, isto é uma constante, as pessoas estão sempre a aprender, não é?

K: Houve alguma dificuldade de implementar alguma coisa do projecto original? Houve alguma dificuldade na lei, ou financeira...?

F: Foram quatro anos só de licenciamentos, mas é porque em Portugal tudo é assim. O único impedimento, não foi o único, mas o maior entrave neste país é a burocracia nacional, sem dúvida. Infelizmente, porque as pessoas estão lá fora e montam projectos que são... e ainda por cima é um projecto considerado PIN – de Potencial Interesse Nacional – quando estava ainda em fase de projecto no papel foi logo projecto PIN e mesmo assim foram quatro anos para licenciamento, por isso eu não imagino o quanto sofrem as outras empresas.

K: E por parte do governo, da Câmara Municipal?

F: Por parte da Câmara eles adoram-nos. Gostam imenso do Zmar e porque é uma coisa óptima aqui para o Concelho de Odemira, não é? Além de todas as camas que veio trazer, oferecemos emprego – logo de início foram 200 colaboradores, num Concelho onde havia grande taxa de desemprego, estamos a ajudar a economia local. Não... isso as pessoas aqui há um recepção muito boa da parte aqui das pessoas locais.

K: Qual é o fluxo de clientes do Zmar ao longo ano?

F: Assim, o desafio é a época baixa, claro. Nós estamos aqui no Alentejo, que é no meio do nada. Uma coisa é um hotel em Lisboa, que ainda consegue aguentar um inverno, mas para nós aqui o inverno é duro. Pronto. De Junho a Setembro nós estamos garantidos, temos o Zmar cheio. Agora o resto do ano é difícil, mas nós fazemos muito por isso, nós fazemos eventos temáticos, fazemos fins de semana, fazemos campanhas, reveillons, aproveitamos todas as épocas festivas, do Carnaval, Páscoa etc. É um desafio, mas estamos aqui para isso, para trabalhar, não é?

K: Depois seria possível você me mandar a média de clientes por ano, mês a mês?

F: Sim, depois pede-me isso num email para eu não esquecer, está bem?

F: Eu acho que no ano passado, eu não sei se estou a dizer uma barbaridade, eu tenho que confirmar esses números, mas no ano passado eu acho que tivemos cerca de 140 mil pessoas aqui no Zmar. Em Agosto eu sei que chegamos a ter 30 mil, 40 mil hóspedes cá dentro só no mês de Agosto. Mas pronto esse é o nosso melhor mês.

K: Qual é a média de hospedagem? Quantas noites costumam ficar hospedados?

F: Duas a quatro noites é a média.

K: Quantos funcionários o Zmar possui?

F: Começamos com 200, depois para 120 e agora em época baixa temos cerca de 70.

K: Costuma contratar funcionários sazonais?

F: Agora começamos a fazer isso porque no inverno não vale à pena ter aqui tanta gente, não é? E no verão precisamos recrutar mais, portanto, sim, a sazonalidade influencia.

K: Eles são da região ou estrangeiros?

F: São todos locais

K: Tem algum estrangeiro ou a maioria é local?

F: A maioria é mesmo local. Sim, temos um ou outro estrangeiro, mas a maioria são portugueses e são locais.

K: Eles recebem alguma formação? Que tipo?

F: Recebem.

K: Que tipo?

F: Ah, isso eu já não sei responder. Teria que perguntar à directora de recursos humanos. Mas pronto, primeiro há uma série de formações que são obrigatórias, de bom atendimento, de práticas ambientais, essas todas eu sei que já houve também, mas agora dizer certinha quais que são todas eu não sei.

K: O Zmar possui algum tipo de parceria fixa com as comunidades locais?

F: Nós temos uma parceria com a Achan, eles são, pronto, eles fornecem os produtos para o nosso mercado, mas depois, por exemplo, no bar, nós temos... nós fazemos... os gelados no bar são todos artesanais e são feitos por pessoas daqui que fazem o gelado em casa e depois vendem aqui para o Zmar. Pronto. Depois o peixe a mesma coisa, vamos aqui aos pescadores locais, tudo assim... e a comida aqui por um acaso é de muito boa qualidade. Nós tivemos especial atenção a isso.

K: Há alguma espécie de tarifa diferenciada para quem é aqui do Alentejo?

F: Não. Nós temos é uma tarifa de visitante, as pessoas querem vir visitar o Zmar – e essas pessoas são do Alentejo, porque as pessoas que vivem aqui não vem cá dormir – vem cá passar o dia, vem às piscinas, vem usar o nosso ginásio, usar o nosso spa, mas para isso nós criamos um cartão que é maioritariamente para as pessoas locais, da localidade. Por isso no fundo, sim, é como se houvesse uma tarifa especial para eles.

K: E esse cartão foi criado a partir de uma motivação externa?

F: Foi criado desde o início. Assim... começamos... aqui no Alentejo não há um ginásio como o nosso, não há um spa como o nosso por isso decidimos dar essa oportunidade às pessoas daqui das localidades querem vir e daí ao invés de estarem sempre a pagar para entrar, criamos um cartão, eles pagam uma mensalidade e eles podem usufruir aqui dos serviços.

K: Funciona por mês também. Qual é o valor da mensalidade?

F: Eu não me lembro neste momento...

K: Que tipo de indicações turísticas dá aos seus hóspedes?

F: Nós temos ali um ponto de informação, que é o Zinfo, e nós temos parcerias com companhias locais desde acções de aventura, de animação turística e pronto, as pessoas querem serviços externos do Zmar e nós enviamos elas para essas empresas com quem temos parcerias.

K: Conhece o PENT – Plano Estratégico Nacional do Turismo?

F: Não.

K: Bem... o PENT estabeleceu o produto “sol e mar” como o que tem mais a ver com o Alentejo. O que você acha dessa classificação?

F: Eu acho que é justa. Nós aqui temos sol praticamente o ano inteiro, praticamente não chove. Quer dizer, não... no inverno já tivemos chuvas fortes, não, mas sim, como pode ver... não é... estamos a meio de Outubro e estamos a 30 graus, às 10h da manhã. Sim, e além de todas as praias. E as pessoas vem aqui à procura disso: de descanso, de tranquilidade. Quer dizer, nós temos todo tipo de cliente. Temos os clientes que entram no Zmar, estão cá uma semana e nem sequer saem uma vez para ir à praia, ficam cá o tempo inteiro na piscina. Mas pronto, é porque temos os serviços disponíveis, não é? Mas também temos o cliente de aventura e, para isso, também temos o arvorismo, mais os campos de ténis, mais os percursos pedestres. Mas sim, acho que está bem caracterizado, sol e mar sem dúvida.

K: Qual é o tamanho da área do Zmar?

F: São 81 hectares.

K: Para você, quais são as três ideias-chave que vão definir o turismo num futuro próximo?

F: Nós criamos o Zmar de acordo com a nossa visão do futuro e de como o turismo do século XXI deveria ser, que é sustentável, então logo aí uma das minhas palavras é a

sustentabilidade, turismo com consciência ambiental, amigos do ambiente, as pessoas vão fazer turismo, precisam ter consciência do que estão a pagar, o que estão a gastar e pronto no Zmar há sempre essa comunicação com o cliente, das preocupações ambientais.

K: E qual é o perfil do turista que normalmente visita?

F: Há todo tipo de gente, mas maioritariamente famílias. É maioritariamente famílias e entre os 30 e 40 anos.

K: E com filhos pequenos, então?

F: Sim, também e o Zmar é... as crianças são os clientes mais fiéis do Zmar, as crianças adoram o Zmar, nunca querem sair daqui. Nós temos uma área que agora não dá para ver daqui, que é ali mais longe, mas que é só dedicada às crianças, tem uma casa com workshops e actividades, eco-actividades, tem um parque de diversões todo construído em madeira também. Ah. E depois outra coisa também, o Zmar – esse é uma das outras coisas chave para o turismo no futuro – que é acessibilidade. O Zmar foi todo construído a pensar nas pessoas que se locomovem em cadeiras de roda, todo. Nós até temos oito alojamentos que são todos adaptados a isso e mesmo na zona das crianças, nós temos um parque de diversões e há brinquedos de propósito construídos para crianças em cadeira de rodas, por isso isso também é uma coisa muito importante para o turismo no futuro, que a maior parte das unidades hoteleiras deixa de lado, que é acessibilidade. Portanto, eu diria sustentabilidade e acessibilidade, acessibilidade tanto para as pessoas com problemas motores, de movimentação, como também para pessoas que não tenham muito dinheiro e merecem fazer férias de qualidade. Acessibilidade nesses dois sentidos.

**Mestrado em Ecologia Humana e Problemas Sociais
Contemporâneos**

Aluna: Kelli Machado Tonon

kellimachado@yahoo.com.br

Orientador: Prof. Dr. Jorge Ricardo Ferreira



Data: ____ / ____ / 2011

Hora: ____:____

Inquérito n° ____

Inquérito: utilizadores de estabelecimentos de turismo

1. Sexo?

- a. Masculino
- b. Feminino

2. Nacionalidade? _____

3. Onde vive?

- a. Portugal
- b. Espanha
- c. França
- d. Alemanha
- e. Reino Unido
- f. Outro: _____

4. Idade?

- a. Até 24 anos
- b. 25 – 34 anos
- c. 35 – 44 anos
- d. 45 – 54 anos
- e. 55 – 64 anos
- f. Mais de 65 anos

5. Formação?

- a. 1º ciclo (4ª classe)
- b. 2º ciclo (preparatório)
- c. 3º ciclo (9º ano)
- d. Ensino secundário (12º ano)
- e. Licenciatura/ Bacharelado
- f. Mestrado/ Doutoramento

6. Ocupação?

- a. Empregado
- b. Desempregado
- c. Estudante
- d. Pensionista
- e. Outro _____

7. Qual é a sua profissão? _____

8. Qual é o seu rendimento individual mensal médio?

- a. Até 500 €
- b. Até 1.000 €
- c. Até 1.500 €
- d. Até 2.000 €

e. () Acima de 2.500 €

9. Costuma adoptar hábitos chamados “sustentáveis”? (*múltipla escolha*)

- a. () Recicla o lixo
- b. () Consume produtos orgânicos
- c. () Faz permacultura
- d. () É vegetariano
- e. () Não sabe/ não responde
- f. () Outros _____

10. Costuma realizar voluntariado?

- a. () Sim, frequentemente
- b. () Sim, menos frequente
- c. () Gostaria, mas não tenho tempo
- d. () Não

11. Quantos dias tira de férias por ano?

- a. () 1 – 5
- b. () 5 – 10
- c. () 10 – 15
- d. () 15 – 20
- e. () Mais de 20

12. Como planeia as suas férias?

- a. () Agência de turismo
- b. () Publicidade
- c. () Guias e revistas especializadas
- d. () Consulta guias e sítios online
- e. () Busca referências com amigos

13. Qual é o tipo de viagem que costuma realizar nas férias?

- a. () Natureza
- b. () Praia
- c. () Museus
- d. () Cidade
- e. () Estrangeiro

14. Qual é o factor determinante na hora de decidir o destino das férias?

- a. () Recreio e lazer
- b. () Contacto com a natureza
- c. () Património histórico-cultural
- d. () Auxílio a comunidades locais
- e. () Outro _____

15. Costuma viajar:

- a. () Sozinho
- b. () Com companheiro (a)
- c. () Com a família (filhos, pais, avós)
- d. () Com amigo (s)
- e. () Em excursões
- f. () Outro _____

16. Quantos dias passará no Alentejo?

- a. () 1 – 3
- b. () 3 – 5

- c. 5 – 7
- d. 7 – 10
- e. Mais de 10

17. Qual é o principal motivo DESTA viagem?

- a. Férias
- b. Negócios
- c. Festival de música. Qual? _____
- d. Outro evento na região. Qual? _____
- e. Curso de formação, escola de verão etc

18. Como se deslocou até aqui? – Caso tenha utilizado mais de um meio de transporte, assinale todos indicando a ordem de uso. Por exemplo: (1) Avião, (2) carro alugado

- a. Avião
- b. Comboio
- c. Autocarro
- d. Carro próprio
- e. Carro alugado

19. Porque escolheu este estabelecimento para se hospedar?

- a. Descansar
- b. Curiosidade
- c. Já conhecia
- d. Indicação de um amigo
- e. Interesse com a proposta ambiental
- f. Outro _____

20. Quais actividades fez/ vai fazer nestas férias?

- a. Roteiro turístico típico da região, indicado pelo posto de Turismo
- b. Actividades com mais contacto com a natureza
- c. Actividades de aventura
- d. Piscina e os demais atractivos do estabelecimento
- e. Outros _____

21. Adquiriu algum souvenir regional?

- a. Sim. O que? _____
- b. Não

22. Acha que esse estabelecimento contribui para o desenvolvimento da localidade?

- a. Concordo
- b. Concordo parcialmente
- c. Não concordo, nem discordo
- d. Discordo parcialmente
- e. Discordo
- f. Não sabe/ não responde

23. Acha que esse estabelecimento adopta práticas sustentáveis?

- a. Concordo
- b. Concordo parcialmente
- c. Não concordo, nem discordo
- d. Discordo parcialmente
- e. Discordo
- f. Não sabe/ não responde

Master Degree in Human Ecology and Social Problems

Student: Kelli Machado Tonon

kellimachado@yahoo.com.br

Orientation: Prof. PhD. Jorge Ricardo Ferreira



FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Questionnaire nº _____

Date: ____ / ____ / 2011

Hour: ____:____

Tourist behavior questionnaire

24. Gender:

- a. Male
- b. Female

25. Country of birth: _____

26. Country where you currently live:

- g. Portugal
- h. Spain
- i. France
- j. Deutschland
- k. United Kingdom
- l. Other: _____

27. Age:

- g. less than 24 years old
- h. 25 – 34 years old
- i. 35 – 44 years old
- j. 45 – 54 years old
- k. 55 – 64 years old
- l. 65+ years old

28. What is your highest level of education?

- g. 1º cycle (4ª classe)
- h. 2º cycle (preparatório)
- i. 3º cycle (9º ano)
- j. High School
- k. University degree
- l. Master or Ph.D.

29. Tell us about your current working status?

- a. Employed
- b. Unemployed
- c. Student
- d. Retired
- e. Other _____

30. What is your main work expertise/Profession? _____

31. Individual monthly earnings?

- f. Up to 500 €
- g. Up to 1.000 €
- h. Up to 1.500 €
- i. Up to 2.000 €
- j. Over 2.500 €

32. What of those habits do you usually employ at your daily life? – Multiple choice

- a. Recycle
- b. Consume Organic products
- c. Employ permaculture
- d. Vegetarianism
- e. Do not know/ Do not answer
- f. Other _____

33. Are you engaged in any Volunteering program?

- e. Yes, I'm frequently engaged and participate in volunteering programs
- f. Yes, some times I support volunteering programs
- g. No, I don't have enough time to engage in a volunteering program
- h. No, I don't support volunteering programs

34. How many days of vacation do you have per year?

- f. 1 – 5 days
- g. 5 – 10 days
- h. 10 – 15 days
- i. 15 – 20 days
- j. Over 20 days

35. How/ where do you get the idea to go on vacation?

- f. Tourism agency
- g. Advertisement
- h. Specialized Books and/or Magazines
- i. Online Research
- j. Friends and Family references

36. What is your usual destination when it comes to your vacation?

- f. Nature
- g. Beach
- h. Museum
- i. City Center
- j. Abroad/Other countries

37. What is most important when you decide your holiday's destination?

- f. Leisure and Entertainment
- g. Wilderness and Nature sights
- h. Historical and Cultural Monuments
- i. Local Community engagement
- j. Other _____

38. With whom do you usually travel with?

- g. alone/by yourself
- h. with a partner (fiancé, husband or wife, girlfriend or boyfriend)
- i. with your family (children, parents)
- j. with a friend or colleague
- k. Arranged tourist packages
- l. Other _____

39. How many days are you planning to stay in Alentejo?

- f. 1 – 3 days
- g. 3 – 5 days
- h. 5 – 7 days
- i. 7 – 10 days

j. () Over 10 days

40. What is the main propose on this trip?

- f. () Vacation
- g. () Business
- h. () Music Festival. Which? _____
- i. () Regional Event. Which? _____
- j. () Studies: summer school, training, etc

41. What transportation have you used to get into here? – If you have used more than one transport please answer using the order of use. For Example: (1) airplane, (2) rent a car

- f. () Airplane
- g. () Train
- h. () Autobus
- i. () Personal Automobile
- j. () Rent a Car

42. Why have you choose this destination?

- g. () to rest
- h. () curiosity
- i. () already know
- j. () Friend indication
- k. () Environmental concerns
- l. () Other _____

43. What activities have been planned or executed during this vacation?

- f. () Regional tourists attraction indicate by the local Tourism Information Center
- g. () Nature and wilderness activities
- h. () Adventure/ Cycling/ Hiking /Surf etc
- i. () Swimming pool and activities organized on your hotel
- j. () Others _____

44. Have you bought or have any plans to buy a regional souvenir?

- c. () Yes. What? _____
- d. () No

45. Do you think this establishment contributes to the location it's inserted?

- g. () Agree
- h. () Partially agree
- i. () Neither agree or disagree
- j. () Partially disagree
- k. () Disagree
- l. () Do not know / Do not Answer

46. Do you think this establishment adopts sustainable practices?

- a. () Agree
- b. () Partially agree
- c. () Neither agree or disagree
- d. () Partially disagree
- e. () Disagree /
- f. () Do not know / Do not Answer

Respostas aos inquéritos consolidadas

Q1. Sexo	Zmar	Tamera
Masculino	8	13
Feminino	12	9
Q2. Nacionalidade		
Q3. Onde vivem	Zmar	Tamera
Portugal	16	1
Espanha	1	0
França	0	0
Alemanha	1	9
Reino Unido	1	1
Outro:	1	11
Q4. Idade	Zmar	Tamera
Até 24 anos	8	0
25 – 34 anos	5	1
35 – 44 anos	3	9
45 – 54 anos	3	5
55 – 64 anos	1	6
Mais de 65 anos	0	1
Q5. Formação	Zmar	Tamera
1º ciclo (4ª classe)	0	0
2º ciclo (preparatório)	0	0
3º ciclo (9º ano)	4	3
Ensino secundário (12º ano)	9	2
Licenciatura/ Bacharelado	4	11
Mestrado/ Doutoramento	3	6
Q6. Ocupação	Zmar	Tamera
Empregado	13	8
Desempregado	2	0
Estudante	4	0
Pensionista	0	3
Outro	1	11
Q7. Qual é a sua profissão		
Q8. Qual é o seu rendimento individual mensal médio	Zmar	Tamera
Sem Resposta	2	0
Até 500 €	6	0
Até 1.000 €	6	4
Até 1.500 €	3	2
Até 2.000 €	2	1
Acima de 2.500 €	1	15
Q9. Costuma adoptar hábitos chamados “sustentáveis” (múltipla escolha)	Zmar	Tamera
Sem Resposta	1	1
Recicla o lixo	16	18
Consume produtos orgânicos	6	15
Faz permacultura	0	5
É vegetariano	3	10
Não sabe/ não responde	1	1
Outros	0	4
Q10. Costuma realizar voluntariado		
Sem Resposta	0	1
Sim, frequentemente	7	0
Sim, menos frequente	4	8
Gostaria, mas não tenho tempo	5	9
Não	4	4
Q11. Quantos dias tira de férias por ano	Zmar	Tamera
Sem Resposta	1	1
1 – 5	0	3
5 – 10	3	0
10 – 15	4	0
15 – 20	7	2
Mais de 20	5	16
Q12. Como planeia as suas férias	Zmar	Tamera
Sem Resposta	1	1
Agência de turismo	6	0
Publicidade	4	0
Guias e revistas especializadas	0	2
Consulta guias e sítios online	6	4
Busca referências com amigos	7	17

Q13. Qual é o tipo de viagem que costuma realizar nas férias	Zmar	Tamera
Sem Resposta	0	3
Natureza	8	14
Praia	17	6
Museus	2	3
Cidade	2	3
Estrangeiro	5	8
Q14. Qual é o factor determinante na hora de decidir o destino das férias	Zmar	Tamera
Sem Resposta	0	1
Recreio e lazer	14	1
Contacto com a natureza	4	15
Património histórico-cultural	2	5
Auxílio a comunidades locais	0	5
Outro	2	3
Q15. Costuma viajar:	Zmar	Tamera
Sem Resposta	0	2
Sozinho	2	9
Com companheiro (a)	7	7
Com a família (filhos, pais, avós)	10	5
Com amigo (s)	7	4
Em excursões	0	0
Outro	0	0
Q16. Quantos dias passará no Alentejo	Zmar	Tamera
Sem Resposta	0	1
1 – 3	6	1
3 – 5	6	3
5 – 7	1	4
7 – 10	3	5
Mais de 10	4	8
Q17. Qual é o principal motivo DESTA viagem	Zmar	Tamera
Sem Resposta	0	0
Férias	17	1
Negócios	2	3
Festival de música.	1	0
Outro evento na região.	0	3
Curso de formação, escola de verão etc	0	17
Q18. Como se deslocou até aqui – Caso tenha utilizado mais de um meio de transporte	Zmar	Tamera
Sem Resposta	0	0
Avião	4	20
Comboio	0	7
Autocarro	0	3
Carro próprio	16	1
Carro alugado	3	4
Q19. Porque escolheu este estabelecimento para se hospedar	Zmar	Tamera
Sem Resposta	0	0
Descansar	5	0
Curiosidade	12	2
Já conhecia	6	6
Indicação de um amigo	1	6
Interesse com a proposta ambiental	4	5
Outro	0	6
Q20. Quais actividades fez/ vai fazer nestas férias	Zmar	Tamera
Sem Resposta	0	0
Roteiro turístico típico da região, indicado pelo posto de Turismo	4	0
Actividades com mais contacto com a natureza	3	9
Actividades de aventura	10	1
Piscina e os demais atractivos do estabelecimento	11	1
Outros	1	12
Q21. Adquiriu algum souvenir regional		
Sem Resposta	0	1
Sim. O que	3	8
Não	17	13
Q22. Acha que esse estabelecimento contribui para o desenvolvimento da localidade		
Sem Resposta	0	0
Concordo	18	18
Concordo parcialmente	2	3
Não concordo, nem discordo	0	0
Discordo parcialmente	0	1
Discordo	0	0
Não sabe/ não responde	0	0
Q23. Acha que esse estabelecimento adota práticas sustentáveis		
Sem Resposta	0	1
Concordo	18	18
Concordo parcialmente	2	2
Não concordo, nem discordo	0	0
Discordo parcialmente	0	0
Discordo	0	0
Não sabe/ não responde	0	1

Dados brutos de respostas aos inquéritos – TAMERA

Tamera - Dados Brutos codificados																	
ID #	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7	Q8	Q9	Sustainable habits	Q10	Q11	Q12	Q13			
1	2	Germany	4		3	3	1		Media Designer		2	1		2	5	3	1
2	2	Switzerland	6	Switzerland	5	5	5	Private Praticce	Psychotherapy		5	1,2		2	5	5	1
3	2	Germany	1		4	4	4				5	1,2,3,4		2	5	4,5	1,5
4	1	England	5		2	6	5	Self Employed	Artist/Engineer		5	1,2		3	5	5	5
5	2	Austria	6	Austria	4	5	5	Free Lancer	Promotion/Decoration		4	1,2,3,4		4	1	5	1
6	1	Equatoriano	4		3	5	5	Enterprenneur	Permaculture and Organic Construction		2	1,2,3,4,6	Sustainable Houses	3	1	5	1
7	1	Colombian	6	Austria	3	5	1		Documnetary Filmmaker		3	12,6	Carsharing since 2002	2	4	4,5	1,2,3,4,5
8	1	Turkey	6	Turkey	5	6	5	Univesity Professor	Civil Engineer		3	1,2		2	4	5	1,2
9	1	Austria	6	Austria	4	3	1		Wood Company		5	0		0	0	0	0
10	1	Germany	4		5	6	5	Self Employed	Solar Engineer		5	1		3	1	5	5
11	1	Germany	6	Switzerland	3	5	5	Self Employed	Consulting		2	1,2,4		3	5	5	1
12	2	USA	6	USA	5	6	5	Self Employed	Author Prycologist		5	1,2,3,4		2	5	5	5
13	1	Austria	6	Austria/India	3	3	1		Professional Driver		5	2		2	5	4	1,2
14	1	Switzerland	6	Switzerland	3	5	1		Social Worker		5	1,2,6	Selfwork	3	5	5	1,2,3,4,5
15	2	Austria	6	Switzerland	3	5	5	Self Employed	Teacher/ Therapist		5	1,2,4,6	Use public Transport/ No car	2	5	5	1,2
16	2	Germany	4		4	6	5	Self Employed	Medic. Doctor		5	1,2,4		3	5	5	0
17	1	Germany	4		5	6	4		Mathematician		5	1,2,4		3	5	5	0
18	1	Switzerland	6	Switzerland	5	5	1		Computer		5	1,2,4		4	5	4	1,2,5
19	2	Israel	4		6	5	4				2	3		3	5	5	5
20	1	Germany	4		4	5	5	Self Employed	Finance		5	5		3	5	3	3,4
21	1	Germany	4		3	5	1		Controller		5	1		4	5	5	1
22	2	Germany	4		3	4	1		Tax Expert		5	1,4		4	5	5	1

Q14		Q15	Q16	Q17		Q18	Q19	Destination motivation	Q20	Vacation Activity	Q21	Regional souvenir	Q22	Q23
2,3		1	5	2		1	6	Work	2		2		2	2
2		1,2,4	5	5		1	3		5	Cooperativism and permaculture	1	Spices and Herbs	1	1
2,4		1,2	4	5		4	3		2	Study time and retreat	2		1	1
2,3		4	2	2,5		1,2	5,6	Water Symposium	2		2		1	1
2		1	4	5		1	4		5	Seminar	2		1	6
2		3	3	5		1	5		5	Permaculture Study	2		1	1
2,3		1,4	2	4	Water symposium	1,5	2,4,5		2		0		1	1
2		3	1	5		1,2,3	5		5	Water Symposium	2		1	1
0		0	0	5		1	4		2		1	???	4	0
2		1	2	5		1,2	6	Study Solar Techniques	2		2		1	1
2		1	4	2		1,2	3		3		2		1	1
5	Studies	2	3	5		1,2	6	Professional Interest	5		2		1	1
2		1	3	5		5	3		5	Meditation	2		2	2
5		2	4	5		1,3	2		5		1		1	1
2,5	Studies in Sustainability	0	4	5		1,3	3		5		1		1	1
4		2	5	4		1	4		5	Community Development	1		1	1
4		2	5	4		1	4		5	Future Studies	1		1	1
1,2,3,4		2	5	1,5		1,2	5		2,4		2		1	1
4		4	5	5		1	3		5	Learning Permaculture	1	Handcrafts	2	1
3		1,3	3	5		1,2	4		5	Enquiry	2		1	1
2		3	5	5		1,5	6	Special Interest	2		1		1	1
2		3	5	5		1,5	6	Special Interest	2		2		1	1

Dados brutos de respostas aos inquéritos – ZMAR

ZMAR - Dados Brutos codificados																										
ID #	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7	Q8	Q9	Q10	Q11	Q12	Q13	Q14	Q15	Q16	Q17	Q18	Q19	Q20	Q21	Q22	Q23			
1	1	Spain	2	2	5	2		0	4	1	3	1	1,2,5	2	1	1	3	SW201	2	2	3,4	2	1	1		
2	2	Portugal	1	1	4	3		1	1,2	4	5	5	2	1	4	5	1		4	4	4	2	1	1		
3	2	Portugal	1	1	4	1	Rececionista	1	1	3	3	4	2	5	Preço	4	5	2	4	3	1	2	1	2		
4	2	Portugal	1	1	4	1	Rececionista	1	1	4	4	5	2	1		4	5	2	1	5	3	2	1	1		
5	2	Portugal	1	2	4	1	Rececionista	2	1	3	2	5	2	1		2	3	1	4	2	2	2	2	1		
6	2	Portugal	1	4	5	1	Professora	4	1,2,4	2	5	5	2,5	1	2,3	4	1		4	3	2,4	1	Pão e Mel	1	1	
7	2	Portugal	1	1	4	3	Estudante	1	1,2	4	5	5	1,2	2	2,3,4	2	1		4	1,2,3,5	2,3,4	2	1	1		
8	1	Portugal	1	1	4	3		1	0	4	5	5	2,4,5	1	2,3,4	2	1		4	2,3,5	3,4	2	1	1		
9	2	Portugal	4	1	3	1	Administrativa	2	1	3	3	4	2	1	4	2	1		2	2	3	2	2	2		
10	2	Portugal	1	3	5	1	Diretora Animação	3	1,2	2	5	4	1,2	1	3	5	1		4	5	3	2	1	1		
11	1	Portugal	1	4	6	1	Clinico	4	1	1	4	1	4,5	3	1,3	2	1		4	1,2	4	2	1	1		
12	2	Scotland	5	5	6	1	Teacher	5	1,2,4	3	4	4	2	2	2	4	1		2	2	5	Doing Sex	1	Condoms	1	1
13	1	Portugal	1	2	4	5	Vendedor	2	1	3	3	1	2	1	3	2	1		4	1,2	1	2	1	1		
14	2	Portugal	1	1	3	3		0	5	2	0	0	2	1	3	4	1		4	2	3,4	2	1	1		
15	2	Portugal	1	2	5	1	Secretária	2	1	1	4	1	1,2	1	3	1	1		4	3	1	2	1	1		
16	2	Brasil	1	2	3	2		1	2	2	4	2	1,2,3	1	4	1	1		4	1	3,4	2	1	1		
17	1	Portugal	1	4	6	1	Assistente	3	1	1	4	1	1,2,3	1	3	1	1		4	3	3,4	2	1	1		
18	1	Portugal	1	3	3	1	Taxista	2	1	1	2	4	1,2	1	2	1	1		4	2	4	2	1	1		
19	1	Holland	6	Holland	3	4	Local Service	3	1	1	4	2	1	1	3	1	1		4	1,2	1	1	Jam from the market	1	1	
20	1	Portugal	1	1	4	1	Empregado de Mes	2	1	1	2	2	5	5	Recursos Financeiro	2	2	1		4	2	3,4	2	1	1	